

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Marcelino de Almeida

**OLHO VIVO
HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL ALTERNATIVO EM
SOROCABA: 1997 A 2004**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Sorocaba/SP
2009
Marcelino de Almeida**

**OLHO VIVO
HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL ALTERNATIVO EM
SOROCABA: 1997 A 2004**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

Sorocaba/SP 2009

Ficha Catalográfica

A449o Almeida, Marcelino de
Olho vivo : história do movimento estudantil alternativo em Sorocaba : 1997 a 2004 /Marcelino de Almeida. -- Sorocaba, SP, 2009.
177 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.
Inclui anexos.

1. Movimentos estudantis - Sorocaba (SP) - História. 2. Estudantes – Atividades políticas. 3. Educação – Sorocaba (SP) – História. I. Barreira, Luiz Carlos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Marcelino de Almeida

**OLHO VIVO
HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL ALTERNATIVO EM
SOROCABA: 1997 – 2004**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 31/08/09

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: _____
Pres.: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira
Universidade de Sorocaba

Ass.: _____
1º Exa.: Profª Drª Vera Lúcia Sabongi de Rossi
Universidade de Campinas

Ass.: _____
2º Exa.: Prof. Dr. José Luis Sanfelice
Universidade de Sorocaba

Dedico este trabalho a todos os militantes do Olho
Vivo

AGRADECIMENTOS

Uma vida, ou parte dela, dedicada à luta pela transformação social em favor dos menos favorecidos é no mínimo poética, quando se configura apenas no campo da retórica e/ou do mundo das idéias.

Quando da materialização deste desejo, da passagem do discurso utópico à ação prática, o militante socialista, engajado na construção do processo revolucionário, encontra desafios que não foram previstos pelos teóricos.

A dedicação e a disciplina necessárias para avançar com o sonho socialista impõem restrições e dificuldades que se somam à luta revolucionária.

Por isso agradeço, antes de tudo, pela compreensão daqueles, que mesmo não sendo militantes, sempre estiveram ao meu lado, perdoaram minhas ausências e falhas, e com os quais sempre pude contar: minha mãe Rosalina, meu pai Durvalino, minha irmã Maria Lúcia, meus filhos Luan e Sol; e a Josiane, a quem devo muito.

Agradeço também ao meu irmão Antonio de Pádua, que apesar de todas as dificuldades, sempre foi a fortaleza da nossa família e com quem aprendi as primeiras lições que me levaram a militância.

Aos militantes do Olho Vivo, em especial: Márcio, Rodrigo, Raul Marcelo, Wellingthon, Thiago, Maria, Tânia, Misa, Fernanda, Josimar, Amanda, Patric, Rogério, Júlio, Lauren, Rafael e todos os demais que contribuíram com o movimento estudantil.

Não posso deixar de agradecer aos militantes da JOC, da Pastoral da Juventude e em especial aos valorosos militantes do MST.

Um agradecimento especial à Carol, que iniciou sua militância no Olho Vivo e hoje se dedica à construção da APEOESP.

Meu agradecimento carinhoso a Rosangela Quequetto, que hoje me acompanha, sempre me apoiando e incentivando; a quem devo também grande ajuda para a realização desta dissertação.

À Carol, Patric, assim como aos funcionários do Gabinete de Leitura de Sorocaba que me ajudaram com as fontes de pesquisa.

E finalmente agradeço a paciência do professor Luiz Carlos Barreira, que me abriu as portas ao mundo acadêmico.

Quando aumenta a repressão, muitos desanimam.

Mas a coragem dele aumenta.

Organiza sua luta pelo salário, pelo pão

e pela conquista do poder.

Interroga a propriedade:

De onde vens?

Pergunta a cada idéia:

Serves a quem?

Ali onde todos calam, ele fala

E onde reina a opressão e se acusa o destino,

ele cita os nomes.

À mesa onde ele se senta

se senta a insatisfação.

À comida sabe mal e a sala se torna estreita.

Aonde o vai a revolta

e de onde o expulsam

persiste a agitação.

(Bertolt Brecht)

RESUMO

A pesquisa teve por objeto a atuação do Olho Vivo, movimento estudantil alternativo de Sorocaba, no período de 1997 a 2004. Num momento de predominância do neoliberalismo e de refluxo das organizações sociais (sindicatos, partidos políticos de esquerda, UNE e UBES), como foi sua origem e desenvolvimento? Qual a causa do êxito desta corrente do Movimento Estudantil em prejuízo das demais? A relevância do trabalho se deve ao pequeno número de pesquisas acadêmicas voltadas à participação política da juventude e ao sucesso do Olho Vivo, que se fez hegemônico na luta estudantil em Sorocaba, destacando-se na formação política e teórica de uma geração de jovens que hoje se colocam como alternativa política na cidade e norteiam a militância de várias organizações e agrupamentos políticos no estado de São Paulo.

Utilizamos os referenciais teóricos marxistas e adotamos como principais procedimentos metodológicos: entrevistas com ex-dirigentes e pesquisa em documentos oficiais da USE e do DCE-UNISO, além de consultas na imprensa local e nas publicações do próprio movimento. A hipótese levantada para explicar o sucesso do Olho Vivo foi o acerto na opção teórica somado a práxis política, aliando trabalho de base, formação e luta; traduzido na ousadia de saírem para as ruas pregando a organização dos estudantes e realizando ações de grupos e manifestações de massa.

Linha de pesquisa: *História e historiografia: políticas e práticas escolares*

Área de concentração: *Educação escolar*

ABSTRACT

The research was aimed at the performance of the student movement in Sorocaba, in the period 1997 to 2004. In a moment of dominance of neoliberalism and reflux of social organizations (trade unions, political parties of left, and UBES UNE), how was the origin and development of Olho Vivo? What is the cause of the current success of the Student Movement to the detriment of others? The relevance of the work is due to the small number of academic research devoted to the political participation of youth and the success of the Olho Vivo, which was hegemonic in the student struggle in Sorocaba, especially in political and theoretical training of a generation of young people today arise as a political alternative in the city and guide the advocacy of several organizations and political groups in the state of São Paulo. Using the theoretical marxists references with

the main methodological procedures: interviews with former managers and research in official documents of the USE and the DCE-Uniso, and consultations in the local press and in publications of the movement. The hypothesis to explain the success of the Olho Vivo was hit in the theoretical option added to practice, combining work-based, training and fighting; translated in daring to go out to the streets preaching the organization of students and performing actions of groups and events mass.

Line of research: History and Historiography: political and school practices.

Area of concentration: school education.

LISTA DE SIGLAS

ALN – Ação Libertadora Nacional

APEOESP – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

CEFAM – Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

CIE – Carteira de Identificação Estudantil

CODESO – Companhia de Desenvolvimento de Sorocaba

COMEB – Conselhos Municipais de Entidades de Base

CPC – Centro Popular de Cultura

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CUT – Central Única dos Trabalhadores

DCE-PUCCAMP – Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DCE-UNISO – Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Sorocaba

DRU – Desvinculação das Receitas da União

ENE – Encontro Nacional de Estudantes

ETE – Escola Técnica Estadual

FADI - Sorocaba – Faculdade de Direito de Sorocaba

FATEC – Faculdade de Tecnologia

FHC – Fernando Henrique Cardoso

IPESO – Instituto de Pesquisa de Sorocaba

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

JOC – Juventude Operária Católica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MLM – Movimento de Luta por Moradia

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MSU – Movimento dos Sem Universidades

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PFL – Partido da Frente Liberal

PHS – Partido Humanista da Solidariedade

PJ – Pastoral da Juventude

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNE – Plano Nacional de Educação

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSDC – Partido da Social Democracia Cristã

PT – Partido dos Trabalhadores

UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UCES – União Campinense de Estudantes Secundaristas

UEE – União Estadual dos Estudantes

UEE-SP – União Estadual dos Estudantes Universitários do estado de São Paulo

UJS – União da Juventude Socialista

UMES – União Municipal de Estudantes Secundaristas

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNISO – Universidade de Sorocaba

UPES – União Paulista dos Estudantes Secundaristas

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USE – União Sorocabana de Estudantes

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1. A REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL SOROCABANO PÓS

DITADURA MILITAR	23
1.1 – Movimento estudantil de Sorocaba e a USE	25
1.2 – Uma proposta diferente – <i>Olho Vivo</i>.....	38
1.3 – Globalização, Neoliberalismo, governos FHC e Amary.....	42
2. CONSTRUÇÃO DO OLHO VIVO.....	53
2.1- Por Dentro das Entidades.....	60
2.2 - Saindo às Ruas.....	67
2.3 - Acumulando Forças	78
3. LUTA PELO PASSE LIVRE.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	136

INTRODUÇÃO

Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam dele, e dessa forma se aliam àqueles que exploram o povo. (Florestan Fernandes)

A primeira justificativa necessária é o porquê de escrever a história de estudantes, de um movimento social, daqueles que se dispuseram a organizar a juventude estudantil, realizaram ações políticas na defesa de bandeiras de luta específicas e contribuíram na luta de classes a favor dos explorados, sonhando com a construção de uma nova sociedade. De acordo com Félix (1998, p.17),

[...] todo o povo que tiver “a história na mão” como instrumento de construção, isto é, quem tiver memória e consciência histórica, com mais segurança, será dono do seu presente e do seu futuro. Todo o grupo social que esquece seu passado, que apaga sua memória é mais facilmente presa de artimanhas e interesses de grupos; penaliza seu presente e desorienta-se diante do futuro.

Devemos destacar também a perceptível ausência de pesquisas sobre a juventude, em especial sobre a organização política dos jovens estudantes. Arcos (2004) analisando a produção acadêmica (teses e dissertações), apresentadas e defendidas nos programas de pós-graduação em Educação, no período de 1980 a 1998¹, revela que de um total de 8.667 trabalhos (1.167 teses e 7500 dissertações) apenas 4,46% abordam o tema juventude, totalizando 387 trabalhos (55 teses e 332 dissertações). Deste total apenas 5,94% pesquisam a participação política dos jovens, sendo 23 trabalhos: 8 teses e 15 dissertações. No entanto, esta porcentagem se torna ainda menor quando a comparamos com o total de produções (8.667 trabalhos):

¹ A autora tomou por base o levantamento realizado por SPOSITO, Marília Pontes (coord.) Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de Educação. Juventude e Escolarização (1980 – 1998). Série Estados de Conhecimento nº 7. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

apenas 0,26% debruçam-se sobre tal tema, demonstrando a escassez de pesquisa sobre o jovem militante.

Vale ressaltar ainda que segundo Sposito (2002 *apud* ARCOS, 2004, p. 30), ocorre:

[...] uma grande dispersão sob o ponto de vista dessa área de investigação como um todo, citando, como ilustração, a também dispersão do número de orientadores (num total dos 387 trabalhos voltados à questão da juventude na área da Educação, foram identificados 252 professores atuando na orientação).

Outra justificativa da relevância da presente pesquisa é a impossibilidade de se fazer um estudo da história recente da atuação política da juventude sorocabana, sem citar a atuação do movimento estudantil, especificamente o Olho Vivo (Grupo de Estudantes Secundaristas e Universitários de Sorocaba).

Atuando inicialmente na organização dos estudantes em Grêmios Estudantis e Centros Acadêmicos, o Olho Vivo teve um papel fundamental na formação teórica e prática de uma geração de jovens.

O Olho Vivo surgiu num período de refluxo do movimento popular, após a crise da experiência socialista do leste europeu e a implantação do neoliberalismo nos países capitalistas, conforme Neves (2007, p. 219):

[...] no momento em que o movimento sindical dos trabalhadores entra em refluxo e os governos neoliberais começam a implementar ações com vistas à construção de uma nova relação entre Estado e sociedade, na qual os movimentos sociais ficam adstritos à defesa de interesses específicos, fragmentados.

Esta conjuntura política dos movimentos sociais é também, para Gohn (2001) um cenário onde a mobilização e organização da sociedade civil mudaram substancialmente nos anos 90, ocorrendo um deslocamento do foco de luta, onde a pauta reivindicatória pela ampliação de direitos cede lugar a ações defensivas.

Portanto, “[...] Não objetivam mudar o curso da História, nem combater a exploração do trabalho, nem mudar o regime político ou combater os detentores do capital.” (GOHN, 2001, p. 87)

Em Sorocaba este refluxo das lutas populares também se manifestava; sendo assim, o Olho Vivo ousou, neste momento de paralisia e indecisão das demais organizações políticas da esquerda sorocabana (Sindicatos, Associações de Moradores, Partidos Políticos - PT e PC do B), sair para as ruas pregando a organização popular, a formação política do povo (em especial da juventude) e realizando ações políticas de grupos e manifestações de massa, envolvendo corações e mentes no sonho de construir uma sociedade alternativa ao modelo capitalista / neoliberal.

O Olho Vivo construiu em Sorocaba um modelo e um exemplo de movimento alternativo e de resistência à classe dominante, discordando da linha adotada pela direção majoritária do Movimento Estudantil “oficial”², que para o Olho Vivo caracterizava-se pelo atrelamento ao PC do B, o sectarismo, a “profissionalização dos estudantes”³, a burocratização do movimento, o imobilismo e principalmente a ausência do trabalho de base (organização de Grêmios Estudantis, Centros Acadêmicos e formação política).

Este trabalho pretende, além de relatar a história do movimento estudantil alternativo⁴ de Sorocaba no período de 1997 a 2004, trazer aos leitores as entranhas da organização do movimento social, ou seja, os bastidores dos acontecimentos, os fatos históricos que não saem nos jornais e que ficam sob o conhecimento de apenas um pequeno grupo, o grupo organizador do movimento.

² Entendemos por movimento estudantil oficial as entidades gerais existentes no Brasil: UNE (União Nacional dos Estudantes) e UEEs (União Estadual de Estudantes) que congregam os estudantes universitários; e UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), UPES (União Paulista de Estudantes Secundaristas); e nos municípios as UMES (União Municipal de Estudantes Secundaristas) que congregam os estudantes secundaristas.

³ O estudante profissional recebia uma ajuda financeira pelo “trabalho” de organizar o movimento estudantil, a militância se tornava um “emprego” do qual ele não saía, mesmo que não tivesse mais idade para continuar no M.E.

⁴ Chamamos o Olho Vivo de movimento estudantil alternativo em virtude do mesmo não ser a entidade oficial de representação dos estudantes sorocabanos, filiada a UPES e a UBES e pelo fato da mesma existir (USE) e ser exatamente contra ela que o Olho Vivo se apresentava como organização alternativa.

Tudo começou quando um pequeno grupo de estudantes, que já atuava em Grêmios Estudantis e Centros Acadêmicos no município, começa a discutir uma maneira de intervir de forma organizada no movimento estudantil em Sorocaba. Após fazerem um estudo da realidade do movimento, concluem que existe um grande “vácuo” que poderia ser ocupado por um projeto alternativo caracterizado por um forte trabalho de base.

O resultado desta análise é seguido de um processo de organização dos estudantes secundaristas de Sorocaba, que deságua na criação do Olho Vivo, movimento que em poucos anos assume a hegemonia da luta estudantil na cidade, sendo responsável pela direção das ações que marcaram e ganharam visibilidade no cenário político sorocabano.

Como fica facilmente perceptível, trabalhamos com a história do tempo presente, denominação formulada por François Bédarida, *histoire du temps présent*, e que de acordo com Voldman (1993 *apud* FERREIRA, 2000, p. 09), “[...] trata-se da época em que vivemos e de que temos lembrança, ou da época cujas testemunhas são vivas e podem supervisionar o historiador e colocá-lo em cheque.”

[...] o tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, a olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação. (BERNSTEIN, 1993 *apud* FERREIRA, 2000, p. 09)

A história do tempo presente, apesar de ser largamente utilizada na Antiguidade Clássica, passou a sofrer forte oposição a partir da segunda metade do século XIX, período de forte enfrentamento político entre republicanos e não republicanos (membros da nobreza e do alto clero) e era nas mãos destes eruditos tradicionais que se encontrava a pesquisa histórica.

Nas cidades eram os profissionais liberais, notadamente os advogados, que faziam o papel de historiadores; no mundo real, eram os quadros da sociedade tradicional, membros da nobreza e da igreja, que dominavam o campo. (CARBONELL, 1976 *apud* FERREIRA, 2000, p. 01)

E Ferreira (2000, p. 01) continua: “Esses historiadores amadores eram muito numerosos e organizados, e inseriam-se nas *sociétés savantes* que se consagravam à escrita e ao estudo da história [...].”

Como visto, aqueles que dominavam a história eram hostis à república e no processo de luta política e principalmente na luta de classes, interessa muito o controle da memória coletiva, pois isso significa também o controle sobre o esquecimento. De acordo com Félix (1998, p. 45): “[...] usos do esquecimento com a possibilidade de manipulação da memória e suas apropriações por interesses políticos [...].”

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LÉ GOFF, s/d *apud* FÉLIX 1998, p. 45)

Nesta conjuntura de luta pela hegemonia política, os republicanos se preocuparam com a utilização que seus inimigos faziam e/ou poderiam fazer da história nacional como forma de opor a sociedade contra a nova forma de governo.

Com o objetivo de evitar o uso político da história (por seus adversários), os republicanos procuraram meios para proibi-los de escrever sobre a história presente e até mesmo de impedi-los de escrever história. Sendo assim, só poderia se escrever sobre o passado, fazer história retrospectiva; esta passou a ser uma condição indispensável para os historiadores, pois,

[...] seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados... Desde que um evento

era produzido ele pertencia à história, mas, para que se tornasse um elemento do conhecimento histórico erudito, era necessário esperar vários anos, para que os traços do passado pudessem ser arquivados e catalogados. (NOIRIEL, 1998 *apud* FERREIRA, 2000, p. 2)

Além de ser uma história retrospectiva, a escrita da mesma passou a ser disciplinada por regras; o manual publicado em 1897 por Antonie Seignobos junto com C. Langlois, *Introduction aux études historiques*, disciplina a pesquisa de história que deveria ser descrita por meio de documentos escritos e restringe a sua prática ao ensino superior, garantindo o seu monopólio aos especialistas (simpáticos à república) e dificultando o seu acesso a amadores (não republicanos).

A contestação ao *méthode historique* teve início na década de 20 do século XX pela revista francesa *Annales* que “[...] ampliou a noção de documento a partir de outra concepção de história. Para esses historiadores o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens.” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1989, p. 14-15)

A crítica focalizava uma série de “defeitos” apontada pelos *Annales*, como sendo uma história que narrava apenas as ações da elite, além de se ater a indivíduos e a fatos. Sendo assim passaram a defender uma nova história:

[...] esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado [...] As realidades do trabalho e da produção, e não mais os regimes políticos e os eventos, deveriam ser objetos da atenção dos historiadores. O fundamental era o estudo das estruturas, em que assume a primazia não mais o que é manifesto, o que se vê, mas o que está por trás do manifesto. O que importa é identificar as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso. (FERREIRA, 2000, p. 5)

Apesar de ser uma “revolução” frente ao *méthode historique*, os *Annales* não incluíram como documentos válidos os testemunhos, os relatos pessoais, afinal, eram permeados de subjetividade, pois temiam os depoimentos falsos. Também não foram

os historiadores identificados com a tradição dos Annales que revalorizaram a história do tempo presente, pois

Ancorada em princípios que sustentavam a necessidade do distanciamento temporal do pesquisador frente ao seu objeto, através do que os historiadores costumam chamar de visão retrospectiva, ou seja, a possibilidade de trabalhar com processos cujo desfecho já se conhece, a história criava limitações para o trabalho com a proximidade temporal, por temer que a objetividade da pesquisa pudesse ser comprometida. (FERREIRA, 2000, p. 6)

Apenas no final do século XX a história do tempo presente começa a ser aceita e a disciplina História passou a incorporar o estudo do contemporâneo.

Essa exposição se fez necessária devido às possíveis resistências que nossa pesquisa possa encontrar por se tratar de história do tempo presente, assim como sabíamos e estávamos cientes dos desafios e de algumas das dificuldades que encontraríamos pelo caminho, algumas previsíveis e que passamos agora a citar.

A primeira refere-se à questão da crise epistemológica (que para alguns historiadores caminha junto às mudanças no campo da história): questionamento da crença num passado fixo e determinável, abandono de modelos de interpretação (estruturalista, marxista, etc.). No entanto, atribuímos maior gravidade ao abandono do conceito de classes sociais; enfrentamos tal abandono fazendo uso da tradição marxista. “As teorias marxistas sobre os movimentos sociais não abandonaram a problemática das classes sociais.” (GOHN, 2004, p. 173)

A segunda dificuldade diz respeito à questão do distanciamento como condição necessária à pesquisa histórica (pressupondo-se que as paixões e os posicionamentos políticos do pesquisador podem influenciar no desenrolar do estudo). Temos posicionamento contrário, pois o distanciamento não impede essas paixões e a proximidade temporal com o objeto de pesquisa facilita uma maior compreensão da conjuntura investigada.

A terceira refere-se à questão da falsificação, ou seja, a possibilidade de depoimentos distorcidos em favor de interesses políticos e/ou em razão de fantasias

fictícias; nesse sentido, para evitarmos tais distorções, trabalhamos com procedimentos de contraprova.

Cientes de algumas das dificuldades que a história do tempo presente nos coloca e com muita coragem para descobrir as outras, não deixamos de seguir a “regra de ouro dos historiadores”, a busca da “verdade histórica”.

Para tanto propusemos a seguinte problematização: Por que o Olho Vivo conseguiu ascensão política, e conquistou a hegemonia no Movimento Estudantil em Sorocaba, num período de refluxo da luta popular e de predomínio do neoliberalismo?

Nossa hipótese: o êxito do Olho Vivo foi resultado da implantação da práxis na ação política.

O termo práxis vem da Antiguidade. Na obra de Marx ele está presente como elemento fundamental de transformação da sociedade e da natureza pela ação dos homens. A práxis significativa refere-se à práxis transformadora do social, que se realiza em conexão com a atividade teórica, por meio da atividade produtiva e/ou da atividade política. No campo da produção teórica, o conceito de práxis é fundamental no marxismo, como articulador da teoria à prática. (GOHN, 2004, p. 176)

Devido exatamente a esta aliança de luta política prática e formação política teórica, somado ao acerto na teoria de orientação marxista que norteou todas as suas ações, o Olho Vivo firmou-se hegemonicamente como o representante máximo das lutas dos estudantes de Sorocaba e conquistou o respeito das outras forças políticas atuantes no município.

Os objetivos gerais foram: analisar e compreender o contexto do surgimento do Olho Vivo, sua organização, as práticas políticas responsáveis pela formação de seus militantes e de seus quadros dirigentes e as ações políticas desenvolvidas na cidade.

O Olho Vivo, no final da década de 90 do século XX e principalmente nos primeiros anos do século XXI, contribuiu de forma ativa para o protagonismo dos estudantes secundaristas e universitários de Sorocaba.

Por muitas vezes o Olho Vivo pautou a luta política da cidade, envolvendo milhares de estudantes na luta direta contra a elite sorocabana, seja na defesa de

bandeiras históricas, como o passe-livre para estudantes e na defesa dos alunos da Universidade de Sorocaba diante dos “ataques” da reitoria contra os seus interesses; seja em lutas que envolveram grande parcela da população sorocabana, como a luta contra os reajustes salariais dos vereadores, contra a criação de mais um imposto (a taxa de luz) e contra o aumento do valor do IPTU; seja em lutas pontuais como a participação na greve geral de 1999 e o apoio incondicional à luta do MST pela reforma agrária, participando de ocupações, acampamentos, marchas e atividades de apoio.

Além das lutas políticas de enfrentamento e de todo o formativo processo de organização das mesmas, várias outras atividades de formação foram organizadas pelo Olho Vivo, tais como palestras, cursos de formação, seminários, cursos pré-vestibulares, debates, grupos de estudo, etc.

Nosso trabalho buscou apoio teórico na tradição marxista⁵ e no materialismo histórico⁶, por entender o homem como um ser histórico que está inexoravelmente envolvido na luta de classes; a sociedade capitalista, dividida em classes sociais, caracteriza-se pela presença de uma minoria exploradora e não produtiva, que vive da apropriação do trabalho alheio da maioria, explorada. É exatamente esta classe social explorada que possui as condições objetivas para pôr suas mãos na roda da história e fazê-la girar no sentido de construir uma sociedade livre de classes; porém, esta classe social, protagonista da história revolucionária, está, na maioria das vezes, atuando como “classe em si” e não como “classe para si”:

A classe em si apenas com existência econômica, se define pelo papel que desempenha no processo da produção; a classe para si, com existência econômica e psicológica, se define como uma classe que já adquiriu consciência do papel histórico que desempenha, isto é, como uma classe que sabe a que aspira. Para que a classe em si se converta em classe para si, é necessário, portanto, um longo processo de esclarecimento, em que os teóricos e as próprias peripécias da luta desempenham uma amplíssima função. (LENIN *apud* PONCE, 2007, p. 35-36)

⁵ Termo que designa tanto o pensamento de Karl Marx e de seu principal colaborador, Friedrich Engels, como também as diferentes correntes que se desenvolveram a partir do pensamento de Marx [...] (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 180).

⁶ Termo utilizado na filosofia marxista para designar a concepção materialista da história, segundo a qual os processos de transformação social se dão através do conflito entre os interesses das diferentes classes sociais. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 181)

Para justificar a opção (que consideramos “de classe”) pelo marxismo é importante ressaltar que o marxismo “[...] não se restringe a uma análise teórica, mas busca formular os princípios de uma prática política voltada para a revolução que destruiria a sociedade capitalista para construir o socialismo, a sociedade sem classes, chegando ao fim do Estado.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 180)

Além disso, “[...] devemos reconhecer que o marxismo, aplicado ao estudo dos movimentos sociais operários e não operários, não é apenas uma teoria explicativa, mas é também uma teoria orientadora para os próprios movimentos.” (GOHN, 2004, p. 173)

Como procedimento de pesquisa, recorreremos à “lógica histórica”, assim definida por Thompson (1981, p. 49):

Por “lógica histórica” entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação, etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste em um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese (por exemplo, quanto à maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros); o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas.

Não apenas por se tratar de uma história do tempo presente, mas principalmente, e tanto quanto pela utilização de um referencial teórico marxista, tivemos um zelo especial para com o processo de investigação, uma vez que não poderíamos subestimar sua importância, pois como afirma Vilar (1976, p. 150): “Ora, sem dúvida a fase de investigação comporta um trabalho de historiador. E eu me apresso a acrescentar: não um trabalho superficial, um trabalho de segunda mão, mas uma penetração direta na matéria histórica.”

Como pesquisa empírica, trabalhamos com fontes orais, pictóricas (fotografias, principalmente), documentos oficiais das entidades estudantis e do poder público, além de consultas na imprensa local e nas publicações do próprio movimento.

As fontes orais são vítimas de inúmeras críticas, principalmente por trazerem consigo a possibilidade de inverdades e/ou representações irrealis e fictícias; porém, a fonte oral está em pé de igualdade com a fonte escrita, como defende Pollak (1992, p. 08):

Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.

A história oral não tem uma longa tradição na historiografia, pois com exceção da história africana que a utilizou por séculos, a disciplina História sempre se assentou em documentos escritos e repudiou as fontes orais, principalmente os testemunhos. No entanto, na atualidade, vem conquistando o seu lugar ao sol. A primeira geração de praticantes da história oral surgiu nos Estados Unidos na década de 50, com a função de coletar materiais para os futuros historiadores e, como história política, se interessava apenas em preservar a memória das referências políticas de destaque.

Na década de 60 a segunda geração da história oral começou a dar voz aos marginalizados da sociedade, às minorias e aos movimentos de contestação da ordem (principalmente de 68). A partir do último quarto do século XX, com a terceira geração, a história oral passou a estudar as classes operárias, começando seu progresso e expansão. A década de 90 marcou o início da quarta geração, que recebeu um grande reforço: as novas tecnologias de comunicação e gravação.

A história oral sempre foi dupla, pois:

Existe uma história oral política, que apareceu primeiro, na qual a entrevista serve de complemento a documentos escritos já coligidos, e que pesquisa os autores principais. Mais tarde desenvolveu-se uma história oral antropológica voltada para temas que se acham presentes nas diversas experiências nacionais. (JOUTARD, 1996, p. 51)

A nossa pesquisa seguiu a tradição da história oral política, afinal os testemunhos foram utilizados para preencher possíveis vácuos de documentos escritos e para complementar os fatos históricos já contemplados pelos materiais coligidos; não se trata de ter como núcleo da investigação os testemunhos orais.

Sendo assim, em nossa pesquisa fizemos uso das fontes orais, mas não é uma história oral, opção pela qual não somos os únicos a fazer. “Na América Latina, muitos utilizam as fontes orais de modo predominante, mas não exclusivo. Assim, eles também preferem falar em uso de fontes orais na pesquisa e não em história oral.” (SCHWARZSTEIN, *apud* JOUTARD, 1996, p. 56)

A partir do momento em que definimos trabalhar com fontes orais, também definimos trabalhar, em decorrência, com memória, apesar de sabermos dos usos da memória e igualmente dos usos da amnésia social. Novamente uma questão se coloca diante de nós: por que trabalhar com memória? De acordo com Burke (s/d, p. 238):

Os historiadores interessam-se ou, pelo menos, necessitariam interessar-se pela memória, sob dois pontos de vista. Em primeiro lugar, precisam estudar a memória como uma fonte histórica, para produzir uma crítica da fiabilidade da reminiscência, na linha da crítica tradicional de documentos históricos... Em segundo lugar, os historiadores interessam-se, ou deveriam interessar-se, pela memória enquanto fenômeno histórico; com aquilo a que se poderia chamar a história da recordação.

Utilizamos fotos, publicações do Olho Vivo e reportagens da imprensa escrita (objetos de memória) como imagens sugestivas, procurando estimular a recordação dos entrevistados.

Por último cabe justificar a utilização destas fontes que seriam prontamente reprovadas por um historiador tradicional; porém, hoje, o historiador deixou de ser o guardião da memória (da memória de feitos gloriosos) como defendia Heródoto e passou a ter como função fazer as pessoas recordarem aquilo que elas gostariam de esquecer e, principalmente, ajudar as pessoas a recordarem aquilo que elas não gostariam de esquecer. Para tanto:

No intuito de dar conta de tudo isso, o historiador se vê na contingência de diversificar a gama de materiais utilizados na investigação, incorporando novas linguagens: literatura, relatos, cinema, teatro, música, pintura, fotos, etc. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1989, p. 19)

O trabalho divide-se em três capítulos: no primeiro abordamos rapidamente a reconstrução do Movimento Estudantil brasileiro após a ditadura militar; apresentamos algumas movimentações estudantis em Sorocaba, anteriores ao período estudado; a tentativa de construção de uma entidade municipal de estudantes (a USE) e a origem do Olho Vivo; encerramos esse capítulo com a contextualização da época, analisando os fenômenos da Globalização e do Neoliberalismo.

No segundo capítulo abordamos o dia-a-dia da construção do Olho Vivo: seus encontros; campanhas de construção de grêmios estudantis; participações em congressos das entidades gerais (UBES, UEE e UPES); disputa do DCE-UNISO; aproximação e realização de atividades conjuntas com o MST; participação e organização de atos, manifestações e passeatas; envolvimento na disputa eleitoral municipal com um candidato a vereador e sua eleição; a construção do Movimento dos Sem Universidades (MSU) junto com o Cursinho Popular e encerramos com uma breve análise do seu programa de formação política.

O terceiro capítulo é totalmente dedicado à campanha pela aprovação do projeto de lei do passe livre para os estudantes, mostrando desde a gênese do projeto, as manifestações e passeatas reivindicando a sua aprovação e o desfecho, com a votação na Câmara Municipal.

Fechamos o trabalho com as considerações finais, onde descrevemos as últimas ações do Olho Vivo antes do seu fim e fazemos uma retrospectiva do trabalho apresentado, confirmando a hipótese levantada.

1. A Reorganização do Movimento Estudantil sorocabano pós Ditadura Militar

De repente, naqueles dias, começaram a desaparecer pessoas, estranhamente. Desaparecia-se. Desaparecia-se muito naqueles dias...

(Afonso Romano de Sant' Anna)

A UNE (União Nacional dos Estudantes) criada em 11 de agosto de 1937⁷ foi a entidade que liderou a maioria das lutas travadas pelos estudantes brasileiros, se destacando na campanha “O Petróleo é Nosso”, no movimento cultural através do CPC (Centro Popular de Cultura) e na resistência à ditadura militar.

No dia 09 de novembro de 1964 a UNE foi considerada ilegal através da Lei Suplicy de Lacerda⁸. Mesmo na ilegalidade a entidade continuou organizando os estudantes e realizando manifestações que entraram para a história como a Marcha dos 100 mil.

No dia 12 de outubro de 1968, a UNE levou um golpe fatal: durante a realização do XXX Congresso da UNE em Ibiúna, interior de São Paulo, a polícia política da ditadura militar realizou a prisão de aproximadamente 700 militantes do Movimento Estudantil, entre os quais seus principais líderes: Luís Travassos (presidente eleito), Vladimir Palmeira, José Dirceu, Franklin Martins e Jean Marc Von Der Weid.

Em 1976 ocorreu o I Encontro Nacional de Estudantes (ENE), iniciando-se os debates visando à reconstrução da UNE. Os estudantes voltaram às ruas, intensificando a luta contra a ditadura. Em maio de 1979, em Salvador, BA, ocorreu o XXXI Congresso da UNE: era o congresso da reconstrução; porém a UNE nunca mais

⁷ Com a instalação do I Congresso Nacional dos Estudantes, nasce a União Nacional dos Estudantes (UNE), órgão máximo de representação estudantil. A entidade começa a funcionar no prédio da Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, sob a direção de Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça. Disponível em: www.une.org.br, acessado em 06/03/09.

⁸ Lei 4.464 de outubro de 1964.

seria a mesma. Em outubro de 1980, no XXXII Congresso da entidade, Aldo Rebelo (militante do PC do B) foi eleito presidente. No dia 22 de setembro de 1984 nasceu a UJS (União da Juventude Socialista)⁹, o braço do PC do B no Movimento estudantil e em 23 de maio de 1985 ocorreu a legalização do PCdoB.

Em março de 1985 foi aprovado o projeto de legalização da UNE, de autoria do então Deputado Federal Aldo Arantes. De acordo com o entrevistado Márcio da Silva Souza, ex-militante do Olho Vivo, inicia-se uma nova fase da União Nacional dos Estudantes:

[...] a UNE e todas as demais entidades gerais: UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas), UEEs (União estadual dos Estudantes) passam a ser controladas pelo PC do B, deixam de serem entidades democráticas, passam a serem sectárias, substituem a luta contra o governo e pela construção de uma nova sociedade pela luta interna contra as forças de oposição, as ações do movimento passam a ser discutidas, primeiro no Partido e depois com os estudantes, etc. (SOUZA, 03/02/2009)

Em entrevista a Folha Online¹⁰ o historiador Marco Antonio Villa, referindo-se ao período posterior a reconstrução da UNE, afirmou: “[...] o movimento estudantil se ligou ao PC do B. A UNE se torna um aparelho do partido desde então.” Para ele este atrelamento partidário é um dos motivos da crise pela qual passa o movimento estudantil brasileiro.

Na justificativa ao estudo da UNE, Sanfelice (1986, p.13) destaca, entre outros motivos, a crise pela qual passa o movimento estudantil no país: “É incontestável, nos últimos anos, a desarticulação do movimento estudantil e a inexpressiva atuação da UNE.”

⁹ Em 22/9/1984, nasce a UJS (União da Juventude Socialista), política e ideologicamente identificada com o PC do B, em ato público na Assembléia Legislativa de SP. Aldo Rebelo é o seu 1º dirigente. Organizada em todo o Brasil, com forte inserção no movimento secundarista e universitário, a UJS lançará raízes também em outras áreas-chave da juventude brasileira, como o movimento hip-hop. Site do PCdoB: www.vermelho.org.br

¹⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u383070.shtml>, acessado em 10/06/09.

Essa brevíssima exposição sobre a UNE tem a finalidade de introduzir o debate sobre o Movimento Estudantil; portanto, por não ser este o objeto de nossa pesquisa, não aprofundamos a discussão em torno da sua história.

1.1 O Movimento Estudantil em Sorocaba e a USE

Em Sorocaba o Movimento Estudantil foi caracterizado pela ausência de uma entidade que massificasse a luta dos estudantes. Nas décadas de 80 e 90 aconteceram algumas lutas, principalmente a famosa “Noite do beijo” e a favor do impeachment do presidente Fernando Collor em 1992.

A “Noite do Beijo” foi organizada em protesto à portaria expedida pelo juiz de direito e de menores, Manoel Morales no dia 28 de janeiro de 1981, respaldado no artigo 61 da Lei de Contravenções Penais e nos artigos 233/44 do Código Penal, que proibia o beijo em praça pública, na defesa da moral familiar, “beijos há que são libidinosos e, portanto, obscenos, como o dado no colo, nas partes pudentas, etc., como o beijo cinematográfico, em que as mucosas labiais se unem em expansão insofismável de sensualidade”. (Jornal Diário de Sorocaba, 29/01/81, p. capa)



Jornal Diário de Sorocaba – 29/01/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

Quem for surpreendido promovendo cenas libidinosas e casais de namorados flagrados em «beijos cinematográficos» em lugar público pelas autoridades policiais e comissários de menores, serão detidos e encaminhados à Polícia ou Juizado para serem indiciados em inquérito ou instaurada sindicância. Essa é a determinação do Juiz de Direito e de Menores, Manuel Morales, que assinou ontem portaria nesse sentido visando acabar com a cida de imoralidade em Sorocaba.

Jornal Diário de Sorocaba 30/01/81, p. 03 – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.



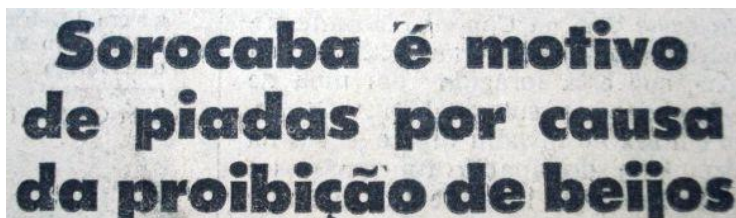
Jornal Diário de Sorocaba – 01/02/81, p. 5 – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

O mesmo jornal realizou algumas entrevistas com populares, que preocupados com as conseqüências de seus depoimentos utilizaram pseudônimos.

De acordo com o aposentado Roberto “em boa hora a justiça tomou essa medida porque a onda de libertinagem não está mole em Sorocaba. Em todo lugar a gente vê cenas que chocam a qualquer pessoa de bem”; para o escriturário Silva “hoje em dia é assim mesmo. É a evolução que fez aparecer tudo isso. Agora o mundo é mais livre e tudo isso faz parte da vida moderna”; a doméstica Regina afirma “a praça Frei Baraúna está se transformando num lugar onde pessoa de família logo não vai mais poder passar. Aquilo lá é uma pouca vergonha”; o vendedor Carlos acha que as autoridades deveriam se preocupar com coisas maiores, com outros problemas do que ficar pegando no pé da juventude. “O pessoal hoje em dia é evoluído; não tem mais essa de beijinho na testa... O pessoal tem que ter liberdade para curtir a vida. A gente já leva uma vida de camelo e ainda não pode se distrair? Assim não dá!” [...] (Jornal Diário de Sorocaba, 01/02/81, p. 5).

Em represália à portaria, os estudantes secundaristas de Sorocaba iniciaram a organização de um ato contra a proibição do beijo para o dia sete (sábado) às 20h, na praça central, “uma manifestação de amor, quando a violência e a repressão imperam por todos os lados. Os estudantes pretendem promover a manifestação seguida de faixas e cartazes pedindo pela liberação do beijo. Até sábado, porém, farão correr um abaixo assinado [...] (Jornal Cruzeiro do Sul, 04/02/81, última p.).

A portaria do Juiz e a organização da manifestação pelos estudantes repercutiram nacionalmente na imprensa escrita, falada e televisionada: “Repercute em todo o Brasil a portaria do Juiz de Menores de Sorocaba que proibiu os beijos em locais públicos” (Jornal Diário de Sorocaba, 05/02/81, p. capa). “Canais de televisão, outras rádios e jornais do país também noticiaram jocosamente sobre o assunto, mencionando com freqüência as palavras contidas na portaria para definir o beijo.” (Jornal Diário de Sorocaba, 05/02/81, p. 3)



Sorocaba é motivo de piadas por causa da proibição de beijos

Jornal Diário de Sorocaba – 05/02/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

No entanto a portaria do Juiz recebeu apoio de personalidades e setores organizados da sociedade; o Bispo Arquidiocesano de Sorocaba, Dom José Melhado de Campos aprovou a portaria. “Nós pretendemos através desta medida resguardar a moralidade pública. [...] Acho o juiz bastante justo em adotar tais medidas e proibir abusos.” (Jornal Cruzeiro do Sul 04/02/81, última p.)

A diretoria do Patronato Sorocabano, entidade formada por jovens acadêmicos de Direito, expediu carta em apoio ao Juiz: “Hipotecamos a nossa solidariedade a essa autoridade que tão somente visou, ao baixar a portaria, defender os interesses morais de nossa sociedade.” (Jornal Diário de Sorocaba, 06/02/81, p. capa)



Jornal Cruzeiro do Sul – 06/02/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

O corregedor geral da Justiça, Dr. Adriano Marrey, transmitiu sua solidariedade ao magistrado sorocabano e o Juiz de Direito da 2ª Vara Civil da Comarca, Dr. José Walter Tintori também saiu em defesa da portaria “[...] o beijo escandaloso, que constitui-se o desafogo do sexo, da concupiscência, da lascívia, que abre caminho à libertinagem e afronta a lei [...], há lugares apropriados e segregados.”

O Diretório Acadêmico “Rubino de Oliveira” da Faculdade de Direito de Sorocaba, através de seu presidente Paschoal Police Júnior, se manifestou: “[...] entendemos a mesma (a portaria) como uma atitude normal de um aplicador da justiça”.

O pároco da Catedral, Monsenhor José Carlos Castanho de Almeida, afirmou: “a portaria do juiz está certa porque ela coincide com a lei. A igreja apóia o juiz proibindo os beijos ousados”.

Na Câmara Municipal, o vereador Jorge Moisés Betti Filho, apresentou votos de congratulações e solidariedade ao Juiz, manifestando desta forma apoio à portaria.

O jornal Diário de Sorocaba, em seu editorial manifestou concordância com a portaria e com o juiz: “O que a portaria do Juiz visou foi a defesa do decoro público. Defesa intransigente. E o juiz ao agir da maneira que agiu não só exerceu um dever

legal, e de sua inteira competência, como e também atendeu apelo de setores da própria comunidade.” (Jornal Diário de Sorocaba, 07/02/81. p.5)



Jornal Diário de Sorocaba – 08/02/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.



Jornal Cruzeiro do Sul – 10/02/81, p. última pag. – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

No mesmo dia em que o jornal publicou a manifestação das personalidades da elite sorocabana em apoio ao Juiz e sua portaria, os estudantes realizaram a manifestação, que ficou conhecida como “Noite do Beijo”; o protesto contou com mais de mil jovens (de acordo com a polícia). O sentimento dos jovens ali presentes foi registrado pelo teor das faixas: “Mais beijo e mais pão, abaixo a repressão”; “Queremos liberdade sexual”; “Imoral é a fome”; “Queremos o beijo livre, geral e irrestrito”; “Beijem-se: sejam criminosos.” (Jornal Diário de Sorocaba, 08/02/81, p. capa)



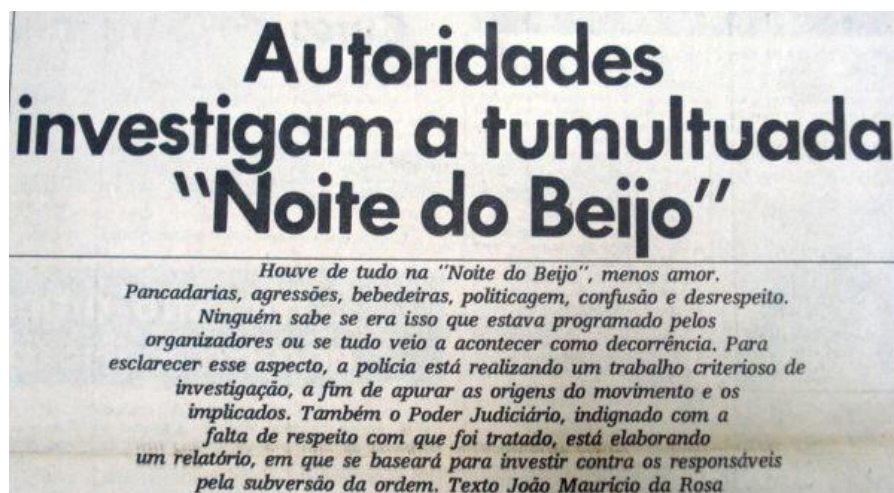
Foto da “Noite do Beijo” – Jornal Cruzeiro do Sul, 08/02/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

Foi lido um Manifesto pelo estudante Davi Deamatis:

Isso mesmo. Nesta grandiosa, mas caipira, preconceituosa cidade, os carinhos que envolvem as mucosas labiais em expansão insofismável de sensualidade, está proibido. Conquanto atitudes como esta sejam odiosas, repugnantes, não é de se admirar. Num país como o Brasil, habituado a atos de exceção, ao despotismo, as expressões culturais de ruptura do pensamento adulto, ortodoxo, ainda é censurado e abortado na sua fase embrionária. Então sabe o que resta pra nós Povo? Resta toda essa gama de contra-cultura tradicionalista, puritana, inquisitorial, atrelada ao reacionarismo mórbido, truncando a vida na sua mais bela expressão: o pensamento, na sua mais digna forma existencial: a liberdade. [...] (Jornal Cruzeiro do Sul, 07/02/81, p. 3)

A concentração ocorreu na praça central, de onde os estudantes iniciaram uma passeata pelas ruas centrais da cidade até o Largo do Rosário, local em que a manifestação se encerraria. O líder do movimento, Carlos Alberto Baptistella, deu palavra de ordem para encerrar a manifestação e para que o movimento se dispersasse, a fim de evitar atritos com a polícia. No entanto, já era tarde demais: os confrontos entre os jovens e a polícia já estavam ocorrendo em vários pontos da

cidade, cujo saldo foi a destruição dos vidros de algumas viaturas da polícia e a prisão de vários estudantes. Agentes do DEOPS que se deslocaram de São Paulo para Sorocaba e se infiltraram no meio da manifestação fizeram um relatório e decretaram a prisão preventiva do estudante Carlos Alberto Baptistella, enquadrado na Lei de Segurança Nacional, por ser considerado o líder da manifestação. (Jornal Diário de Sorocaba, 08/02/81, p.capa)



Jornal Cruzeiro do Sul – 10/02/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.



Jornal Cruzeiro do Sul – 11/02/81, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

Em 1992, a juventude novamente volta às ruas de Sorocaba, neste momento sendo impulsionada pelas manifestações ocorridas em todo o país exigindo o impeachment do presidente Fernando Collor, contando com a cobertura da imprensa.



Jornal Cruzeiro do Sul – 26/08/92, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.



Jornal Diário de Sorocaba – 26/08/92, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

Os estudantes aproveitaram o contexto que favorecia a mobilização, com amplo apoio da mídia local e da sociedade em geral, realizando atos e passeatas que contaram, inclusive, com a participação de professores e pais.



**Reunião de estudantes organizando as manifestações – Jornal Cruzeiro do Sul – 27/08/92, p A5 –
Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.**

As passeatas e manifestações foram marcantes, milhares de estudantes aderiram ao movimento que contava com atos políticos toda semana, durante todo o mês de agosto de 1992. A votação no congresso Nacional foi acompanhada pelos estudantes na praça central (Cel. Fernando Prestes), comemorando cada voto favorável ao impeachment e vaiando todo voto contrário.



**Passeata de estudantes na campanha pelo “Fora Collor” – Jornal Cruzeiro do Sul, 28/08/92 –
Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.**

Nos anos seguintes às manifestações do “Fora Collor”, surgem em Sorocaba algumas ações no sentido de organizar o Movimento Estudantil. Militantes do PC do B / UJS, o que indica uma ação discutida e orientada pelo partido, criaram o DCE (Diretório Central dos Estudantes) das Faculdades Integradas Dom Aguirre (futura UNISO).

Logo após a criação do DCE, os militantes do PCdoB / UJS voltaram suas atenções para a organização de uma entidade que atuasse junto aos estudantes secundaristas; porém, diferente de outros municípios, não organizaram uma UMES (União Municipal de Estudantes Secundaristas), uma vez que seus principais quadros estavam no ensino superior e para não correrem o risco de perder o controle da nova entidade, criaram a USE (União Sorocabana de Estudantes), que reunia estudantes secundaristas e universitários. A USE foi criada no dia 20 de março de 1994, em reunião ocorrida na sede do DCE; o mandato da primeira diretoria seria de um ano e meio e ocorreu a posse dos seguintes membros em seus respectivos cargos¹¹:

- Presidente: Ricardo Delgado de Carvalho;
- Vice-Presidente: Jurandir Pereira Júnior;
- Secretário Geral: César Henrique de Carvalho;
- Tesoureiro Geral: Carlos Alberto Rosa;
- Diretor de Imprensa: Reinaldo Domingues da Costa;
- Diretora de Assuntos Universitários: Alexandra Del Lomo;
- Diretor de Assuntos Secundaristas: Leandro da Silva;
- 1ª Secretária: Magda de Barros Leite;
- 1º Tesoureiro: Aldo Roberto de Paula Moisés;
- Diretor de Esportes: Christian Felipe T. Marques da Silva;
- Diretora de Assuntos para Mulheres: Marcilene Napoleão;
- Diretor Bairro Além Ponte: Claudinei de Jesus Rosa;
- Diretor Cultural: Adriano Vieira;
- Diretor Bairro Centro/Cerrado: Samuel Freire

¹¹ Ata de Instalação e Posse da União Sorocaba de Estudantes – 2º Cartório de Registros de Títulos e Documentos, registrada no dia 20 de Outubro de 1994.

Nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 1995, com a presença de 95 delegados (estudantes eleitos em suas entidades de base: Grêmios e Centros Acadêmicos), ocorreu um Congresso de Estudantes. A ATA¹² vem com o título de 2º Congresso da USE; no entanto, não existem vestígios da realização do 1º Congresso.

A abertura do Congresso ocorreu no dia 24 de novembro, no período noturno, nas dependências do Clube União Recreativo Central, sendo que as atividades dos dias 25 e 26 ocorreram na escola municipal Getúlio Vargas.

Os debates contaram com a presença do Deputado Estadual José Caldini Crespo do PFL (atual Democratas), Deputado Estadual Renato Amary do PSDB, representante do Deputado Estadual Hamilton Pereira do PT, Vereadora Iara Bernardi do PT, Presidente do DCE-PUCCAMP Ana Carolina, Diretor da FATEC-Sorocaba Antonio Carlos de Oliveira e o Diretor Estadual da APEOESP Carlos Urquiza.

Na eleição para a nova diretoria concorreu apenas uma chapa, que teve 94 votos a favor e um contra, sendo eleitos os seguintes membros:

- Presidente: Márcio Nascimento dos Santos;
- Vice-Presidente: Leandro da Silva;
- Secretário Geral: Héli da Alves de Souza;
- 1ª Secretária: Roberta Cândido Branco;
- Diretora de Assuntos Universitários: José Rinaldo da Silva;
- Diretor de Assuntos Secundaristas: Marcelo Leandro Ribeiro;
- 1º Tesoureira: Eliane Pereira Lima;
- Diretor de Comunicação: Fáb ia Alexandra Alves;
- Diretora de Assuntos Jurídicos: Salvador Antonio V. Júnior;
- Diretor de Escolas Públicas: Samuel Freire;
- Diretor de Escolas Particulares: Tatiana G. Campos;
- Diretor Cultural: André Vendramel;
- Diretor de Esportes: Rodrigo César Magro;
- Coordenador de Cultura: Luiz Fernando Zanardo;

¹² Ata do 2º Congresso da União Sorocabana de Estudantes – 2º Cartório de Registros de Títulos e Documentos, registrada no dia 22 de Março de 1996.

- Diretora de Assuntos da Mulher: Ângela C. Del Grossi;
- Diretor de Escolas Técnicas: Lauro Stocco;
- Segundo Diretor de Eventos: Jurandir Pereira Júnior;
- Diretor de Assuntos Afro-Brasileiro: Amauri Tadeu Barbosa;
- Coordenador de Escolas Além Linha: Ilzo Francisco R. da Silva;
- Coordenador de Escolas Centro e Cerrado: Daniela Cristina de Campos;
- Coordenador de Escolas Além Ponte: Wagner Rodrigo e Marina Teixeira Leal.

O Congresso da USE deliberou:

Posiciona-se contra a lei de patentes e realizará mobilizações neste sentido, apóia o MST na defesa da reforma agrária, contra a privatização da TV cultura, contra o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso e o governo Mário Covas e ainda contra o projeto neoliberal, contra a reforma constitucional, contra o fim do programa a Voz do Brasil, contra a privatização do Banespa, contra a reforma do ensino proposta pelo governo Mário Covas, contra o projeto de privatização das empresas públicas do estado de São Paulo, contra a privatização das Escolas Técnicas Estaduais e cobrará a posição dos deputados estaduais da cidade, formará uma rádio comunitária, lutará pela regulamentação da profissão dos tecnólogos, defenderá o projeto CEFAM, adotará uma política de crítica a medidas anti-populares do governo municipal, é pelo fim do serviço militar obrigatório, fará um acompanhamento dos estudantes em estágios nas indústrias para evitar exploração, apoiará os movimentos populares, como o movimento de mulheres, negros, associação indígena, menores abandonados, se posiciona pelo casamento entre homossexuais, cobrará da administração pública municipal maior horário de ônibus nos finais de semana e que tenhamos horários de ônibus por toda a noite, lutará pelo passe-livre aos estudantes e desempregados, é pela instalação da CPI para apurar o caso SIVAN e conversará com o Deputado Federal Antonio Carlos Pannunzio para que ele assine a favor da instalação. Sobre a discussão do Movimento Estudantil a USE organizará Assembléias Municipais imediatamente para discutir um programa e um plano de luta contra o ensino pago, realizará o II Seminário de Criação e Estruturação de CA's e Grêmios, criará um boletim mensal a ser enviado por correio às entidades de base quando houver condições financeiras, criará uma diretoria afro-brasileira, de escolas técnicas e de eventos, terá uma executiva com sete membros a seguir Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, Tesoureiro Geral, 1º Secretário, Diretor de Assuntos Universitários, Diretor de Assuntos Secundaristas, terá uma gestão de 2 (dois) anos, terá eleição majoritária para a diretoria, realizará uma ampla campanha para conscientizar o estudante do voto aos 16 (dezesseis) anos, lutará para fazer valer as CIE's, processando judicialmente os estabelecimentos previstos em lei que não aceitem a CIE, lutará pela sede própria junto ao poder público, elaborará um projeto que leve atividades culturais aos estudantes e a população, principalmente da periferia, organizará juntamente com a sociedade civil a luta por uma Universidade

Pública, organizando movimentos massivos, começará imediatamente uma campanha contra o aumento abusivo das mensalidades escolares, realizará um seminário para discussão de temas polêmicos como o aborto e descriminalização da maconha, apoiará e auxiliará a formação e estruturação de entidades municipais na região de Sorocaba.

Analisando a deliberação do Congresso da USE encontramos um forte posicionamento de esquerda e de oposição ao capitalismo, um discurso revolucionário que visto por qualquer pessoa alheia ao movimento estudantil, facilmente o confundiria com o posicionamento do Olho Vivo.

Para encontrarmos as diferenças, que de início parecem sutis, mas após devidamente analisadas se tornam marcantes, dividimos as deliberações do congresso em dois grupos: de um lado a posição política e de outro a prática política.

A posição política da USE: apoio ao MST e à reforma agrária, contra o processo de privatização do patrimônio nacional, contra os governos de Fernando Henrique e Covas, contra o neoliberalismo, etc. vem de encontro à posição política do Olho Vivo e em muito pouco ou quase nada se diferenciam.

Já a prática política da USE, teorizada nas deliberações de seu Congresso: apoio aos movimentos populares, luta pelo passe livre aos estudantes, campanha de formação de grêmios estudantis e centros acadêmicos, seminários de formação e debates, etc. não saiu das paredes do Congresso; essa tarefa ficou a cargo do Olho Vivo.

A realidade vivida pela USE encaixa-se no perfil da esquerda brasileira da década de 90, exposta por Netto (2000, p.241):

[...] uma esquerda cuja cultura (e as práticas dela decorrentes) caracteriza-se por sentir-se maduramente “perplexa”, incorporar elegantemente a “crise de paradigmas”, invocar poeticamente a criação de “novas utopias” e aberta cientificamente a tudo “questionar”. Uma esquerda disposta a uma honesta gestão da ordem burguesa.

No ano seguinte, a USE realizou em Sorocaba algumas manifestações estudantis principalmente em torno da luta pelo passe livre aos estudantes, que desembocaram na candidatura do presidente da entidade, o estudante universitário Márcio Nascimento dos Santos a vereador pelo PC do B, na coligação União Popular – PSB (Partido Socialista Brasileiro), PC do B (Partido Comunista do Brasil) e PSDC (Partido da Social Democracia Cristã), tendo Nildo Leite do PSB como candidato a prefeito.

O PC do B participou desta eleição com três candidatos, mas apenas Márcio Santos recebeu o apoio maciço do partido, pois os outros dois candidatos tiveram uma votação irrisória: Eduardo Alves 03 votos e Eliane Gomes da Silva 06 votos. Apesar de todo o esforço dos militantes do partido e da USE, Márcio não foi eleito, obtendo 790 votos.

Em 1997, Márcio desapareceu do cenário político sorocabano e assumiu a presidência da USE o estudante secundarista Leandro da Silva, que passou a comandar a entidade até o ano 2000, período caracterizado pelo enfrentamento com as forças de oposição.

1.2 Uma proposta diferente – Olho Vivo

No ano de 1997 um pequeno grupo de estudantes, que já atuava em Grêmios Estudantis e Centros Acadêmicos no município, começa a discutir uma maneira de organizar o Movimento Estudantil em Sorocaba de forma alternativa. Após fazer um estudo da realidade do movimento, concluíram que existia um grande vácuo que poderia ser ocupado por um projeto alternativo, resgatando a prática adotada pelo movimento antes da ditadura militar – um forte trabalho de base.

De acordo com a avaliação do coletivo o Movimento Estudantil se encontrava nas mãos do PC do B e da UJS provocando um sectarismo, uma vez que só

tinha espaço para atuação na entidade municipal (USE) aquele que compartilhasse das idéias da direção, em outras palavras, pertencesse ao PC do B/UJS. (SOUZA, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/02/2009)

Não bastando isso, a USE não possuía um trabalho de orientação para a formação e a organização das entidades de base, os Grêmios Livres e os Centros Acadêmicos. As pouquíssimas entidades existentes eram "fantasmas", não realizavam nenhuma ação de enfrentamento e/ou defesa dos direitos dos estudantes e nem formação política.

A USE tinha uma atuação política de manutenção do *status quo*, não se manifestava diante dos acontecimentos ocorridos na sociedade à altura da história do Movimento Estudantil, não se opunha aos desmandos da administração municipal, não protestava contra as péssimas condições das escolas e nem contra o autoritarismo presente em muitas escolas, cujos diretores insistiam em desrespeitar a lei¹³, que garantia aos estudantes o direito de se organizarem, e proibiam e/ou dificultavam a organização dos Grêmios estudantis. (SOUZA, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/02/2009)

A mobilização dos estudantes em manifestações, passeatas e demais atos de protesto contra a ordem social vigente, tão características do Movimento Estudantil, em Sorocaba estava totalmente desarticulada e abandonada, devido à inexistência de uma entidade combativa, que unisse o discurso revolucionário com uma prática coerente.

A USE tinha entrado no círculo vicioso da venda da Carteirinha de Identificação Estudantil (carteirinha da meia-entrada). Os estudantes tinham direito ao pagamento de apenas metade do valor cobrado para a entrada em atividades culturais (cinemas, teatros, shows, etc.), desde que estivessem portando uma carteirinha de identificação pessoal das entidades gerais UNE ou UBES.

Essas carteirinhas teriam que ser renovadas a cada ano e o valor delas seria dividido pelas entidades: 25% para a entidade de base (Grêmio ou Centro Acadêmico), 25% para a entidade municipal (no caso de estudante secundarista seria a UMES,

¹³ A lei a que Márcio se refere é a 7.398/85 (Anexo 01).

União Municipal de Estudantes Secundaristas - USE em Sorocaba - e no caso de estudante universitário para o DCE), 25% para a entidade estadual (UPES ou UEE) e 25% para a entidade nacional (UNE ou UBES).

No entanto, segundo o entrevistado e ex-militante do Olho Vivo, SOUZA (2009): “[...] em Sorocaba as entidades de base nunca recebiam a sua parte, ficando a USE com 50% do valor da carteirinha e devido à desorganização da entidade, muitos estudantes nem sequer a recebiam, mesmo já tendo pago.”

O congresso da USE de novembro de 1995 foi o último realizado com delegados eleitos nas Unidades Escolares; após esta data, devido à presença da oposição, as diretorias da entidade municipal que representava os estudantes sorocabanos passaram a ser eleitas nos Conselhos Municipais de Entidades de Base (COMEB), onde participavam apenas membros de grêmios estudantis vinculados a UJS local, caracterizando “Golpe”¹⁴. Este fato além de estar presente nas entrevistas dos militantes ouvidos, também é comprovado pela ausência de atas registradas no 2º Cartório de Registros de Títulos e Documentos, onde a documentação da USE foi encontrada.

Diante do quadro político em que se encontrava o Movimento Estudantil em Sorocaba, o Olho Vivo utilizou como tática uma ação baseada em três pontos:

1. Formação e organização de Grêmios Livres independentes e desvinculados da USE, tarefa que se mostrou fácil perante o estado de “queimação”¹⁵ em que a entidade municipal se encontrava, devido principalmente à má administração das carteirinhas estudantis;
2. Integração entre os diversos grêmios existentes em Sorocaba que não fossem vinculados (filiais) a USE;
3. Formação política e ideológica de esquerda para os membros dos grêmios estudantis criados ou que se aproximassem do grupo.

¹⁴ Gíria do movimento estudantil, usada para caracterizar a manipulação fraudulenta no processo de renovação da diretoria das entidades estudantis.

¹⁵ Gíria do movimento, que neste contexto demonstra o desgaste da reputação da USE perante alguns grêmios estudantis da cidade.

Chegamos à conclusão anterior analisando as ações do Olho Vivo; é importante deixar claro que não existe nenhuma resolução, nem mesmo ata de reunião onde esta tática foi discutida e aprovada, ou seja, ela não foi planejada, as próprias peripécias da luta política e da disputa no seio do movimento estudantil levaram os militantes do Olho Vivo a seguirem este caminho. Mas também não foi um caminho trilhado pela sorte, ele teve restrita ligação com a concepção de movimento defendida pelos militantes do Olho Vivo. Podemos defender que esta tática foi resultado da construção dialética entre a concepção de movimento estudantil defendida pelos dirigentes do Olho Vivo e as peripécias da luta cotidiana.

A primeira ação política desenvolvida foi a elaboração de um panfleto explicativo sobre o que era um grêmio estudantil, contendo partes da lei 7.398/85 e instigando a curiosidade, com a pergunta: Grêmio Estudantil! Que bicho é esse?

Este panfleto¹⁶ precisava de um título, e após muito se debater ficou acertado que o título do panfleto seria *Olho Vivo*. A recepção do panfleto nas escolas foi muito boa, abrindo caminho para o contato com muitos grêmios existentes e que estavam isolados, uma vez que se recusavam a participar da USE; foi o caso dos grêmios das escolas: ETE Fernando Prestes e EE Francisco Camargo César, além de alguns estudantes que se interessavam em saber mais sobre grêmio estudantil e queriam informações e auxílio para organizarem o grêmio estudantil em suas escolas.

Toda vez, que nós íamos para alguma escola, éramos recebidos como “o pessoal do *Olho Vivo*”, daí em diante o nome pegou e Olho Vivo passou a ser o nome do conjunto de grêmios livres e estudantes de Sorocaba que faziam oposição à direção da USE. (SOUZA, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/02/2009)

Os próximos panfletos passaram a ter como título os seguintes dizeres:

Olho Vivo

Grupo de Estudantes Secundaristas e Universitários de Sorocaba

¹⁶ Não foi possível localizar nenhum exemplar deste panfleto, no entanto ele foi marcante para todos os militantes do Olho Vivo, em especial para mim, pois ajudei a redigi-lo.

1.3 Globalização, Neoliberalismo, governos FHC e Amarty

É impossível compreender as causas da gênese do Olho Vivo e o seu desenvolvimento de forma isolada da conjuntura política e econômica local, nacional e até mesmo internacional, pois nenhum movimento social é uma “ilha”, que vive isolado do mundo, sem receber influências dos acontecimentos externos. Sendo assim, precisamos compreender o contexto no qual o Olho Vivo se desenvolveu.

A década de 90, início da pós “Era dos Extremos”¹⁷, foi caracterizada pelo fim da bipolarização, pelo auge da Globalização e do Neoliberalismo.

A bipolarização entre Estados Unidos (nação líder do mundo capitalista) e União Soviética (nação líder dos países de economia planificada) marcou a segunda metade do século XX, caracterizado pela Guerra Fria, período que foi do fim da Segunda Guerra Mundial à queda do socialismo real no leste europeu (que teve como símbolos a queda do Muro de Berlim em 1989 e o fim da URSS em 1991).

O fim da bipolarização foi acompanhado pelo súbito desenvolvimento das ciências que impulsionaram os avanços tecnológicos, liderados pelas técnicas de informação, responsáveis pela universalização desses novos conhecimentos, apesar de não garantirem a socialização dessas novas tecnologias.

No entanto a globalização não é apenas o avanço científico; para Santos (2008, p. 24):

[...] Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representada pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa.

¹⁷ Categoria criada por Hobsbawm, em *Era dos extremos – O breve século XX 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Como fica facilmente perceptível, Santos se coloca contrário a esse modelo de globalização, ao qual ele alcunha de “Globalização Perversa” e detalha os seus efeitos:

De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidade. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção.

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2008, p. 19-20)

Na mesma perspectiva, Hobsbawm (2007) apresenta a Globalização como a livre circulação de mercadorias em escala global. Algumas de suas conseqüências são por ele definidas como agravantes da desigualdade social e da miséria:

Primeiro, a globalização acompanhada de mercados livres, atualmente tão em voga, trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais no interior das nações e entre elas [...] Segundo, o impacto dessa globalização é mais sensível para os que menos se beneficiam dela [...]. (HOBBSAWM, 2007, p.11)

Não se trata de combater a Globalização, apontando ser ela a responsável por todos os males da sociedade contemporânea, principalmente a desigualdade social inerente ao capitalismo, e iniciar um movimento de retorno à sociedade “pré-globalização”, mas sim de criar um movimento pela construção de uma nova sociedade que tenha por base os mesmos pilares tecnológicos. De acordo com Santos (2008, p.20):

[...] podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apóia para construir a globalização perversa. [...] Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade.

Acompanhando o raciocínio deste autor, estamos diante da possibilidade de uma nova história:

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem. De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história. (SANTOS, 2008, p. 21)

E adverte: “Esse mundo novo anunciado não será uma construção de cima para baixo, como a que estamos hoje assistindo e deplorando, mas uma edificação cuja trajetória vai se dar de baixo para cima.” (SANTOS, 2008, p. 170)

A “Globalização Perversa” interagiu dialeticamente com o Neoliberalismo, que impôs a liberdade de circulação de mercadorias e capitais, o Estado Mínimo (através do abandono das áreas sociais, da privatização e da reforma do estado, em benefício da iniciativa privada), o ajuste fiscal (onde os governos precisam gastar menos do que arrecadam) e o controle da inflação.

O Neoliberalismo é o retorno aos princípios do Liberalismo Econômico, do *Laissez Faire, Laissez Passer*¹⁸ abandonados após a Grande Depressão da década de

¹⁸ Em francês, “deixe fazer, deixe passar”, referindo-se a liberdade de comércio.

trinta, a maior crise da história do Capitalismo. Essa depressão é para Hobsbawm (1995, p. 99) a responsável pela destruição do liberalismo econômico por meio século.

Diante da crise, da depressão e dos perigos políticos diante da ameaça socialista, alterou-se a política econômica das nações capitalistas centrais, os princípios do livre mercado e da livre concorrência foram substituídos pelas propostas do economista inglês John Maynard Keynes (1883 – 1946), o chamado Keynesianismo.

[...] a Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado. Os perigos implícitos em não fazer isso – radicalização da esquerda e, como a Alemanha e outros países agora provavam, da direita – eram demasiado ameaçadores.

[...] O argumento Keynesiano [...] era tão econômico quanto político. Os Keynesianos afirmavam, corretamente, que a demanda a ser gerada pela renda de trabalhadores com pleno emprego teria o mais estimulante efeito nas economias em recessão. Apesar disso, o motivo pelo qual esse meio de aumentar a demanda recebeu tão urgente prioridade [...] foi que se acreditava que o desemprego em massa era política e socialmente explosivo, como de fato mostrara ser durante a Depressão.

O trauma da Grande Depressão foi realçado pelo fato de que um país que rompera clamorosamente com o capitalismo pareceu imune a ela: a União Soviética. Enquanto o resto do mundo, ou pelo menos o capitalismo liberal ocidental, estagnava, a URSS entrava numa industrialização ultra-rápida e mássica sob seus novos Planos Quinquenais. De 1929 a 1949, a produção industrial soviética triplicou, no mínimo dos mínimos. Subiu de 5% dos produtos manufaturados do mundo em 1929 para 18% em 1938, enquanto no mesmo período a fatia conjunta dos EUA, Grã-Bretanha e França, caíam de 59 % para 52% do total do mundo. E mais, não havia desemprego. (HOBSBAWM, 1995, p. 99 - 100)

A implantação, a partir de 1933, pelo presidente Franklin Roosevelt das idéias keynesianas nos EUA ficou conhecida por New Deal (novo acordo); era o surgimento do Estado do Bem Estar Social (Welfare State), que impulsionou o desenvolvimento capitalista das décadas posteriores. Porém, o liberalismo “não se

dava por vencido” e continuava a ser defendido por intelectuais, principalmente o economista austríaco Friedrich Von Hayek, que escreveu em 1944 o livro “A estrada para a servidão”, em que defendia a pureza do mercado na Grande Depressão; no entanto, essas idéias não encontravam seguidores durante a Era do Ouro.

De acordo com Hobsbawm (1995, p. 267):

[...] políticos, autoridades e mesmo muitos dos homens de negócios do Ocidente do pós-guerra se achavam convencidos de que um retorno ao laissez-faire e ao livre mercado original estava fora de questão. Alguns objetivos políticos – pleno emprego, contenção do comunismo, modernização de economias atrasadas, ou em declínio, ou em ruínas – tinham absoluta prioridade e justificavam a presença mais forte do governo.

Essa situação veio a se alterar com as crises das décadas de 70 e 80:

Quarenta anos depois da primeira grande crise do capitalismo no século XX, os países industrializados experimentam uma segunda crise, que se prolonga pela década de 80, cujas conseqüências em termos de desequilíbrios macroeconômicos, financeiros e de produtividade se espalham pela economia internacional. (SOARES, 2000, p. 11)

[...] A economia global não desabou, mesmo momentaneamente, embora a Era do Ouro acabasse em 1973-5 como alguma coisa bem semelhante a uma depressão cíclica bastante clássica, que reduziu a produção industrial nas “economias de mercado desenvolvidas” em 10% em um ano, e o comércio internacional em 13%. (ARMSTRONG, GLYN, & HARRISON, 1991 *apud* HOBBSAWM, 1995. p. 394 – 395)

“Esquentava” o debate entre Keynesianos e Neoliberais:

[...] Os Keynesianos afirmavam que altos salários, pleno emprego e o Estado de Bem – estar haviam criado a demanda de consumo que alimentara a expansão, e que bombear mais demanda na economia era a melhor maneira

de lidar com depressões econômicas. Os neoliberais afirmavam que a economia e a política da Era do Ouro impediam o controle da inflação e o corte de custos tanto no governo quanto nas empresas privadas, assim permitindo que os lucros, verdadeiro motor do crescimento econômico numa economia capitalista, aumentassem. De qualquer modo, afirmavam, a “mão oculta” smithiana do livre mercado tinha de produzir o maior crescimento da “Riqueza das Nações” e a melhor distribuição sustentável de riqueza e renda dentro dela; uma afirmação que os keynesianos negavam. (HOBBSAWM, 1995, p. 399)

A teoria dos neoliberais era fortalecida pela presente crise econômica conduzida pela lógica dos keynesianos; o Prêmio Nobel em economia manifestou seu apoio aos defensores do Neoliberalismo premiando Friedrich Von Hayek em 1974 e Milton Friedman em 1976, ambos militantes e defensores do livre mercado.

Os primeiros países desenvolvidos¹⁹ a adotar o modelo neoliberal são Inglaterra, sob o comando de Margaret Thatcher,²⁰ e Estados Unidos, com Ronald Reagan²¹. Para Soares (2000) a adoção do neoliberalismo nos EUA, centro dominante do capitalismo, trouxe muitas implicações para o mundo e, em especial, para a América Latina: eram os ajustes ao novo modelo.

Assistíamos ao Consenso de Washington²² sendo imposto pelo capital e pelos países centrais aos países dependentes e periféricos do sistema capitalista. Era a hegemonia do capital e houve quem defendesse, inclusive, o fim da história e a vitória final do capitalismo²³.

No Brasil, as políticas neoliberais começaram a ser adotadas com Fernando Collor e aprofundadas com o Plano Real, principalmente após a eleição (no primeiro turno) de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) à presidência da República em 1994 e sua reeleição em 1998 (também no primeiro turno). “O Brasil, por razões específicas, acentua seu ajuste estrutural, inserindo-se na nova ordem mundial, apenas na década

¹⁹ O Chile introduziu o neoliberalismo já na década de 70, sob a ditadura militar de Pinochet.

²⁰ Eleita primeira-ministra da Inglaterra em 1979.

²¹ Eleito presidente dos EUA em 1980

²² Expressão atribuída ao economista inglês John Williamson, ex-funcionário do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, se referindo a reunião ocorrida em 1989 em Washington, no International Institute for Economy onde se debateram as diretrizes econômicas para a América Latina.

²³ Referência à obra de Francis Fukuyama, O fim da história, publicada em 1989.

de 1990, com a assunção da Presidência da República por Fernando Henrique Cardoso”. (Silva Jr. 2002, p. 62)

De acordo com Soares (2000), era o chamado “projeto neoliberal brasileiro”, que tinha como princípios o combate à inflação, a desregulamentação da economia (com a abolição da regulação do Estado sobre preços e sobre as relações: capital - trabalho, imperando o livre jogo do mercado), incentivo às importações, a retirada do Estado como agente produtivo (dando início ao processo de privatizações), redução do setor público (caracterizando-o como ineficiente e incapaz, diferente do setor privado – essa ideologia espalhou-se para os serviços sociais) e o Estado Mínimo (idéia cara ao neoliberalismo, onde o Estado passe a cumprir apenas as funções básicas como a educação primária, a saúde e a manutenção de uma infra-estrutura absolutamente necessária ao desenvolvimento econômico).

Para Gohn (2005, p. 11):

A reestruturação do papel do Estado, não mais como produtor de muitas ações, mas como gestor e repassador de recursos, têm levado à privatização de serviços essenciais, à emergência de novos parceiros no atendimento de questões sociais e à estratificação desse atendimento segundo os imperativos da lógica do mercado; a flexibilização e desregulamentação de políticas sociais – com a retirada de direitos adquiridos pelos trabalhadores do setor privado e público são também parte do cenário da nova questão social no Brasil.

Todas essas ações são adotadas com um discurso de defesa que esconde os reais interesses de seus defensores:

Por trás de todas essas medidas está a idéia central de que é o livre jogo das forças de mercado, sem nenhuma interferência, o que levaria a uma melhor utilização dos fatores produtivos em benefício de toda a coletividade. Evidentemente, ao buscarmos as reais motivações subjacentes à defesa desses princípios, encontramos interesses econômicos e políticos bem definidos. Assim, por exemplo, a teoria clássica do livre comércio serve para formular um esquema de divisão internacional do trabalho que vem respondendo a interesses dominantes tanto no centro do sistema capitalista como na sua periferia. (SOARES, 2000, p. 15)

Esse ajuste ao modelo neoliberal traz sérias conseqüências negativas para a maior parcela da população. Esses retrocessos sociais no Brasil são apontados por Soares (2000) nas altas taxas de mortalidade infantil (47 mortes de menores de um ano para cada mil nascidos vivos), no aumento do trabalho informal (crescimento de 62% entre 1990 e 1999 no número de pessoas que trabalham sem carteira, sendo que esta porcentagem atinge os 81% em São Paulo), no aumento do desemprego (destruição de 30 a 35% de postos de trabalho existentes em 1989, equivalente a 1,5 milhões de empregos) e queda na renda média do brasileiro.

Para a implantação do neoliberalismo, o governo de FHC adotou como estratégia de ação uma política de reformas: econômica, tributária, fiscal, da previdência, produtiva, educacional, etc., ou seja, reforma do Estado e da constituição (Silva Jr, 2002, p. 202).

Assistimos neste período à entrega de boa parte do patrimônio nacional para o capital privado, principalmente através do processo de privatização (apesar de todo o movimento contrário organizado pela oposição, vide a batalha judicial em torno do leilão da Companhia Vale do Rio Doce) e a implantação do DRU (Desvinculação das Receitas da União), que resultou no aumento do cortes das verbas destinadas constitucionalmente às áreas sociais e o comprometimento cada vez maior do orçamento com o pagamento dos juros da dívida interna e externa, etc.

A receita anual total de Estados e Municípios vinculada à educação no Brasil corresponde aproximadamente a R\$ 18,1 bilhões e a da União está em torno de R\$ 5,9 bilhões. Em contrapartida, somente com os juros da dívida interna, o Tesouro desembolsa algo como US\$ 22 bilhões de dólares/ano. Já os juros da externa consomem uma cifra na casa dos US\$ 20 bilhões, anualmente. Conclusão: para alimentar o circuito nacional e internacional da especulação o país gasta quase o dobro do que gasta com educação. (VALENTE, 1997, p.09)

Fazendo uma análise da política social desenvolvida no primeiro mandato de FHC, Netto (1999, p. 75), afirma que “O primeiro governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso representou, para as massas brasileiras, o que pode qualificar-se como um desastre.”

O desastre fica evidenciado nos cortes orçamentários para as áreas como educação, saúde, trabalho, assistência e previdência, etc. É o Estado Mínimo sendo aplicado no Brasil.

Em Sorocaba o período estudado caracteriza-se pela predominância política do PSDB, marcado por dois mandatos consecutivos de Renato Favel Amary (1997 a 2004), mandatos que contaram com tranqüila maioria na Câmara Municipal e foram marcados pela repressão e criminalização dos movimentos sociais.

A primeira eleição de Renato Amary ocorreu em 1996, sendo a segunda disputa ao cargo de prefeito (a primeira foi em 1992) e a terceira disputa eleitoral (foi eleito deputado estadual em 1994). A campanha eleitoral contou com mais quatro candidatos: José Caldini Crespo do PFL (deputado estadual), Iara Bernardi do PT (vereadora), Theodoro Mendes do PTB (ex-prefeito), Nildo Leite do PSB.

Crespo liderou as pesquisas de opinião desde o início da campanha; a última pesquisa²⁴ realizada nas vésperas da eleição apontava: Crespo 32,3%, Iara Bernardi 18,1%, Renato Amary 17,7%, Theodoro Mendes 13,3% e Nildo Leite 2,4%. Os números revelavam uma acirrada disputa pela segunda vaga ao segundo turno entre Iara Bernardi do PT e Renato Amary do PSDB.

No entanto o resultado das urnas deixou a candidata do PT fora da disputa à prefeitura municipal: Crespo obteve 65.302 votos, Renato Amary 57.731, Iara Bernardi 43.731, Theodoro Mendes 27.975 e Nildo Leite 6.025.

O segundo turno foi marcado por ataques pessoais, já que ambos os candidatos defendiam o mesmo projeto político neoliberal. Renato Amary procurou aproximar sua imagem a da candidata do PT Iara Bernardi na tentativa de conseguir os votos petistas. O Partido dos Trabalhadores, em plenária com a militância, decidiu pelo não apoio a nenhum dos candidatos no segundo turno, no entanto, algumas personalidades do partido foram contra essa orientação partidária e deram um apoio, em alguns casos velado e em outros explícito, ao candidato do PSDB.

O resultado do segundo turno foi apertado, mas Renato Amary foi eleito com 102.139 votos (52,4%) contra 92.758 (47,5%) de Crespo. A composição da Câmara

²⁴ Realizada pelo instituto Ipeso e divulgada pelo Jornal Diário de Sorocaba, em sua edição de 02/10/96

Municipal, (onde dos 21 vereadores que compunham a casa, 5 eram do PMDB, 4 do PFL, 4 do PSDB, 3 do PL, 3 do PT e 2 do PDT), dava sinal verde para o novo governo do PSDB, alinhado ao governo estadual e nacional do partido na implementação das políticas neoliberais.

O domínio político do PSDB em Sorocaba ficou mais claro nas eleições de 2000, onde Renato Amary foi reeleito no primeiro turno com 128.207 votos (51,16%) contra 69.274 (27,64%) para Crespo do PFL, 40.668 (16,23%) para Hamilton do PT, 7.469 (2,98) para Chaves Neto do PPS, 3.726 (1,49) para Lole (Antonio Luis Calegari Cenci) do PHS e 1.271 (0,51%) para Luiz Francisco do PSB.

No entanto, na Câmara Municipal a oposição elegeu a maioria dos vereadores. A possível dificuldade que o prefeito do PSDB teria com uma Câmara Municipal de 14 membros (reduzida por decisão judicial), onde 8 seriam da oposição (4 do PT e 4 do PFL), pois disputaram as eleições apoiando para prefeito respectivamente Hamilton Pereira do PT e Crespo do PFL, não se configurou. Já no primeiro dia de sessão (01 de janeiro de 2001), na eleição do presidente da Câmara dois vereadores do PFL (Pastor Moacir Luis e Pastor Irineu de Toledo) desobedeceram a orientação do partido e descumpriram o acordo com o PT, no qual deveriam votar no vereador Gabriel Bittencourt do PT (o mais votado nas eleições) e votaram em Carlinhos da Farmácia do PSDB.

A atitude recebeu a reprovação dos populares que acompanhavam a sessão; de acordo com a imprensa um espectador gritou de onde estava: “pequenas igrejas, grandes negócios” (Jornal Cruzeiro do Sul, 02/01/2001, p. A-8). Ainda de acordo com o mesmo jornal, o PT e o PFL denunciavam que a atitude dos dois vereadores pastores foi resultado de um acordo com o prefeito reeleito Renato Amary, que empossou o pastor Ernesto Taconi para o cargo de secretário municipal de relações do trabalho. A eleição da mesa da Câmara demonstrou que durante seu novo mandato, Renato Amary manteria a maioria no Legislativo.

Com relação aos movimentos sociais, Renato Amary adotou em ambos os mandatos uma prática de não diálogo e de extremo autoritarismo, não se sensibilizando com as reivindicações e lutas sociais ocorridas em seus governos: demitiu os contratados da prefeitura (mais de três mil), proibiu o transporte coletivo

clandestino praticado pelos perueiros, removeu os camelôs que trabalhavam no centro apreendendo suas mercadorias, despejou as famílias que moravam em áreas públicas (resultado de ocupações) e utilizou constantemente a polícia militar e a guarda municipal para reprimir e dispersar os protestos e manifestações populares.

Ao mesmo tempo desenvolveu uma política de embelezamento do centro e das principais avenidas, com recapeamento, duplicação, plantio de gramas e flores, pintura de viadutos e discreta remoção de mendigos e proibição da presença de catadores de material reciclável no centro da cidade.

Nas eleições para prefeito de 2004, Renato Amary elegeu seu sucessor, o ex-secretário de saúde Vitor Lippi, também do PSDB. Sendo assim, o governo de Sorocaba manteve-se em consonância com a política neoliberal presente no Estado brasileiro, implantada por FHC.

2. CONSTRUÇÃO DO OLHO VIVO

Quando nada parece ajudar,
eu olho o cortador de pedras martelando sua rocha
talvez cem vezes sem que nem uma só rachadura apareça.
No entanto, na centésima primeira martelada,
a pedra se abre em duas
e eu sei que não foi aquela a que consegui,
mas todas as que vieram antes.

(Jacob Riis)

É neste contexto de hegemonia das políticas neoliberais que se dá a construção do Olho Vivo, onde a organização dos estudantes em grêmios estudantis, as atividades de formação e as ações políticas (atos, protestos e passeatas) traziam em seu seio consciente e inconscientemente a luta contra o ajuste neoliberal e as conseqüências da implantação deste modelo econômico no Brasil.

- **Primeiro Encontro**

Após alguns meses de constante e árduo trabalho, uma vez que a militância era realizada nas horas de folga (pois todos trabalhavam), consegue-se a constituição de alguns grêmios livres nas seguintes escolas: CEFAM, EE Prof. Izidoro Marins, EE prof. Lauro Sanches que juntos com os demais grêmios já existentes realizaram no dia 31 de julho de 1997 um Encontro Municipal de Estudantes Secundaristas e Universitários: era o 1º Encontro do *Olho Vivo*.

O Primeiro Encontro do Olho Vivo ocorreu em uma chácara localizada na Avenida Itavuvu, na altura do nº 7000 ao lado da Empresa “SOHOVOS”²⁵. Neste encontro, priorizou-se a formação política e a confraternização entre os estudantes.

²⁵ Hoje a chácara não existe mais, no seu local existe um loteamento chamado: Jardim Paulista.

O encontro contou com a presença de um estudante de Campinas, Otávio, militante do campo de oposição da UPES / UBES e dirigente de um grupo de estudantes em sua cidade, chamado de “União de Grêmios”²⁶, que possuía muito das características do Olho Vivo.

- **Lutas contra a reforma do Ensino Técnico**

Em 1997, ocorreu a luta contra a reforma do ensino técnico, desenvolvido pelo então ministro da Educação Paulo Renato, através do decreto 2.208/97, que dava continuidade à reforma curricular iniciada com a Lei 9.393/96, Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

Regulamentando alguns artigos da LDB, o decreto 2208/97 desvinculou o ensino técnico do médio, já a partir de 1998, permitindo que disciplinas profissionalizantes pudessem ser desenvolvidas no espaço limitado à parte diversificada do currículo do ensino médio e aproveitadas para cômputo de uma formação profissional sem, contudo, garantir, per si ou pelo acúmulo de módulos ou disciplinas, a certificação de uma especialidade técnica. (CUNHA, 2002 *apud* ESCUDEIRO, 2005. P. 28)

Esta reforma impediu que os estudantes cursassem concomitantemente o ensino médio e o ensino técnico, obrigando os alunos a cursarem os três anos do ensino médio e só após a conclusão deste, cursarem o ensino técnico, ou os realizarem concomitantemente (o ensino médio no período da manhã e o técnico no período noturno). As duas maneiras prejudicavam o estudante, pois o mesmo utilizando-se da primeira opção, só teria o seu diploma de técnico após os três anos do médio, mais os anos do curso técnico. Na segunda opção, o estudante cursando o ensino médio de manhã e o técnico à noite ficava impossibilitado de trabalhar, o que

²⁶ A União de Grêmios se apresentava como Oposição a UCES – União Campinense de Estudantes Secundaristas – dirigida pela UJS.

impedia o estudo de uma grande quantidade de jovens trabalhadores. De acordo com Escudeiro (2005, p. 31):

Se para a formação geral a unitariedade do Ensino Médio representou a possibilidade de aprofundamento de estudos e ampliação cultural, significou também, a alunos de classes que demandam maior necessidade econômica, dupla jornada pedagógica na busca de formação profissional, concomitantemente à formação básica, o que, por si, inviabilizou a imediata inserção no mercado de trabalho, ou obrigou ao adiamento da formação profissional para o período pós-médio, reforçando o princípio de seletividade e subsunção, nesse ínterim, a trabalhos precários.

A anteriormente citada LDB (Lei de Diretrizes e Bases) é aprovada num contexto em que, apesar do lobby das empresas privatistas, os defensores da escola pública avançaram na conquista de vitórias: o texto original da LDB incluía avanços como o aumento progressivo das verbas públicas com a escola pública e a redução do número de alunos por sala de aula. No entanto a vitória de Fernando Henrique Cardoso alterou este quadro e,

Por meio de uma manobra regimental do Senado, o projeto originário da Câmara e fruo de longa discussão é substituído por outro, elaborado, a toque de caixa na “cozinha” do MEC mas com a paternidade assumida pelo Senador Darcy Ribeiro. Esse projeto é aprovado em fevereiro de 1996 no plenário [...], segue para sanção presidencial e é promulgado como lei [...] sem qualquer veto presidencial [...] (SAVIANI, 1997 *apud* ESCUDEIRO, 2005, p. 28).

A aprovação da LDB de 1996 representou a influência da correlação de forças favoráveis a um governo neoliberal, salvaguardado na sociedade pelo controle da inflação devido ao plano real. O decreto 2208/97 segue a mesma lógica, assim como a aprovação pelo Congresso Nacional do Plano Nacional de Educação (PNE). O PNE, discutido e elaborado em conjunto com setores da sociedade civil, tinha dois eixos principais: a ampliação da ação e conseqüentemente dos investimentos do Estado na escola pública e a efetivação da gestão democrática. No entanto, o Congresso aprovou

o que ficou conhecido por PNE de FHC, que limitou os gastos do governo com educação e ignorou o debate sobre gestão democrática.

Em todo o país “pipocam” manifestações contrárias à reforma do ensino técnico; em Sorocaba os Grêmios das ETE Fernando Prestes e Rubens de Faria e Souza, com o apoio do Olho Vivo, organizaram diversos atos de protestos, manifestações e passeatas.

Foram passeatas pelas ruas do centro, atos de protesto na praça Cel. Fernando Prestes e participação massiva de estudantes em uma audiência pública organizada na Câmara Municipal, requerida e presidida pelo vereador Gabriel C. Bitencourt do PT, para debater o processo de Reforma do Ensino Técnico.

Apesar do movimento de oposição ao decreto mobilizar estudantes e professores, o mesmo não foi revogado e a reforma do ensino técnico ocorreu. Para o Olho Vivo ficou um saldo positivo, pois começava-se a assumir a vanguarda das lutas dos estudantes em Sorocaba, enquanto a USE “das carteirinhas” assistiu a todo o processo sem dele participar.

- **Pequena participação no Movimento Universitário e 2º Encontro**

No campo universitário, a participação do Olho Vivo limitou-se à atuação do militante Marcelino de Almeida, autor deste trabalho, que se matriculou em História na Universidade de Sorocaba para atuar no Movimento Estudantil. Em 1997 Marcelino foi eleito vice-presidente do CAHISTO (Centro Acadêmico de História), e no mesmo ano participou do Congresso da UEE-SP (União Estadual dos Estudantes Universitários do estado de São Paulo) ocorrido na cidade de Americana.

No Movimento Estudantil Universitário, as dificuldades eram muitas, a começar pelo isolamento, afinal só existia um militante do Olho Vivo no ensino superior. Por outro lado, o fato de Marcelino ser do Centro Acadêmico de História da Universidade de Sorocaba (UNISO) facilitava a entrada em escolas secundaristas, o que alavancou a campanha de formação de grêmios estudantis.

No dia 02 de Novembro de 1997, realizou-se o 2º Encontro do *Olho Vivo*, em uma chácara localizada na Rua Atanásio Soares, Zona Norte de Sorocaba.

Este encontro deu continuidade ao processo de formação, priorizando debates em torno da conjuntura política, econômica e social, da história do movimento estudantil, da organização de grêmios estudantis e discutiu-se muito sobre o processo organizativo do *Olho Vivo*.

Um dos encaminhamentos fundamentais do Encontro foi a necessidade do *Olho Vivo* desenvolver uma campanha de formação de Grêmios Estudantis, entendendo ser este o espaço privilegiado para o início da atuação política da juventude.



2º Encontro do Olho Vivo – Arquivo pessoal (02/11/97)

O Encontro orientou também a participação dos membros do *Olho Vivo* no Congresso da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas) que ocorreu em Juiz de Fora – MG.

- **Congresso da UBES**

Ainda no final de 1997, ocorreu o Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), em Juiz de Fora – MG; o Olho Vivo esteve presente com uma pequena bancada de delegados; começava aí a desilusão com as entidades gerais do movimento estudantil brasileiro.

O Olho Vivo participou com um pequeno grupo, aproximadamente 7 (sete) estudantes, a maioria observadores, que conseguiram ir devido ao apoio da frente de grêmios de Campinas que desviaram o percurso de seu ônibus e passaram por Sorocaba, com isso possibilitando a participação dos militantes do Olho Vivo no Congresso.

Em Juiz de Fora, o lema utilizado pelo campo das oposições era “Juiz de Fora não apita”, se referindo e denunciando o congresso como sendo de cartas marcadas, argumentando que as decisões já tinham sido tomadas pela cúpula do PC do B / UJS.

O congresso foi marcado pela disputa entre os vários agrupamentos políticos partidários e não partidários e divididos em dois grupos: de um lado o campo majoritário, a UJS e do outro lado o campo das oposições, que muitas vezes não se entendiam. Os militantes do Olho Vivo participaram como meros espectadores do jogo, afinal não tinham a menor noção da complexidade e das disputas do movimento estudantil “oficial”, mas voltaram com a convicção de que deveriam contribuir para mudar aquela realidade.

- **Alexandre Vannucchi – 25 anos depois**

No dia 20 de março de 1998, no salão nobre do campus Trujillo da UNISO, o Olho Vivo, em conjunto com os Centros Acadêmicos de Direito e de História da UNISO, da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do estado de São Paulo e da Câmara dos Deputados, da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos

Políticos e do Movimento Nacional de Direitos Humanos, realizam um Ato em homenagem à memória do estudante sorocabano Alexandre Vannucchi Leme, assassinado pela ditadura militar.

Alexandre Vannucchi nasceu em 1950, em Sorocaba, filho de José de Oliveira Leme e Egle Vannucchi Leme, estudava Geologia na USP, militava no Movimento Estudantil e na Ação Libertadora Nacional (ALN), grupo guerrilheiro que fazia oposição armada à ditadura militar. Alexandre foi preso, torturado e assassinado no dia 17 de março, pelo regime militar; na época tinha 22 anos. A imprensa divulgou nota oficial do governo, na qual Alexandre teria sido atropelado por um caminhão quando fugia da polícia.

A família de Alexandre Vannucchi ficou sabendo da notícia através do jornal Folha de S. Paulo. O Sr. José de Oliveira Leme compareceu até o DOPS. _ “Fui direto ao DOPS e depois de seis horas de espera, fui atendido por Fleury, que fez questão de frisar que não tinha nada a ver com a morte de Alexandre”. (BRAGA, BARBOSA, 1978 *apud* IKEDO, 2003, p. 69)

O ato realizado pelo Olho Vivo, não foi a primeira homenagem a Alexandre, pois sua figura sempre é lembrada pelo movimento estudantil. De acordo com Ikedo (2003, p.70), “[...] sua memória foi homenageada pelo Diretório Central dos Estudantes da USP, que leva o nome de ‘DCE-Livre Alexandre Vannucchi Leme’, desde a sua fundação, em 1976.”

O Olho Vivo organizou a homenagem e a divulgou nas escolas secundaristas, convidando os estudantes para participarem do ato. A imagem de Alexandre e sua resistência contra a ditadura militar eram associadas à luta dos estudantes por melhorias na qualidade da escola pública e a luta de todos os militantes sociais contra a injustiça.

Na noite do dia 20 de março de 1998, o salão nobre do Campus Trujillo da UNISO estava lotado de estudantes universitários e secundaristas para homenagearem Alexandre, e os versos feitos por seus companheiros de cela, na ocasião de sua morte, puderam, naquela noite, se tornar realidade: “Hei de fazer que a voz torne aluir entre os ossos... E farei que a fala torne a encarnar-se... Depois que se perca este tempo e um novo tempo amanheça.” (IKEDO, 2003. p. 70)



Cartaz de Divulgação do Ato em homenagem a Alexandre Vanucchi – Arquivo pessoal do autor

2.1 POR DENTRO DAS ENTIDADES

No início de 1998, mais precisamente no dia 15 de março (domingo)²⁷, o Olho Vivo conheceria aquele que seria um dos seus principais dirigentes, Rodrigo Pinto

²⁷ Data do debate que ocorreu em Sorocaba entre Renato Simões e Marta Suplicy pré-candidatos do PT ao governo do estado.

Chizolini, estudante da EE Arthur Cirillo Freire. Um adolescente com boa formação política e nítida opção de classe (participava do PT e afirmava ser socialista).

Rodrigo já participava do PT em Votorantim, por influência de seu pai Waldemir de Jesus Morais Chizollini, advogado e ex-militante do partido. Rodrigo desenvolvia sua ação política ao lado de “Miltinho”, a quem se refere como “militante íntegro, honesto e de esquerda”.

Rodrigo, no entanto, era um estudante tímido e com quase nenhuma habilidade política, chegando a ponto de, em uma reunião de construção do Grêmio Estudantil da escola, ao discordar de outra estudante e de não ter argumentos para convencê-la e nem convencer os demais membros da reunião, acabou ofendendo-a com palavras de baixo calão e se retirando da reunião.

Após esse desastrado início no movimento estudantil, no ano de 1998, Rodrigo transferiu-se para a EE Antonio Padilha e com grande força de vontade, dedicação, comprometimento, e recebendo constantes orientações dos companheiros do Olho Vivo, começa a desenvolver uma ótima atuação no grêmio estudantil da sua escola e em pouco tempo se torna a principal liderança do Olho Vivo.

Nitidamente o Olho Vivo contribuiu muito para a formação política de Rodrigo no âmbito da tradição marxista. Sobre essa sua experiência, afirma:

O militante está sempre se forjando, sempre se formando do ponto de vista político e ideológico. O Olho Vivo foi uma grande escola para várias lideranças de esquerda, que hoje continuam sua militância em sindicatos, movimentos sociais e partidos de esquerda. Foi no Olho Vivo que descobri a importância da organização das pessoas para lutar contra as injustiças sociais. (CHIZOLLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

- **Congresso da UPES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) -1998
- Indaiatuba**

Em 1998, o Olho Vivo organizou uma grande bancada para participar do Congresso da União Paulista dos Estudantes Secundaristas (UPES), que ocorreu em Indaiatuba. Eram mais de trinta delegados e alguns observadores, resultado de um árduo trabalho de visita a dezenas de escolas. Desta vez, além das dificuldades para adentrar as escolas, conversar com os estudantes e fazer a eleição dos delegados, havia o impedimento dos pais de deixarem seus filhos menores participarem de um congresso em outra cidade e dormir duas noites fora de casa.

O congresso apresentou muitas dificuldades estruturais, pelo menos para os delegados das oposições. O alojamento era distante do local dos debates e não havia transporte, forçando os estudantes a se deslocarem a pé. Além disso, faltou água e comida. Existiam até especulações no sentido de que a desorganização era proposital, para impedir os debates e garantir a vitória da UJS, afinal eles eram os responsáveis pela parte estrutural do congresso.

Os debates políticos foram poucos e com baixa participação dos estudantes.

O Congresso da UPES revelou a dinâmica do movimento estudantil no Estado, pudemos ver a participação dos diversos partidos dentro do Movimento Estudantil. O congresso infelizmente foi muito despolitizado, e as discussões ficavam restritas a poucos grupos. A expectativa de fazer um congresso para discutir a situação da educação e a organização dos estudantes frustrou. Foi um congresso difícil, prevaleceu a forma equivocada de fazer política, o "cupulismo", sem contar a preocupação excessiva da UJS de permanecer na direção a qualquer custo e em manter a carteirinha da meia-entrada como principal política da entidade. (CHIZOLLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008).

Novamente como ocorrera no congresso da UBES, o Olho Vivo compôs com o campo das oposições; a representatividade da bancada e o prestígio que o Olho Vivo alcançara no estado, entre as forças de oposição, garantiram a indicação de um militante para a diretoria da UPES. Após uma grande reflexão de seus membros, foi escolhido o estudante Rodrigo para representar o Olho Vivo na União Paulista dos Estudantes Secundaristas.

A participação do Rodrigo dentro da UPES serviu para fortalecer a descrença do Olho Vivo nas entidades gerais, afinal agora se avaliava a estrutura da UPES por dentro, toda a inoperância, sectarismo, submissão ao PC do B e a UJS estavam sendo vistos e comprovados de perto, ou seja, isso não ocorria apenas em Sorocaba com a USE, acontecia também na UPES, na UBES, na UEE e na UNE.

Tudo o que foi denunciado no congresso ocorria na diretoria; a oposição que compunha a diretoria da UPES esforçava-se para levar o movimento à luta e à organização dos estudantes, mas a oposição era minoritária e toda vez era voto vencido: aprovava-se as propostas do campo majoritário, a UJS. Foram dois anos na direção da UPES, dos quais o ex-militante do Olho Vivo Rodrigo guarda as seguintes críticas, “[...] a falta de relação dos dirigentes com o Movimento Estudantil real da juventude, o distanciamento entre a direção e a base, quem dirigia a UPES era a UJS, eles tinham outro projeto, que não era organizar os estudantes para a luta social.” (CHIZOLLINI, entrevistado em 03/11/ 2008)

No entanto para o Olho Vivo o cargo de diretor da UPES exercido por Rodrigo foi importante para fortalecer a organização, afinal, como diretor de uma entidade estadual, era mais fácil entrar nas escolas para desenvolver o trabalho de formação de grêmios.

Os dois anos em que o Rodrigo podia falar em nome da UPES em Sorocaba foram anos de crescimento do Olho Vivo: aumentou-se o número de grêmios, triplicou-se o número de contatos e de militantes que começaram a participar do movimento e foi possível começar uma articulação no movimento universitário dentro da UNISO.

- **Eleições no DCE-UNISO**

No ano de 1999, Márcio da Silva Souza matriculou-se no curso de Matemática da UNISO e, ao lado de Marcelino de Almeida, começaram a discutir formas de intervenção junto ao Diretório Central dos Estudantes – DCE.

No primeiro semestre de 1999, às escondidas, a diretoria do DCE - UNISO chamou novas eleições. A divulgação do período para as inscrições de chapas foi feito através de edital publicado no setor de classificados de um jornal da cidade, quando deveria ser democraticamente e amplamente divulgado dentro da Universidade.

Na véspera do prazo final para as inscrições das chapas, Márcio e Marcelino foram procurados por Rodrigo Maldonado, presidente do Centro Acadêmico de Economia, com a informação referente ao período da inscrição de chapas.

Como o prazo acabava no dia seguinte e precisava-se, de acordo com estatuto da entidade, de no mínimo um estudante de cada curso para compor uma chapa para concorrer à direção do DCE, os dois membros do Olho Vivo, Márcio e Marcelino, passaram a noite articulando nomes para poderem inscrever uma chapa.

No último dia previsto pelo edital compareceram à sede do DCE-UNISO os estudantes Rodrigo Maldonado, Marcelino de Almeida e Márcio da Silva Souza para inscreverem a chapa (que seria a chapa de oposição).

Alguns dias depois, Márcio recebeu a informação, vinda de dentro do PT (Partido dos Trabalhadores), que o estudante Rodrigo Maldonado era assessor do vereador Moacir Luís do PFL (Partido da Frente Liberal).

Apesar do choque da informação, não tiveram alternativa a não ser prosseguir no processo eleitoral, uma vez que apesar de ter o estudante Rodrigo como candidato a presidente do DCE, a maioria dos cargos pertenciam a contatos do Olho Vivo, representados ali na UNISO pelos militantes Márcio e Marcelino.

Durante o processo eleitoral os membros da chapa 1 (UJS / PCdoB), que dirigiam o DCE, usaram do argumento de que a chapa de oposição era de direita, pois tinha como candidato a presidente um estudante vinculado ao PFL, assessor de um vereador do PFL, e iriam acabar com o processo de pagamento em consignação.

O processo de pagamento em consignação (em Juízo) era uma contestação judicial feita pelo DCE contra a fundação Dom Aguirre, mantenedora da UNISO, na qual se contestava o aumento no valor das mensalidades ocorrido no período de transição de Faculdades Integradas Dom Aguirre para Universidade de Sorocaba. Por determinação judicial, o estudante que aderisse ao processo começava a pagar as suas mensalidades diretamente no banco em uma conta determinada pela justiça;

pagava-se um valor de aproximadamente 50% do valor cobrado pela UNISO, enquanto durasse o processo.

A chapa 2 (oposição) denunciava irregularidades no controle do processo de pagamento em consignação feito pela direção do DCE, denunciando falcatruas e apropriação indébita do dinheiro dos estudantes para uso pessoal e para desvio para o PCdoB.

O medo venceu a esperança, e no dia 07 de maio de 1999 a preocupação dos estudantes com relação ao fim do processo de pagamento em juízo determinou o resultado da eleição:

CHAPA 1 – Tenha Juízo, o DCE é dos estudantes: 1.199 votos 55,30%

CHAPA 2 – Mudar para Moralizar: 939 votos 43,32 %

BRANCOS E NULOS – 30 votos 1,38%

- **Crise no DCE-UNISO**

No entanto, o tempo provou que os militantes do Olho Vivo (chapa 2) falavam a verdade. No início do segundo semestre de 1999 estourou o escândalo as falcatruas da diretoria do DCE (militantes do PC do B/UJS).

A Pró-Reitoria de Administração da UNISO exigiu para fins de rematrícula dos estudantes que realizavam o pagamento em Juízo, a apresentação de todos os boletos pagos, referentes a todo o período em que o estudante estivesse realizando o pagamento em consignação.

Muitos estudantes não possuíam esses documentos, apenas o recibo emitido pelo DCE, que se comprometia a realizar o pagamento. Os estudantes procuraram, então, o DCE e não encontraram os boletos, pois os membros da diretoria tinham perdido e/ou não realizado o pagamento e extraviado o dinheiro.



Jornal Cruzeiro do Sul- 03/08/99 – p. A-4 – Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba.

A advogada Darlise, que ajuizava os processos de consignação para os estudantes da UNISO em parceria com o DCE, aproveitando-se das procurações assinadas pelos estudantes, fez um acordo com a UNISO e acabou com os processos de pagamento em juízo.

Advogada culpa presidente do DCE

Jornal Cruzeiro do Sul- 03/08/99 – p. A-4 – Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba.

Iniciou-se um período de acusações: a advogada culpou o DCE; o ex-presidente Luiz Vanderlei de Sales foi acusado pelo presidente eleito (com seu apoio) Edson Solano de não realizar o pagamento dos boletos; Solano foi acusado de fazer o acordo com a UNISO, encerrando o processo de consignação e o conjunto dos estudantes que estavam no processo de consignação, aproximadamente dois mil, acusaram o DCE pelos prejuízos. Muitos dos quais que se sentiram vítimas entram com ações na justiça contra o DCE-UNISO (Anexo 02 / 03).

Em poucos dias centenas de estudantes foram às portas do Diretório Central dos Estudantes exigindo a devolução do dinheiro ou os documentos que comprovassem o devido pagamento. A saída para os membros da direção do DCE foi o abandono. Abandonaram a entidade, fecharam as portas e sumiram, deixando lá documentos da entidade e até objetos pessoais.



Jornal Cruzeiro do Sul- 03/08/99 – capa – Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba

O movimento estudantil universitário da UNISO, maior espaço de efervescência política entre os estudantes universitários de Sorocaba estava paralisado e só voltaria a entrar em ação, alguns anos depois, pelas mãos de militantes do Olho Vivo.

2.2 SAINDO ÀS RUAS

Após o processo de disputa do DCE-UNISO, o Olho Vivo voltou sua atenção para os secundaristas e iniciou atividades para divulgar e fortalecer o movimento, além de investir na formação política de militantes e quadros dirigentes.

- **MST**

A conjuntura dos movimentos sociais estava marcada pela forte presença e atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). “O MST transforma-se no maior movimento popular do Brasil nos anos 90. Entre 1994 e 1997 a atuação do MST se ampliou consideravelmente [...]” (GOHN, 2004, p. 305).

A mística em torno do MST cativou militantes em vários cantos do país e com o Olho Vivo não foi diferente; no ano de 1998 a convergência das práticas e dos ideais resultaram no envolvimento dos militantes do Olho Vivo com o MST. Este envolvimento fortaleceu o processo de formação política no seio do Olho Vivo e em contrapartida o MST ganhou um forte apoio na cidade de Sorocaba.

Esse envolvimento tem alguns personagens principais: militantes do MST, que tinham em seu passado um forte vínculo com a cidade de Sorocaba, militaram na JOC (Juventude Operária Católica), no PT e até mesmo no próprio Olho Vivo.

Esses militantes que fizeram uma opção pessoal de partirem para um acampamento são os responsáveis iniciais pelo envolvimento do Olho Vivo com o MST. No entanto o que consolidou essa aliança foi a convergência da teoria política e da prática do MST com as do Olho Vivo.

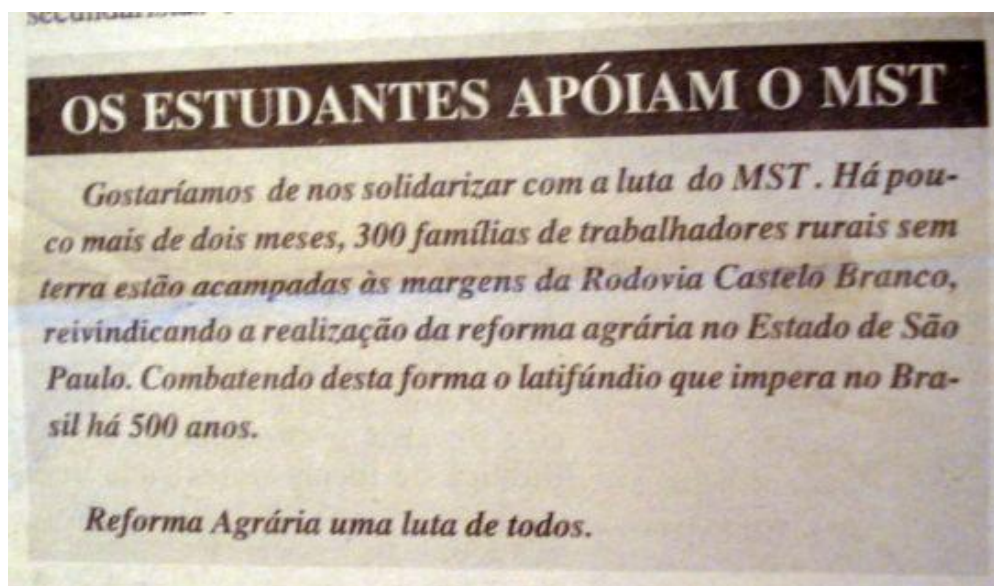
[...] apesar da luta em defesa dos interesses dos estudantes, sempre tivemos o entendimento que na sociedade existem classes sociais com interesses antagônicos, e, que a juventude também está inserida nesta estrutura de classes e no nosso caso estávamos do lado dos trabalhadores e (ainda estamos), ou seja, a mudança na educação passa necessariamente, pela luta por reforma agrária, reforma urbana; um outro projeto político de sociedade. Definitivamente nunca carregamos o corporativismo estudantil, a solidariedade e a idéia de conjunto sempre estiveram presentes. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008).

São várias atividades realizadas em conjunto: seminários, encontros de jovens, trabalho de base junto aos bairros da periferia de Sorocaba para arregimentar famílias

para participarem de ocupações em latifúndios, ocupações, campanhas de arrecadação de alimentos para os acampamentos, manifestações, etc.

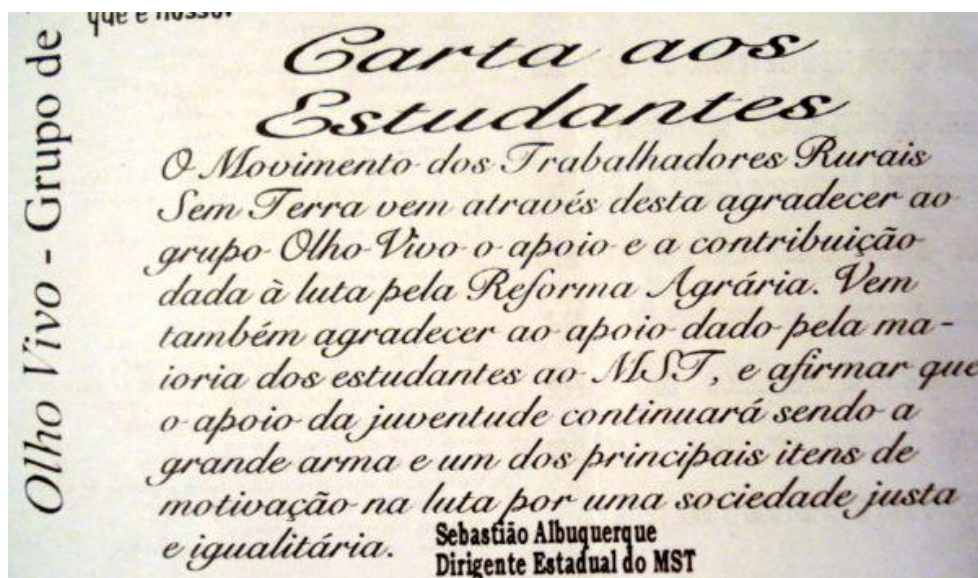
Gohn (2005, p.13), ao analisar o contexto dos movimentos sociais do início do terceiro milênio, confirma esta tendência: “A nova conjuntura gerou também a articulação entre movimentos urbanos e rurais.”

O Olho Vivo demonstrava abertamente o seu apoio ao MST, inclusive fazendo a defesa do Movimento Sem Terra em seus atos, nas visitas às escolas e inclusive em seus panfletos como podemos ver neste boletim de maio/junho de 2003.



Fonte: Arquivo Pessoal de Patrick P. Germano, ex-militante do Olho Vivo.

Em outro boletim de 2000, encontramos uma referência de Sebastião Albuquerque, então membro da Coordenação Estadual do MST, ao apoio que o movimento vinha recebendo dos estudantes e em especial do Olho Vivo.



Fonte: Arquivo Pessoal de Patrick P. Germano, ex-militante do Olho Vivo.

A relação política entre o Olho Vivo e o MST e a simpatia do primeiro para com o segundo, pôde ser comprovada não só pelos impressos do Movimento Estudantil, mas também por imagens. A presença da bandeira do MST foi freqüente nas atividades e ações do Olho Vivo.



Militante do Olho Vivo carrega a bandeira do MST nas costas durante passeata pelo Passe Livre –
Arquivo pessoal



Militante do Olho Vivo Carrega bandeira do MST durante negociação com a Guarda Municipal no plenário da Câmara Municipal – Arquivo Pessoal

As principais atividades em conjunto ocorreram no período em que houve a ocupação da Fazenda União (Nova Canudos), em Porto Feliz, em fevereiro de 1999.

O Olho Vivo contribuiu muito com a luta do MST na região e aprendeu muito também, principalmente com a organização do movimento, aprendizado que foi muito útil nas ações do Olho Vivo na luta pelo passe livre em Sorocaba e no processo de formação política e ideológica.

Outro conceito defendido pelo Olho Vivo e que podemos no mínimo dizer que teve influências do MST foi o conceito de “lastro social”, ou seja, a necessidade do movimento dialogar com o povo, de ter referências na sociedade e não ser um movimento esquerdista cujo discurso não encontrasse eco.

- **Olho Vivo no som**

Como ficou perceptível, o Olho Vivo não fazia apenas o debate educacional, compreendia que o modelo de escola pública existente no Brasil era resultado do sistema econômico e que não seria possível alterar as condições vivenciadas pelos estudantes em suas escolas sem alterar a realidade brasileira. No entanto, não fazia esta leitura de forma mecânica, suas ações demonstravam uma compreensão que ia além do estruturalismo althusseriano, criticado por Thompson²⁸.

Gohn (2005) em seu estudo sobre a sociedade civil situa-a na superestrutura social, mas não a reduz à simples reflexo da infra-estrutura. Para Gramsci (1968), a dominação a de uma classe sobre outra não se dá apenas no plano econômico, mas em diversas instâncias. A hegemonia não é um mero resultado do domínio do econômico e, conseqüentemente, do Estado, que estaria sob o controle da classe dominante. Ela ocorre também, e principalmente, no plano cultural e expressa o poder de uma determinada classe de dirigir moral e intelectualmente o conjunto da sociedade. O espaço principal para a disputa pela hegemonia é a sociedade civil, e se completa no plano da sociedade política – o Estado.

A filosofia política de Gramsci destaca a importância da organização da sociedade civil para a mudança da sociedade política, num plano onde há táticas e estratégias, denominadas guerra de posição e guerra de movimento. Trata-se de organizar a sociedade civil para democratizar o Estado e seus aparelhos (a sociedade política). Ela não se contrapõe ao Estado, mas é uma de suas partes constitutivas, junto com a sociedade política. (GOHN, 2005, p. 65)

²⁸ THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Coerentemente com seu discurso não corporativo, o Olho Vivo realizava vários debates internos, sobre os temas mais diversos: reforma agrária, dívida externa, exclusão social, machismo, cultura, racismo, etc.

Como resultado de um desses debates o Olho Vivo decidiu realizar um festival de música, com o objetivo de divulgar o nome da organização e incentivar a cultura como instrumento de rebeldia, ou seja, contestar e denunciar as injustiças sociais através da arte. O evento ocorreu no dia 21 de Agosto de 1999, na EE João Clímaco de Camargo Pires, intitulado “Olho Vivo no Som”.



Cartaz de divulgação do Festival de música do Olho Vivo – Arquivo Pessoal

O Festival foi importante, pois além de divulgar o Olho Vivo, exigiu muita unidade e dedicação dos militantes, uma vez que o movimento não recebia ajuda de sindicatos nem de partidos; tudo foi feito com muito esforço e no final se tornou um dos marcos do Olho Vivo.

No Olho Vivo, além de debater a educação fazíamos também o debate da cultura, e em Sorocaba sempre a política cultural foi localizada no centro da

cidade. A intenção era criar um espaço para os grupos se apresentarem, foi o dia todo de atividades. Foi uma maneira de divulgar o Olho Vivo e foi um dos marcos, pois o Olho Vivo fazia suas ações sem apoio de ninguém, tudo era feito com o esforço de seus militantes, o show divulgou o Olho Vivo. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

- **Greve Geral de 99**

A primeira manifestação com tensionamento com a polícia foi na greve geral ocorrida no dia 10 de novembro de 1999, Dia Nacional de Paralisação e Protesto em Defesa do Emprego e do Brasil.

A greve geral convocada pelas centrais sindicais tinha como objetivo mobilizar o povo brasileiro contra a política de pilhagem e desmonte do Estado brasileiro pelo Governo FHC do PSDB. Os estudantes sorocabanos deram sua contribuição nessa luta, iniciamos o dia com uma manifestação em frente ao Banco HSBC no centro da cidade, contra a política de privatizações do PSDB e logo depois nos juntamos com outros manifestantes na boulevard Braguinha. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

O movimento ocorreu em todo o país, no entanto contou com uma baixa participação popular, e não afetou a “vida” econômica do país²⁹, comprovando a situação de refluxo que o movimento popular se encontrava no Brasil.

Em Sorocaba o movimento contou com a participação da CUT (organizadora nacional do movimento), do MST, do Movimento dos Sem Tetos e principalmente dos estudantes liderados pelo Olho Vivo, o que garantiu a massificação do movimento.

²⁹ Referência ao editorial do Jornal Cruzeiro do Sul de 11 de novembro de 1999, (Anexo 04)



Jornal Diário de Sorocaba 11/11/99 – p. A-3 Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba.

A participação massiva de estudantes, salientada pela mídia (jornal Diário de Sorocaba, 11/11/99, p. A-3), garantiu ao Olho Vivo o respeito dos demais movimentos sociais:

[...] Uma passeata realizada por representantes de sindicatos locais, sem tetos, sem terras e principalmente por estudantes, parou o centro da cidade por algumas horas, na manhã de ontem. Carregando faixas e bandeiras, os estudantes pediam, através do megafone, que os comerciantes fechassem as portas de seus estabelecimentos por algumas horas. A grande maioria das lojas aderiu ao movimento.



Jornal Diário de Sorocaba 11/11/1999 – p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba

O movimento ocorrido em Sorocaba foi muito importante para a formação política dos militantes do Olho Vivo e para a “mística” de luta e radicalismo que sempre marcou o movimento.

O Olho Vivo adotou a concepção de mística utilizada pelo MST, exposta por Mauro e Pericás (2001) como a conjunção entre o racional e o emocional, pois na luta social nos deparamos com situações nas quais a crueldade é tamanha a ponto de vermos pessoas passando fome em um país com enorme potencial produtivo como o nosso, que incita o militante a tomar atitudes extremamente radicais contra aqueles que controlam os meios de produção e os aparatos militares. No entanto, estas atitudes não resolveriam; o militante precisa sobrepor o lado racional ao emocional, assim, é preciso conjugar a racionalidade necessária com os sentimentos. Ou seja, “ter preparo ideológico e ao mesmo tempo coração ardente”.

É aí que entra a “mística”, a conjugação da razão e da emoção para produzir a “fórmula” que garanta uma militância aguerrida e convicta dos sonhos e das tarefas desenvolvidas. Como afirma Leonardo Boff, “a mística é, pois, o motor secreto de todo compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas dentro da monotonia das tarefas quotidianas. Por fim, permite manter a soberania e a serenidade nos equívocos e nos fracassos”. (MAURO, PERICAS, 2001, p.103)

[...] a mística é uma palavra que tem origem na religião. Na política usa-se outras palavras que querem dizer a mesma coisa. Ou seja, são as diferentes formas de motivação que buscamos para continuar lutando por uma causa justa, procurando “aproximar” o futuro do momento presente. (Setor Nacional de Formação do MST, 2005, p. 110)

- **Brasil 500 anos**

Nos meses março e de abril de 2000, em conjunto com a Pastoral da Juventude, o Olho Vivo realizou um ciclo de debates em escolas e grupos de jovens da igreja católica, um seminário e uma manifestação de protesto contra as comemorações

festivas dos 500 anos do Brasil, realizadas pela imprensa (principalmente a Rede Globo de televisão).

Alguns militantes do Olho Vivo, em especial Rodrigo Alves Vilela (presidente do grêmio estudantil da EE Antonio Padilha na gestão 99/00), participavam da Pastoral da Juventude (PJ), da igreja católica, isso somado ao fato dos dois movimentos atuarem com jovens e principalmente terem uma leitura de mundo muito próxima, gerou uma aproximação do Olho Vivo com a PJ, principalmente da paróquia Cristo Rei, localizada na zona norte de Sorocaba.

No ano de 2000, muito incentivados pelo padre Benedito de Jesus Halter (Padre Benedito), iniciou-se um processo de questionamento das comemorações dos 500 anos do Brasil. Por quase dois meses, militantes da PJ e do Olho Vivo reuniram-se semanalmente, avaliando as ações realizadas e planejando as ações futuras.

Desenvolveram em conjunto um processo de contestação às comemorações dos 500 anos e denunciaram, nas escolas e nas igrejas, o processo de colonização ocorrido no Brasil, com o genocídio indígena, a escravidão dos negros e a exploração dos trabalhadores “livres”, assim como a falsa independência, a ditadura militar e principalmente os 500 anos de injustiças e principalmente a desigualdade social.

No mês de abril de 2000, realizou-se no salão paroquial da igreja Cristo Rei, um seminário para discutir o Brasil 500 anos com o professor e mestre em História Mariano Marchiello, contando com a presença de mais de 100 jovens e na noite do dia 21 de abril, uma passeata pelas avenidas Eugênio Salerno e Afonso Vergueiro, que terminou com um Ato Público na Praça da Bandeira.

2.3 Acumulando forças

No início do ano de 2000 militantes do Olho Vivo que participavam do PT, começaram a discutir o seu papel nas eleições municipais. Após um longo debate,

acompanhado de uma profunda análise da conjuntura e das forças políticas de Sorocaba, resolveram lançar um membro do Olho Vivo como candidato a vereador.

Após um cauteloso e delicado processo de análise, indicaram o estudante Raul Marcelo para cumprir essa função: ser candidato a vereador.

As dificuldades foram muitas. Uma delas foi convencer todos os membros do Olho Vivo da importância da participação no “jogo político da burguesia”, ou seja, o processo eleitoral. A fragilidade da democracia no sistema capitalista é expressa por CHAUI (2001, p. 141):

[...] a democracia, modelada sobre o mercado e sobre a desigualdade sócio-econômica, é uma farsa bem sucedida, visto que os mecanismos por ela acionados destinam-se apenas a conservar a impossibilidade efetiva da democracia. Se na tradição do pensamento democrático, a democracia significa: a) igualdade, b) soberania popular, c) preenchimento das exigências constitucionais, d) reconhecimento da maioria e dos direitos das minorias, e) liberdade, torna-se óbvia a fragilidade democrática no capitalismo.

No entanto os argumentos utilizados na defesa da participação nas eleições foram respaldados pelo posicionamento de Lênin (s/d), que defende a participação dos militantes revolucionários nos parlamentos mais contra-revolucionários, revelando que tal participação foi não só útil como necessária na luta de classes na Rússia, durante as revoluções burguesas de 1905 e fevereiro de 1917, como para a revolução socialista de outubro de 1917.

Assim:

A crítica – a mais implacável, violenta e intransigente – deve dirigir-se não contra o parlamentarismo ou a ação parlamentar, mas sim contra os chefes que não sabem – e mais ainda contra os que não querem – utilizar as eleições e a tribuna parlamentares de modo revolucionário, comunista. (LENIN, 1960, p. 70 - 71)

Alguns membros do Olho Vivo, devido a uma tendência anarquista de inspiração bakuniana³⁰, de negar as eleições e os partidos políticos institucionais (base da democracia liberal), esboçaram uma discordância com relação a essa “nova” forma de enfrentamento e luta.

Após várias reuniões e intensos debates, a maioria dos militantes do Olho Vivo foi convencida da importância do processo e da necessidade de suas participações, no entanto três saem do Olho Vivo (Jeise, “Pó” e Andréia) e após um ensaio no movimento Punk³¹ perdem totalmente o contato com o Olho Vivo e desaparecem do cenário político. Era uma das dissidências ocorridas no Olho Vivo.

Durante a existência do Olho Vivo, outras dissidências ocorreram. Militantes que discordavam da linha política ou da posição do movimento durante uma determinada conjuntura. No entanto nunca houve um racha³², com a saída de um grupo significativo de militantes. As poucas dissidências ocorridas foram, na maioria das vezes, individuais. Nunca causando uma lacuna que viesse a prejudicar a organização.

Diante dos olhos de todos os “políticos” experientes do partido e da cidade, a candidatura do estudante Raul Marcelo não iria muito longe. Isso porque Raul tinha apenas 21 anos, sem experiência e sem base eleitoral, não tinha nenhum trabalho político com exceção do desenvolvido no Olho Vivo, o que para muitos não ajudava, pois como diziam: “Movimento estudantil não dava voto”.

Diferente dos partidos de direita que historicamente gastam rios de dinheiro nas campanhas eleitorais, e alguns candidatos do PT que também começavam a entrar nesse caminho sem volta, a campanha eleitoral de Raul Marcelo foi feita sem dinheiro, na base de contribuições, festas, rifas e principalmente da doação praticamente integral dos militantes do Olho Vivo.

³⁰ Mikhail Aleksándrovich Bakunin, filósofo do séc. XIX, expulso da Associação Internacional dos Trabalhadores por divergências com Marx. Defensor da construção de uma sociedade sem Estado, é considerado como o principal teórico do anarquismo.

³¹ O Movimento Punk surgiu em meados da década de 70 na Inglaterra. No Brasil a partir da década de 80. O movimento punk se opõe e odeia todo tipo de poder ou autoritarismo, tudo que oprime a liberdade de se expressar ou de pensar do ser humano. Defende a construção de uma nova sociedade, livre de qualquer preconceito e exploração. Uma sociedade anarquista.

<http://anarquiapunk.br.tripod.com/anarquiapunk/id1.html>, consultado em 10/06/09

³² Gíria do movimento que significa divisão.

No dia 01 de outubro de 2000, aconteceu o que ninguém imaginava: Raul Marcelo obteve 1.956 votos e foi eleito, sendo o quarto candidato mais votado dentro da chapa do PT, deixando para trás candidatos muito mais experientes: representantes de fortes sindicatos, vereadores que tentavam a reeleição e até mesmo pessoas que se candidatavam pela terceira e/ou quarta vez. “Raul Marcelo, um jovem de apenas 21 anos, nascido em 31 de maio de 1979, surpreendeu muitos candidatos fortes à câmara municipal de Sorocaba e se elegeu com 1956 votos”. (Jornal Diário de Sorocaba, 04/10/00, p. A-5)

O mérito da vitória foi a união de dois elementos:

1. A disposição, o dinamismo e a competência dos militantes do Olho Vivo (incluindo o próprio candidato), que como anteriormente citado, não mediram esforços para vencerem mais esta batalha.
2. A tática eleitoral adotada pela coordenação de campanha que soube analisar muito bem a conjuntura, convencer e conquistar muitos apoiadores importantes, como é o caso do ex-candidato a vereador Amarildo Aparecido dos Santos, que desistiu de ser candidato novamente para apoiar o projeto político em torno do nome do Raul Marcelo. Outro apoiador importantíssimo foi o professor Jorge Roberto, que contribuiu com muita disposição e experiência para a organização da campanha eleitoral.

A análise foi simples: o nome do Raul Marcelo não era conhecido, portanto tinha pouca rejeição; a idéia foi colocar os militantes do Olho Vivo e demais apoiadores para desenvolverem um trabalho de convencimento junto à população de uma determinada parte da zona norte de Sorocaba (Mineirão, Guadalupe, Guaíba, Maria Antonia Prado, Paineiras, etc.), região muito populosa e que não possuía nenhum vereador.

Enquanto os demais candidatos investiam no marketing e na distribuição aleatória de milhares de panfletos, a campanha do Raul Marcelo era feita de casa em casa, com panfletos específicos por bairro, denunciando os problemas locais e a necessidade de eleger um vereador que morasse naquela região e fosse jovem, sem os vícios da corrupção - no caso, Raul Marcelo.

Passadas a empolgação e a festa de comemoração da vitória eleitoral iniciaram-se as discussões sobre os próximos passos do Olho Vivo, agora respaldados por um mandato parlamentar democrático e popular. Tiraram-se como eixo quatro pontos:

1. Uma campanha de formação de grêmios estudantis livres, que além de organizá-los promova seu intercâmbio, com atividades culturais, esportivas, de lazer e principalmente políticas, tais como reuniões, palestras e debates, sempre priorizando as ações práticas de enfrentamento;
2. Um investimento na construção do Movimento Estudantil Universitário na principal instituição de ensino superior da cidade, a UNISO;
3. Criação do MSU – Movimento dos Sem Universidades, como forma de organizar os excluídos do Ensino Superior.
4. Um projeto de lei de grande importância social e que fosse capaz de realizar grandes mobilizações sociais: o projeto do passe livre para os estudantes nos ônibus municipais.

- **Campanha de construção de Grêmios e manifestação contra FHC**

A primeira tarefa ficou sob a coordenação dos dois militantes mais experientes: Rodrigo Pinto Chizollini, agora estudante de direito na FADI-Sorocaba e Marcelino de Almeida, estudante do último semestre de História na UNISO.

O processo de organização dos grêmios estudantis não era padronizado, cada escola tinha suas especificidades e idiossincrasias, sendo assim, a organização de cada grêmio tinha uma história diferente. A campanha iniciou-se com a distribuição nas escolas de um panfleto explicativo sobre o grêmio estudantil; a partir daí o Olho Vivo percorreu vários caminhos: em algumas escolas já existia o grêmio estudantil, mas estava isolado, desconectado das demais entidades; em outras escolas alguns estudantes gostaram do panfleto e procuravam os militantes do Olho Vivo que faziam a panfletagem para pedir orientações e ajuda; em outras escolas algum estudante já

conhecido, se aproximava e liderava e/ou contribuía na organização do grêmio; já em muitas escolas, o caminho foi mais difícil, pois houve a necessidade de procurar o diretor e/ou o coordenador pedagógico para solicitar autorização para reunir os estudantes e organizar o grêmio. Na maioria das escolas esta atitude era vista com suspeita por parte da direção da escola e resultava, na maioria das vezes, em recusa. Mas em algumas escolas a direção e principalmente a coordenação pedagógica contribuía abrindo as portas para o Olho Vivo.

Na formação do grêmio estudantil o Olho Vivo primava pela democracia: todo estudante poderia participar das reuniões, a comissão pró-grêmio era aberta a todos os interessados, esforçava-se para realizar a Assembléia Geral na escola (apesar dos empecilhos impostos pelas direções), incentivava-se a inscrição de várias chapas (coloriam-se as escolas com faixas e cartazes da propaganda eleitoral) e os próprios membros das chapas organizavam o dia da eleição, assim como a apuração.

O Olho Vivo contribuía com a organização, mas passava tarefas para os estudantes, no sentido de envolvê-los na construção do grêmio; se os militantes do Olho Vivo fizessem todo o processo, o mesmo não seria formativo, não resultaria em aprendizagem e não teria nenhum sentido.

Durante todo o ano de 2001 muitas escolas foram visitadas e dezenas de reuniões foram feitas, contribuindo com a construção e/ou reorganização de 25 grêmios estudantis, nas seguintes escolas:

1. EE Altamir Gonçalves – Cerrado
2. EE Antonio Cordeiro – Pq. Das Laranjeiras
3. EE Antonio Miguel Pereira Júnior – Central Parque
4. EE Antonio Vieira Campos – Jd. Júlio de Mesquita Filho (Sorocaba I)
5. EE Beathris Caixeiro Del Cístia – Jd. São Matheus
6. EE Brigadeiro Tobias – Brigadeiro Tobias
7. EE Dionysio Vieira – Jd. Santa Marina II
8. EE Ezequiel Machado – Jd. Santa Rosália
9. EE Francisco Camargo César – Vila Helena
10. EE Gualberto Moreira - Éden
11. EE Humberto de Campos – Jd. Humberto de Campos

- 12.EE João Clímaco de Camargo Pires – Vila Fiore
- 13.EE Joaquim Izidoro Marins – Vila Angélica
- 14.EE Jordina do Amaral Arruda – Jd. Nova Sorocaba
- 15.EE Julio Bierrenbach Lima – Jd. Santa Rosália
- 16.EE Marco Antonio Mencacci – Jd. Josane
- 17.EE Mário Guilherme Notare – Jd. Luciana Maria
- 18.EE Octavio Novaes de Carvalho (CEONC) – Vila Hortência
- 19.EE Rafael Orsi Filho – Julio de Mesquita Filho (Sorocaba I)
- 20.EE Reverendo Ovídio Antonio de Souza – Jd. Nova Esperança
- 21.EE Roque Conceição Martins – Jd. Guadalupe
- 22.EE Senador Luiz Nogueira Martins – Vila Carvalho
- 23.EE Senador Vergueiro – Vila Hortência
- 24.ETE Fernando Prestes – Mangal
- 25.ETE Rubens de Faria e Souza – Centro

A importância da contribuição do Olho Vivo para a construção e/ou reorganização dos grêmios estudantes poderia ser medida pela quantidade de escolas atingidas, porém este trabalho superou a esfera quantitativa a partir do momento em que significou o acerto político do Olho Vivo, que chamamos aqui de trabalho de base.

Para Mauro e Pericás (2001, p.99):

Para se conseguir a massificação das lutas e a qualificação da organização, é preciso fazer trabalho de base, que é lento, constante e personalizado [...] Uma organização que não fizer trabalho de base, dificilmente terá militantes; e sem militantes, dificilmente organizará o povo para poder movimentá-lo quando necessário.

A importância dada ao trabalho de base é outra aprendizagem do Olho Vivo, resultante do contato com o MST. Graças a esse constante processo de visita às escolas e organização dos grêmios estudantis, os militantes do Olho Vivo desenvolveram as condições necessárias para realizar suas ações políticas mais marcantes.

A vontade de organizar o movimento e dar vida aos grêmios construídos resultou na elaboração de um informativo de quatro páginas que foi chamado de Jornal do Olho Vivo, e na realização de um campeonato de futebol de salão (masculino e feminino) entre estudantes.

O campeonato realizado no ginásio de esportes da UNISO em quatro finais de semana foi um sucesso, mais de vinte times de escolas diferentes participaram, com grande número de torcedores e envolvendo muitos colaboradores.

No entanto para o Olho Vivo as dificuldades foram muitas, afinal toda a organização e inclusive a arbitragem dos jogos ficaram a cargo dos militantes que, vale ressaltar, não possuíam nem formação e nem experiência nessa área.

O jornal (anexos 05) se resumiu a um único exemplar, devido à dificuldade de custear a sua impressão, mas seu conteúdo demonstra a visão de totalidade que norteava as ações do Olho Vivo, o que é confirmado pelo teor e pela pluralidade dos assuntos abordados no informativo:

- Apresentação do Olho Vivo;
- Campanha de formação de grêmios estudantis;
- Resgate da memória do estudante secundarista Edson Luis, assassinado pela ditadura militar no dia 28 de março de 1968;
- Contexto histórico da origem do Dia Internacional da Mulher;
- Debate sobre a falta de uma Universidade Pública em Sorocaba;
- Divulgação de atividades desenvolvidas pelos Centros Acadêmicos de Jornalismo e Letras da UNISO, construídos por militantes do Olho Vivo;
- Debate sobre a dominação política via drogas;
- Denúncias ambientais abordando a poluição do Rio Sorocaba e da destruição da Chácara Sônia Maria³³ para abrigar um hipermercado multinacional francês;
- Poesias e agenda cultural da cidade.

³³ A Chácara Sônia Maria era um grande espaço arborizado, próximo ao centro da cidade, que apesar das manifestações contrárias de ecologistas, se transformou no Supermercado Carrefour.

SAIBA O QUE ROLA NO

JORNAL DO

Olho Vivo

Página 2.

- História de um Estudante ;
- Universidade Pública, Quando? ;
- Março, mês da Mulher.

Página 3.

- Charges;
- Você Sabia? ;
- Drogas ;
- Frases ;
- Trote consciente ;
- Trava Língua.

Página 4.

- Teatro ;
- Chácara Sônia Maria ;
- Rio Sorocaba ;
- Poesias ;
- Música.

CAMPANHA DE CONSTRUÇÃO DE GRÊMIOS

A Galera do Olho Vivo está realizando uma campanha gigantesca de formação de Grêmios. Vamos entrar detendo no século XXI, nenhuma escola continuará sem Grêmio, afinal os estudantes são responsáveis pelos agitos culturais, palestras, debates, campeonatos e tantas outras atividades que o Grêmio pode realizar na escola. Se ligue nessas informações da galera do Olho Vivo porque o tédio, marasmo, inércia, desinformação, sonolência estão com os dias contados.



de estudantes da mesma escola que se reúnem para elaborar atividades esportivas, culturais e também discutir os grandes problemas do Brasil: de organizar, só depois de muitas passeatas, protestos e pressão sobre os nossos representantes foi aprovada no Congresso Federal a Lei Número 7.398 de 04/11/1985 onde o direito à formação do Grêmio e sua atuação nas escolas foi garantido.

de organizar, só depois de muitas passeatas, protestos e pressão sobre os nossos representantes foi aprovada no Congresso Federal a Lei Número 7.398 de 04/11/1985 onde o direito à formação do Grêmio e sua atuação nas escolas foi garantido.

E você vai ficar aí parado!!!

Informe-se na sua escola se ela já possui Grêmio e comece a participar, porque o Grêmio é você quem faz. Se ela ainda não possui, entre em contato com o Olho Vivo que nós daremos uma força para você.

O que é Grêmio ?

O grêmio é um grupo

de desemprego, baixo investimento na educação, reforma agrária, drogas, criminalidade e tantos outros que estão na pauta nacional.

O Grêmio livre é uma conquista dos estudantes que por décadas foram proibidos

Olho Vivo!!! Que Bicho é Esse?

O *Olho Vivo* é um grupo formado por estudantes secundaristas e universitários que, sentindo o descaído do governo com a educação, cultura, esportes e pela falta de uma entidade estudantil municipal que defendesse os interesses dos estudantes, resolveram se unir e se organizar.

A galera do *Olho Vivo* começou a se reunir no início de 1997 e de cara ganhou a adesão de vários Grêmios Estudantis, podendo organizar diversas atividades, dentre as quais destacamos: Palestras e manifestações de estudantes (contra a reforma no ensino técnico); Congresso

da UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas), UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, UNE (União Nacional dos Estudantes);

Ato de resgate da memória do estudante Sorocabano, Alexandre Vannuchi Leme, morto pela Ditadura Militar. "BRASIL OUTROS 500"; Seminário

Paralisação do centro de Sorocaba, no dia 10 de novembro 1999, por mais investimento na

Educação; Festival de Música com pista de Skate na escola João Clímaco com a participação de nove bandas; passeata e concentração na praça da Bandeira por um

sobre a história do Movimento Estudantil; participação de dez delegados no encontro nacional de jovens na Unicamp, para discutir o papel dos Estudantes na Reforma Agrária do Brasil, e principalmente a formação e fortalecimento de Grêmios Livres.

O *Olho Vivo* tem se firmado ao longo dos anos como legítimo representante dos estudantes e, vem contribuindo na organização e construção do movimento estudantil para junto aos demais setores excluídos da população darmos nossa contribuição nas mudanças sociais que o Brasil tanto precisa.



Ato estudantil em defesa da Educação Pública.

Primeira página do jornal do Olho Vivo – Arquivo pessoal.

No dia 13 de julho de 2001, os jovens militantes do Olho Vivo, oriundos dos grêmios estudantis recém-criados, tiveram um difícil trabalho: “receptionar” o presidente Fernando Henrique Cardoso, em visita à Sorocaba.

O presidente veio visitar a empresa Bardella S.A., escolhida por ser considerada exemplo na batalha contra a crise energética que assolava o país³⁴. Os setores da oposição, tais como o Partido dos Trabalhadores, vários sindicatos filiados a CUT e o Olho Vivo, organizaram uma manifestação de protesto.

³⁴ A crise energética foi o risco de apagão (acionamento de energia elétrica) enfrentado pelo Brasil no ano de 2001, para o governo resultado da ausência de chuvas, para os especialistas da área, consequência do processo de privatização realizado no governo FHC, que praticamente vendeu todo o sistema de produção e distribuição de energia elétrica do país.

Durante uma hora, acompanhado pelo ministro de Minas e Energia, José Jorge, e pelo governador Geraldo Alckmin, o presidente Fernando Henrique Cardoso visitou ontem as dependências da Bardella S/A Indústrias mecânicas, instaladas na zona industrial. Ele veio inspecionar a produção de equipamentos de alta tecnologia destinados à produção de energia elétrica [...] (Diário de Sorocaba. 14 de jul. de 01, p. capa).

A manifestação ocorreu na rodovia Senador José Ermírio de Moraes (Castelinho), na altura do Km 2, em frente à empresa Bardella; a pista no sentido Sorocaba - Castelo Branco foi fechada pelos manifestantes o que obrigou a polícia militar a utilizar a tropa de choque e a cavalaria para dispersar a manifestação.

[...] os manifestantes fecharam a rodovia, [...] Como não houve acordo, os rodoviários pediram ajuda a polícia militar que enviou uma equipe da tropa de choque e outra da cavalaria para desbloquear a pista. Houve muito empurra - empurra entre policiais e manifestantes [...] (Cruzeiro do Sul. 14 de jul. 01, p. A-8).

A manifestação foi muito importante para o processo de formação política dos novos militantes do Olho Vivo e de preparação para os futuros embates de rua. Foi também importante para fortalecer o respeito do movimento estudantil junto aos demais movimentos populares da cidade, em especial, sindicatos e o PT.



Jornal Cruzeiro do Sul – 14/07/01 – p. A-8 – Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba.



Militante do Olho Vivo corre da cavalaria - Jornal Cruzeiro do Sul – 14/07/01, p. capa – Arquivo: Gabinete de Leitura de Sorocaba.

- **Reconstrução do DCE-UNISO**

A tarefa de organizar o movimento estudantil universitário ficou sob a incumbência de Thiago Silva Flório e Maria Rodrigues Costa, com o apoio e acompanhamento de Marcelino de Almeida.

O primeiro passo foi a formação do Centro Acadêmico de Jornalismo, curso freqüentado por Thiago da Silva Flório. Após um rápido processo de discussão junto aos estudantes do curso e com o grande e importante apoio da estudante Fernanda Ikedo, estava construído o Centro Acadêmico de Comunicação Social e Thiago era o seu primeiro presidente. Ao mesmo tempo estava sendo construído também o Centro Acadêmico de Letras Sérgio Buarque de Holanda, e Maria Rodrigues era sua primeira presidente.

O passo seguinte, e o mais difícil, foi o processo de reconstrução do DCE-UNISO (Diretório Central dos estudantes da UNISO). A UNISO estava organizada em três campi: Campus Trujillo, onde estudava Maria Rodrigues, Campus Seminário onde estudava Thiago e o Campus Raposo (Cidade Universitária) onde estava a maioria dos estudantes da UNISO, onde o Olho Vivo não tinha nenhum militante.

O trabalho foi difícil, pois devido à crise ocorrida com a antiga gestão do DCE em 99 disseminou-se o descrédito entre os estudantes em relação à seriedade do movimento estudantil, mas após mais de um ano de trabalho o Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Sorocaba DCE-UNISO estava reconstruído e, em homenagem a um antigo e já falecido líder do movimento estudantil de Sorocaba, passou a se chamar DCE Francisco Alves Capucho Júnior³⁵.

Os militantes do Olho Vivo reconstruíram este importante espaço de debate e de participação política dos estudantes. Thiago Silva Flório tornava-se o primeiro presidente desta nova fase do DCE-UNISO, que levava a marca do Olho Vivo e fez jus a ela, liderando muitas lutas em defesa dos estudantes da UNISO e da sociedade sorocabana, tais como a campanha do “Passe Reto”, um boicote ao pagamento da taxa de estacionamento do campus Raposo (cidade universitária), luta contra a exclusão dos inadimplentes, participação ativa na campanha do Olho Vivo pelo Passe Livre aos estudantes, além do papel de destaque na organização de campanhas contra os desmandos do poder público municipal: reajuste abusivo no salário dos vereadores, construção do novo plenário da câmara municipal (uma obra faraônica e desnecessária), criação de mais um imposto (a taxa de luz) e o aumento do valor do IPTU.

³⁵ Francisco Alves Capucho Jr. foi um dos principais líderes e organizadores da Noite do Beijo.

Diretório Central dos Estudantes

No dia 30 de abril, ocorreu a eleição para a nova diretoria do D.C.E. (Diretório Central dos Estudantes) da Uniso (Universidade de Sorocaba). Nos últimos três anos, os estudantes não tiveram representação junto à Reitoria e à sociedade, devido à má administração de parte da diretoria anterior, que enganou e lesou o corpo discente, causando muita revolta e descrédito em todos nós. Sentindo a necessidade de debater o verdadeiro papel da Universidade, os estudantes se reuniram e, após muitos encontros, divulgações e cartazes, realizaram-se duas Assembléias Gerais, aprovando-se o estatuto, abrindo as inscrições para as chapas, elegendo a comissão eleitoral e montando o cronograma da eleição. Muitos alunos se interessaram e montou-se uma chapa única, com representantes de todos os cursos, dando assim uma nova cara ao DCE. A nova diretoria obteve mais de 2 mil votos e cerca de 90% favoráveis.

Os objetivos gerais são trazer grandes debates sobre pesquisa, ensino e extensão, reativar o jornal oficial dos estudantes, montar uma Associação Atlética, incentivar a cultura (música, dança, teatro, artes, etc.) e encampar as lutas que vierem a se dar durante a vida acadêmica.

O DCE fará de tudo para cumprir com seus objetivos e estará aberto a opiniões e críticas de parte dos estudantes, que o elegerem. - *MARIA RODRIGUES, secretária-geral do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Uniso*

Jornal Diário de Sorocaba – Arquivo do DCE-UNISO

- **Construção do MSU – Movimento dos Sem Universidade**

Em 2002 o Olho Vivo traz para Sorocaba outra frente de luta, mais uma ferramenta para organizar a juventude, o MSU (Movimento dos Sem Universidade). Desta vez a intenção era organizar os excluídos do Ensino Superior. O movimento teve

caráter estadual, com núcleo em várias cidades além de Sorocaba, principalmente em São Paulo e Guarulhos.

O MSU é fruto de vários movimentos e lutas que ocorreram ao longo dos anos 90 no estado de São Paulo. Vale destacar: a luta pela isenção da taxa dos vestibulares públicos paulistas, os cursinhos populares, a participação no movimento estudantil secundarista e universitário, a participação nos movimentos sociais (Sem Teto, Central de Movimentos Populares, Consulta Popular e MST), nos movimentos de juventude, tais como as Pastorais da Juventude, movimentos culturais de periferia, Hip Hop, anarco-punk e no Partido dos Trabalhadores. Neste sentido foi uma articulação de vários segmentos distintos da juventude do meio popular, que passaram de atuações localizadas para uma atuação geral. O nome Sem Universidade surgiu de uma palestra de Dom Pedro Casaldáliga na Unicamp, no segundo semestre de 2000, quando falava da exclusão da maioria da juventude da universidade brasileira. No Fórum Social Mundial, em Porto Alegre-RS, o MSU ganhou mais força e desde então passou a ser organizado em várias regiões, de forma horizontal, tendo como eixos centrais de atuação: a formação teórica, a organização e a ação social.

O militante destacado para coordenador o MSU em Sorocaba foi Rodrigo P. Chizolini; nas suas palavras:

O MSU foi um movimento de jovens de escolas públicas que organizavam o debate da qualidade da escola e o acesso às Universidades Públicas. Fazíamos a crítica a forma de acesso dos estudantes ao Ensino Superior (denunciávamos as dificuldades dos estudantes da rede pública entrar na Universidade, pois a escola pública não prepara o estudante para o vestibular) esse na verdade é um método excludente de acesso, questionávamos a sua existência, sendo contrários a essa forma de seleção. Defendíamos o fim do vestibular. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

O MSU se colocava como mais uma “ferramenta” na luta por transformações sociais na sociedade brasileira e que atuava no cotidiano em várias frentes. Caracterizava-se como um movimento cultural, social e popular. Defendia uma

universidade popular e o fim do vestibular, pela democratização do ensino público superior.

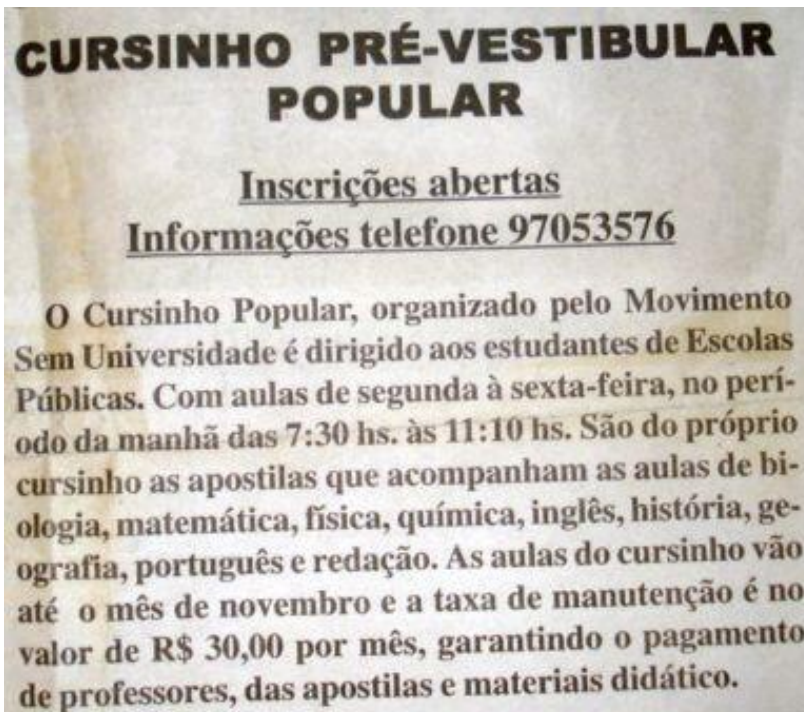
O eixo da organização do MSU em Sorocaba se deu em torno da criação de um cursinho popular pré-vestibular gratuito, apostilado e inicialmente funcionando com professores voluntários no prédio do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Têxteis de Sorocaba e região, na Rua Cesário Motta, nº 482.

Apesar de ser um cursinho pré-vestibular, não se limitava a preparar os jovens para prestar o vestibular e entrar na Universidade, afinal o MSU não era uma entidade assistencialista e sim um movimento social que tinha como objetivo desenvolver a luta pela democratização do acesso à Universidade. O MSU desenvolvia paralelamente aos estudos, reuniões para organizar o próprio cursinho e fazer a luta política dos estudantes na cidade; o objetivo central era desenvolver o senso crítico nos estudantes, formando e capacitando militantes para atuarem no Movimento Estudantil.

O cursinho do MSU funcionou em Sorocaba por dois anos (2002 e 2003), sendo inteiramente coordenado por estudantes. Inicialmente funcionava nos finais de semana, com professores voluntários, já no segundo ano, passou a funcionar de segunda à sexta-feira, cobrando uma pequena taxa dos estudantes para custear despesas com material didático e professores.

Dezenas de jovens passaram pelo cursinho pré-vestibular do MSU³⁶, todos oriundos da escola pública; alguns entraram em faculdades particulares, houve até quem passasse em vestibulares de faculdades públicas (temos conhecimento de dois que foram aprovados na FATEC). O MSU atingiu também outro objetivo: muitos estudantes iniciaram suas atividades políticas dentro do cursinho do MSU, se engajaram no Olho Vivo, contribuíram para a organização do Movimento Estudantil e foram fundamentais para a organização e coordenação das lutas desenvolvidas em torno da campanha pela aprovação do projeto de Lei do Passe Livre.

³⁶ Em 2002 o cursinho contava com uma turma de 70 alunos regulares, informação recolhida em ofício protocolado em escola estadual do centro da cidade requerendo espaço para funcionamento do cursinho.



Divulgação do cursinho popular no jornal do Olho de maio/junho de 03 – Arquivo pessoal

- **Programa de Formação Política**

O Olho Vivo não possuía um programa pré-estabelecido de formação para seus militantes, no entanto, ao analisar suas concepções e práticas políticas, detectamos aspectos que nos permitem fazer um paralelo com o programa defendido por Lênin para o Partido Social Democrata Russo, que visava o fortalecimento do partido e a construção da Revolução Socialista. Para Fernandes (1988, p.11) “O que Lênin faz com o marxismo só pode ser definido de uma maneira: ele converte o marxismo em processo revolucionário real”.

Lênin (1988, p.18), autor da célebre frase, “Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”, fazia a defesa intransigente da luta teórica, acompanhada da luta política e da econômica-prática. Condenava a ação estritamente economicista, argumentando que não passava de uma transação meramente comercial, onde a

classe trabalhadora estaria apenas negociando um melhor preço para a venda da sua força de trabalho, da sua exploração.

Tomando a crítica do economicismo também como uma rejeição ao corporativismo, vimos nas ações do Olho Vivo, um passo no sentido de romper com esta concepção quando ao invés de se voltar apenas para as lutas estudantis, procurou se envolver nas lutas gerais de enfrentamento ao neoliberalismo e principalmente ao desenvolver ações em conjunto com outros movimentos sociais, como foi o caso da parceria com a Pastoral da Juventude (na realização das atividades, por ocasião dos 500 anos do Brasil) e principalmente no envolvimento ativo nas lutas do MST.

Na discussão sobre o processo de formação da consciência socialista entre os operários, Lênin discorda da visão do marxismo ortodoxo que afirma que a consciência é fruto da luta de classes e afirma que ela é externa, devendo ser introduzida na classe operária,

A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico. [...] Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora na luta de classes do proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente [...] a tarefa da social-democracia é introduzir no proletariado (literalmente: preencher o proletariado com) a consciência de sua situação e a consciência de sua missão. Não seria necessário fazê-lo se essa consciência emanasse naturalmente da luta de classe. (LENIN, 1988, p. 31)

Lênin introduz esta discussão para fazer a defesa da relevância do elemento consciente sobre o culto da espontaneidade,

Isto mostra [...] que todo culto da espontaneidade do movimento operário, toda diminuição do papel do “elemento consciente”, do papel da social-democracia significa – quer se queira ou não – um reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários. (LENIN, 1988, p.31)

E para nos alertar sobre os riscos da ausência de um programa de formação política voltada à classe trabalhadora para a construção da consciência socialista afirma que:

[...] ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio termo (pois a humanidade não elaborou uma “terceira” ideologia: e, além disso, em uma sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe não seria possível existir uma ideologia à margem ou acima dessas classes). Por isso *toda* diminuição da ideologia socialista, *todo* distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento *espontâneo* do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa. (LENIN, 1988, p.31-32; grifos do autor)

O Olho Vivo apesar de não possuir um elaborado programa para desenvolver a consciência socialista junto à classe operária, ou mesmo junto aos estudantes (visto que os mesmos não formam uma classe social), esforçava-se para desenvolver esta consciência entre seus militantes e quadros dirigentes, através de grupos de estudos, debates, seminários e cursos de formação, sendo que a maioria destas atividades ocorria em parceria com o MST.

Com exceção do cursinho pré-vestibular do MSU, do ato em homenagem a Alexandre Vanucchi Leme e do Encontro Regional de Estudantes realizado em 2004, expostos neste trabalho, não possuímos registros das atividades de formação realizadas pelo Olho Vivo. Devido a isso passamos a descrever suas demais práticas formativas baseadas em minha memória, enquanto militante deste movimento. Podemos dividir as práticas formativas do Olho Vivo em teórica e prática.

A formação teórica acontecia através de discussões realizadas nas reuniões do movimento em seminários e debates e na participação em cursos organizados pelo MST.

Nas reuniões do Olho Vivo, além dos debates cotidianos do movimento, existia uma prática política formativa de discussões onde se debatia entre outros temas: a) o movimento estudantil, tanto seu passado como seu presente, dando ênfase para o grêmio estudantil; b) a situação da escola pública, seu descaso e abandono por parte

do governo e sua estrutura autoritária que a tornava estatal e não pública, debatendo-se inclusive propostas no sentido de democratizá-la, assim como o acesso à Universidade Pública; c) a conjuntura política e econômica do Brasil inserido na política neoliberal, com suas conseqüências nefastas para a maioria da população, devido a grande desigualdade social; d) o imperialismo estadunidense; e) a luta pela terra e o MST, assim como suas ações políticas; f) a ação da mídia no processo de alienação popular, principalmente da juventude; g) o socialismo, como modelo de sociedade igualitária e justa, assim como o processo revolucionário de ruptura que levaria à sua construção.

Os seminários e debates eram organizados pelo próprio Olho Vivo ou por outros grupos estudantis também de oposição e tinham como principal foco debater o movimento estudantil e a educação.

Os cursos organizados pelo MST ocorriam principalmente nos acampamentos e nos assentamentos do movimento; concentravam suas temáticas na luta pela terra no decorrer da história do Brasil, mas trabalhavam com a totalidade, ou seja, situavam a problemática do latifúndio dentro do capitalismo e como resultado dele, além de trabalharem outros temas, como nação, povo brasileiro, lutas de classes, socialismo, resgate da memória e valorização dos lutadores e das lutadoras do povo brasileiro, gênero e organicidade do movimento. Os principais autores trabalhados eram Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Marx, Florestan Fernandes, Caio Prado Jr, Milton Santos, entre outros. No entanto esses autores eram trabalhados principalmente por meio de cartilhas (Anexo 06) elaboradas pelo próprio MST, através de seu setor de educação.

No entanto o mais caro para o Olho Vivo, no que se refere à formação política de seus militantes, era a prática política, onde toda ação: reunião com estudantes, assembléias, as próprias reuniões do Olho Vivo, as manifestações, as passeatas com ou sem enfrentamento com a polícia, etc., eram consideradas práticas formativas. Lênin (1988) chamava essas ações de “revelações políticas”, onde o militante deveria:

[...] saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie com que cada classe e cada camada social *encobrem* seus apetites egoístas e sua “natureza” verdadeira; saber distinguir esses ou aqueles interesses que

refletem as instituições e as leis, e como as refletem. Ora, não é nos livros que o operário poderá obter essa “idéia clara”: ele a encontrará apenas nas amostras vivas, nas revelações ainda recentes do que se passa em um determinado momento à nossa volta, do que todos ou cada um falam ou cochicham entre si, do que se manifesta nesses ou naqueles fatos, números, vereditos, e assim até o infinito. Essas revelações políticas abrangendo todos os aspectos são as condições necessárias e *fundamentais* para educar as massas, em função de sua atividade revolucionária. (LÊNIN, 1988, p. 55-56; grifos do autor)

A tomada de decisões no seio do Olho Vivo também era parte do processo de formação política. Como o movimento não tinha presidente, nem cargos e conseqüentemente não havia hierarquia, as decisões eram tomadas por todos que participavam, ou como era discurso corrente: “quem faz a luta dirige o processo”.

O processo decisório era democrático: colocava-se um assunto em pauta, todos que quisessem se manifestar sobre o assunto inscreviam-se, e quando fosse sua vez falavam, expondo seu posicionamento. Raramente aconteciam votações, pois o Olho Vivo primava pelo consenso, pelo convencimento; as discussões eram muitas vezes acaloradas, mas sempre reinava o bom senso. Muitas vezes suspendia-se um debate para que os militantes aprofundassem a reflexão e retomava-se a discussão em outro dia; evitava-se ao máximo o racha³⁷.

Qualquer grande ou pequena decisão só terá eficácia se a discussão sobre o tema for ampla e suficiente para todos os envolvidos. Se o militante não entender o que está sendo discutido, se não puder dar a sua opinião a respeito do tema, mesmo contrariando a maioria – ou seja, se todo o processo não tiver a participação de todos – dificilmente as propostas aprovadas serão postas em prática com afinco e convicção. E desta forma não haverá comissão de ética ou de disciplina que dê jeito. (MAURO e PERICÁS, 2001, p.100)

Após analisarmos o Programa de Formação Política do Olho Vivo, surgiu uma indagação: Qual a origem da orientação teórica marxista – leninista que norteava os estudos e a ação política do Olho Vivo, inclusive responsável pela sua aproximação com o MST?

³⁷ Gíria do movimento, que significa “divisão”.

Apesar do Olho Vivo, diferente da UJS, não ser um braço político de nenhum partido, muitos de seus militantes atuavam no PT, no campo de esquerda³⁸, o que acabou sendo determinante para sua linha política.

³⁸ Esses militantes do Olho Vivo atuavam num grupo do PT de Sorocaba que compunha o campo da esquerda do partido. Em 2005 esse campo, decepcionado principalmente com a política econômica do governo Lula e com o escândalo do mensalão, faz um movimento de saída do PT e vão somar forças para a construção do PSOL.

3. LUTA PELO PASSE LIVRE

Quando o extraordinário torna-se cotidiano, é a revolução
(Che Guevara)

Em 2001 o Olho Vivo voltou-se para uma reivindicação antiga dos estudantes, praticamente uma bandeira de luta em todo o país: a gratuidade nos transportes públicos coletivos. Foi elaborado em conjunto com o mandato do vereador Raul Marcelo um projeto de lei e desenvolveu-se uma campanha, com manifestações e passeatas, divulgando o projeto e defendendo a sua aprovação.

- **Elaboração do projeto**

O sistema de transporte em Sorocaba é gerenciado por uma empresa que foi criada em 1978 com o nome de “Companhia de Desenvolvimento de Sorocaba – CODESO”, que fazia o serviço de obras de desenvolvimento de áreas urbanas; após 1982 passou a ser denominada “URBES – Empresa de Desenvolvimento Urbano e Social”, ampliando suas funções. A partir de 1989 passou a cuidar do transporte coletivo e de todo o sistema de trânsito e transporte de Sorocaba, ficando responsável pelo planejamento, controle e fiscalização; outra incumbência era o gerenciamento do caixa único do Sistema de Transporte Coletivo. Atualmente é designada pela nova logomarca: “URBES – Trânsito e Transporte”.

O serviço de transporte coletivo urbano é explorado em regime de concessão a empresas e a única exigência do poder público é a fixação da tarifa. A receita total arrecadada pela venda de passagens é administrada pela URBES e o pagamento às empresas é feito por quilômetro rodado.

Existiam na época (2001/2002) milhares de estudantes, matriculados na rede pública e particular, desde o Ensino Fundamental, passando pelo Médio até o Ensino Superior. Uma grande parte desses estudantes residia longe de suas escolas, necessitando utilizar o transporte coletivo para chegar até elas, isso por conta da reorganização do ensino feita pelo então governador do estado de São Paulo Mário Covas, que separou os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, obrigando-os a matricularem-se em escolas de bairros distantes.

A distância entre residências e respectivas escolas, obrigando a utilização de ônibus, torna-se um problema ainda maior quando nos referimos à situação econômica de grande parte dessa população, pessoas que acabavam sendo restringidas da participação na vida cultural da cidade, muito importante para a formação dos futuros cidadãos, pois além do pagamento da entrada em cinemas, teatros ou qualquer outro espaço de lazer, precisavam ainda arcar com o alto custo das passagens. O entrevistado Rodrigo P. Chizolini enaltece os benefícios econômicos e sociais da implantação do Passe Livre aos estudantes:

O estudante geralmente não possui emprego, sendo assim não dispõe de muitos recursos, além do mais a família como um todo seria beneficiada, pois o dinheiro gasto com transporte poderia ser utilizado para outros fins pela família, sem contar que existem aqueles que abandonam a escola ou fazem longas caminhadas para chegar até ela. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

A principal razão que motivou a luta pelo passe livre foi econômica, o alto valor das passagens. No primeiro semestre de 2001 o passe social³⁹ custava R\$1,30; sobre este valor o estudante tinha um desconto de 33%, pagando R\$ 0,87: era o “passe estudante” (Anexo 07). Estes valores foram alterados a partir de 01/06/01, pelo Decreto 13109/02, passando a ser: R\$ 1,45 para o passe social e R\$ 0,98 para o Passe Estudante⁴⁰.

³⁹ Nome dado ao passe utilizado pela maioria da população, valor cheio.

⁴⁰ Disponível em: www.urbes.com.br, acessado em: 18/ 11/08.

O passe livre aos estudantes era uma reivindicação histórica do Movimento Estudantil, sendo assim, o mandato do então vereador Raul Marcelo – PT, em conjunto com o Olho Vivo, realizou pesquisas, estudos e debates e, deste esforço, surgiu um projeto de lei que instituía o Passe Livre para os estudantes no transporte público coletivo da cidade. De acordo com o depoimento do ex-militante do Olho Vivo Patric Peterson Germano, o passe livre aos estudantes era um debate antigo: “A reivindicação pelo passe livre não nasce do mandato, já era uma discussão do Olho Vivo e foi levado a uma discussão institucional pelo mandato do Raul Marcelo, através de um projeto de lei”. (Patric Germano, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 11/05/2009)

O projeto foi protocolado na Câmara Municipal de Sorocaba, no dia 21 de maio de 2001 (Anexo 08) e para ser aprovado necessitava que 50% mais 1 (um) dos vereadores, que eram 14 no total, votassem a favor e que o prefeito Renato Amary do PSDB sancionasse. No entanto, além da indisposição do Poder Público em dialogar, não existia na cidade nenhum debate referente ao assunto.

Apesar de o projeto ter sido protocolado em maio de 2001, ele só vai à votação em 20 de junho de 2002, pois ficou tramitando na Câmara Municipal por mais de um ano. Esse período foi fundamental para o Olho Vivo se organizar e se fortalecer, onde podemos destacar a campanha de formação de grêmios, a reconstrução do DCE-UNISO, a construção do cursinho popular e do MSU, já abordados no capítulo anterior.

Ao se aproximar do momento da votação do projeto de lei do passe livre, a maioria da população sorocabana desconhecia a sua existência; a imprensa não atentava para a importância social do projeto e permanecia passiva. Com o objetivo de divulgar o projeto junto à sociedade, principalmente entre os estudantes, o Olho Vivo desenvolve uma campanha em prol da sua aprovação, constrói-se uma tática para ganhar a simpatia da população e pressionar os vereadores a votarem favoravelmente ao projeto. Dividimos essa tática em duas frentes de ações: Ações de Grupo e Manifestações de Massa.

- **Ações de grupo - Pichações e Acorrentamento**

Chamamos de ação de grupo uma ação organizada e realizada por um pequeno número de pessoas, que no caso do Olho Vivo, apesar de ser discutida no movimento, sua realização era limitada geralmente a três ou quatro estudantes.

A primeira ação de grupo utilizada foi a pichação política, principalmente por ser uma forma de divulgação rápida, barata e de grande impacto. Muito utilizada em outros momentos históricos, o Olho Vivo resgatou esta prática para expressar, em muros das principais avenidas e até mesmo no chão (asfalto) em frente de algumas escolas, o desejo pela aprovação do projeto de lei do passe livre, traduzido em “Passe Livre Já”.

Outra ação de grupo discutida e realizada pelo Olho Vivo na divulgação da luta pelo Passe Livre foi o acorrentamento. A proposta foi do estudante Rafael Takizawa, inspirado nas ações do Greenpeace, movimento do qual ele era simpatizante. Ocorrido no dia 08 de maio de 2002, como uma forma de protesto em defesa do direito de ir e vir do cidadão, pois o valor da tarifa estava muito caro e o desconto tão irrisório que os estudantes acorrentados nas grades do terminal Santo Antonio tinham o objetivo de passar a idéia de que este direito inerente a todo cidadão havia sido abolido.

O Movimento Estudantil voltou a realizar ontem uma série de protestos para reivindicar o passe livre para cerca de 120 mil estudantes da rede pública de ensino de Sorocaba. Dessa vez, dois integrantes do Movimento se acorrentaram nos portões do Terminal Santo Antônio, para simbolizar que os estudantes “perderam o direito de ir e vir” em razão do preço das tarifas de ônibus [...] (Jornal Diário de Sorocaba, 08/05/2002 – p. B8).

Os estudantes Rafael Takizawa do cursinho popular e José do grêmio da EE Humberto de Campos se acorrentaram nas grades de um dos dois terminais de ônibus de Sorocaba, enquanto outros membros do Olho Vivo, com palavras de ordem, cartazes, faixas e panfletos em prol da aprovação do projeto de lei do Passe Livre, dialogavam com a população que por lá passava. Paralelamente, houve a coleta de

assinaturas para um abaixo-assinado que seria entregue ao Poder Público. Segundo o jornal Cruzeiro do Sul (08/05/02, p. A7) “Amarrados na grade com corrente e cadeado e munidos de um megafone, os estudantes pediam a adesão das pessoas ao abaixo-assinado que cobra o Passe-Livre [...]”.



Jornal Diário de Sorocaba – 08/05/02 – p. capa – Arquivo pessoal

Na avaliação do Olho Vivo essas ações cumpriram a tarefa de contribuir com a divulgação da luta pela aprovação do Passe Livre; a população sorocabana tomava suas posições e muitos defendiam os estudantes, visto que possuíam filhos ou parentesco com algum estudante e sabiam, na prática, o que representava no orçamento familiar arcar com os custos de um Passe Estudante quase tão caro quanto o Passe Social.

Uma família que possuía dois estudantes que dependiam do transporte público para chegarem até a escola gastava, em média, R\$ 80,00 por mês só com o transporte de seus filhos, 40% do salário mínimo que em 2002 era de R\$200,00.

No entanto, o que caracterizou a luta pelo Passe Livre organizada pelo Olho Vivo não foram as ações de grupo e sim as manifestações de massa.

- **Manifestações de Massa – ocupações e passeatas**

Chamamos de manifestações de massa as passeatas e atos públicos que envolvam uma grande quantidade de manifestantes.

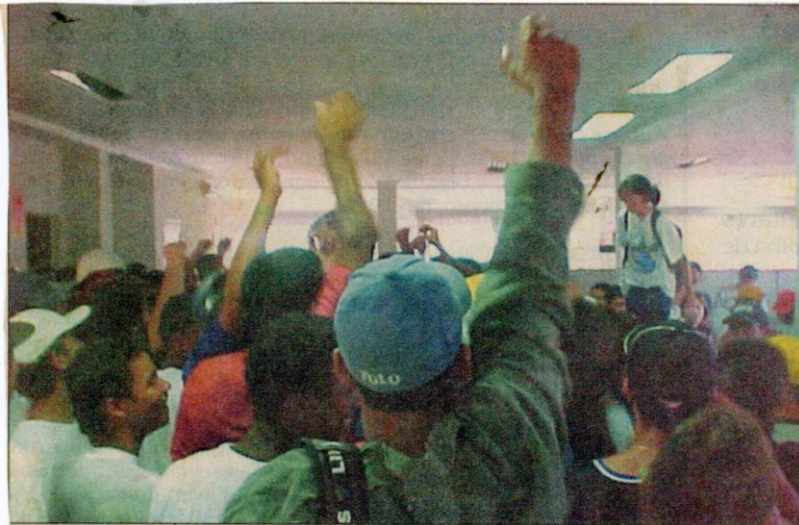
A primeira das ações foi a ocupação do prédio da URBES (como estratégia para iniciar as lutas em defesa do projeto de lei); a ocupação foi planejada e aconteceu no dia 27 de março de 2002. Participaram alunos de escolas estaduais, como a E.T.E. Fernando Prestes, Lauro Sanches, Humberto de Campos, Antonio Cordeiro, Senador Vergueiro, entre outras; também havia alunos da rede particular, alguns da UNISO (Universidade de Sorocaba) e da FADI (Faculdade de Direito de Sorocaba).

O ponto de encontro foi a Praça Presidente Tancredo Neves, localizada no início da Avenida Barão de Tatuí, próximo à sede da empresa. Era preciso que todos chegassem juntos ao local no horário de abertura, às 8h. Havia um grupo previamente organizado que seria a equipe de segurança e proporcionaria as condições para que todos os estudantes pudessem entrar, e outro grupo organizaria o diálogo e as ações dentro da autarquia.

Exatamente como o planejado, às 8h um grupo rendeu o vigia e centenas de estudantes subiram em direção ao terceiro andar do prédio, onde se situavam os setores de Planejamento, Administração e Jurídico. A intenção era de que o presidente da URBES, Renato Gianolla, recebesse uma comissão e assinasse um documento, comprometendo-se em viabilizar o passe livre aos estudantes.

Após um longo período de negociação, ele recebeu a comissão, com a exigência de que todos os manifestantes saíssem. Como noticiou a imprensa:

Os cerca de 500 estudantes chegaram ao prédio da URBES pouco depois das 7h30 e iniciaram o protesto invadindo o local e ocupando os setores administrativos e jurídicos da empresa. [...] Dominando principalmente o terceiro andar da empresa, onde fica o setor de planejamento, os manifestantes queriam ser atendidos pelo presidente da URBES, que por sua vez, disse que só receberia a comissão de alunos depois que o prédio fosse evacuado. A orientação teria sido dada por telefone pelo prefeito Renato Amary [...] (Jornal Cruzeiro do Sul, 28/03/2002 – p. A11).



Os estudantes ficam mais de duas horas dentro do prédio da Urbes, na Barão de Tatuí

Estudantes ocupam Urbes para pedir passe livre nos ônibus

Estudantes de seis escolas do ensino fundamental e médio de Sorocaba ocuparam na manhã de ontem a sede da Urbes, na avenida Barão de Tatuí. Eles pediam passe livre para estudantes nos ônibus do transporte coletivo, o que a Urbes julgou impraticável. Só saíram mais de duas horas depois, quando uma comissão foi recebida pelo presidente da Urbes, Renato Gianolla. **Pág. A-11**

Jornal Cruzeiro do Sul – 28/03/02 – p. capa – Arquivo pessoal

O documento não foi assinado; Renato Gianolla deixou claro que havia muitas dificuldades para a implantação das propostas porque trariam um grande ônus aos cofres públicos e que deveria ser elaborado pelo movimento um estudo de outras

idades onde as reivindicações já tinham sido concretizadas. Estabeleceu-se que ocorreriam novos diálogos com o Poder Público Municipal, o que de fato nunca mais houve.

O Olho Vivo avaliou o ato como um sucesso, ao contrário do que foi noticiado por jornais da cidade, colocando em pauta o debate sobre um projeto de cunho popular que beneficiaria uma grande parcela da população. A ocupação da URBES foi destaque nos jornais do dia seguinte e assunto da semana na cidade.



**Estudantes invadem
a Urbes para pedir
passe gratuito no
transporte urbano**

Jornal Cruzeiro do Sul, 28/03/02 – p. A-11 – Arquivo pessoal.

Quase um mês após a ocupação da URBES, no dia 24 de abril, o Olho Vivo organizou outro ato em prol da aprovação do projeto de lei, batizado como “Dia Municipal do Passe Livre”; desta vez foi um dia inteiro de manifestações.

O objetivo era que neste dia ocorressem várias manifestações para dar continuidade ao debate na cidade, buscando o apoio da população e chamando o Poder Público novamente para o diálogo.

Estudantes vão às ruas pedir ônibus grátis.
Com uma passeata pelas ruas do centro de Sorocaba, estudantes pediram ontem o passe livre no transporte coletivo urbano, o que a URBES diz ser inviável. (Jornal Cruzeiro do Sul, 25/04/2002, capa).

O Olho Vivo garantiu a realização das manifestações: de manhã aconteceu uma passeata pelas ruas do centro de Sorocaba, finalizando na Praça da Bandeira, onde ocorreu um ato público e os estudantes permaneceram em assembléia até o meio dia. As falas em defesa do Passe Livre foram intercaladas com apresentação de grupos de Rap e Rock.

Estudantes 'oficializam' o Dia Municipal do Passe Livre

O Movimento Estudantil 'Olho Vivo' resolveu que a data de 24 de abril passará a ser comemorada como o Dia Municipal do Passe Livre. Para celebrar a recém-criada 'festividade', alunos das redes pública e particular promoveram durante todo o dia de ontem uma série de manifestações para tentar sensibilizar a comunidade sobre a necessidade de a Prefeitura de Sorocaba oferecer transporte gratuito a todos os estudantes da cidade. O objetivo do Movimento é pressionar a Urbes a conceder transporte gratuito aos estudantes. *Pág. A-2*

Jornal Diário de Sorocaba, 25/04/02 – p. capa – Arquivo Pessoal.

À noite aconteceu um novo ato público na mesma praça, os estudantes se deslocaram até lá em passeatas que tinham como ponto de partida suas escolas; a maioria eram estudantes das escolas da região central de Sorocaba, como Padilha (E.E. Antonio Padilha), Estadão (E. E. Dr. Júlio Prestes de Albuquerque), mas muitos foram de ônibus fretados pelo Olho Vivo e custeados pelos próprios estudantes, como foi o caso daqueles que estudavam em escolas mais distantes como a EE Senador Vergueiro, EE Joaquim Izidoro Marins e EE Antonio Cordeiro.

[...] para celebrar a recém-criada 'festividade', alunos das redes pública e particular realizaram durante todo o dia uma série de manifestações para tentar sensibilizar a comunidade sobre a necessidade de a Prefeitura de Sorocaba oferecer o transporte gratuito a todos os estudantes na cidade. (Jornal Diário de Sorocaba, 25/04/2002 – p. A2)

A passeata pela Avenida Itavuvu aconteceu no dia 14 de maio, organizada pelo Olho Vivo em conjunto com os grêmios estudantis das escolas: EE Joaquim Izidoro

Marins, EE Antonio Cordeiro e EE Lauro Sanches, todas da região conhecida por zona norte, uma área periférica e muito carente, que sentia as opressões com maior intensidade, pois é desprovida de recursos e investimentos da Prefeitura.

Cerca de 200 alunos de três escolas estaduais da cidade reivindicaram na manhã de ontem o Passe Livre para estudantes no sistema de transporte coletivo de Sorocaba. Os estudantes levaram dois carros de som à Avenida Itavuvu e fecharam o tráfego nos dois sentidos. Foi a quarta manifestação desde o dia 27 de março, quando centenas de estudantes invadiram o prédio da Empresa de Desenvolvimento Urbano e Social de Sorocaba (URBES). (Jornal Cruzeiro do Sul, 15/05/2002 – p. A5)

Os estudantes saíram de suas respectivas escolas, situadas de lados opostos da Avenida e foram em passeata até encontrarem-se uns aos outros. Numa determinada altura, então, todos juntos, fecharam os dois sentidos de circulação e organizaram uma “assembléia” para definir os próximos passos que a luta em defesa do Passe Livre teria. A ação acabou por volta de 9h, liberando as pistas de tráfego e sem confronto com a polícia.

Estudantes param a Itavuvu para reivindicar o passe livre



Os estudantes bloquearam a avenida na manifestação pelo passe livre

Jornal Cruzeiro do Sul, 15/05/02 – p. A-5 – Arquivo Pessoal.

O Olho Vivo seguia atingindo seu objetivo de divulgar o projeto de lei do passe livre, através de manifestações que paravam o trânsito e chamavam a atenção da

população, conforme expôs a militante Lauren Archilla: “Esse protesto não quer prejudicar o cidadão, quer apenas levar ao conhecimento de todos a luta dos estudantes pelo passe livre”. (Cruzeiro do Sul, 15/05/02, p. A.5)

No entanto a manifestação na Avenida Itavuvu, como todas as outras, acabou provocando manifestações favoráveis e contrárias, como descrito pelo jornal Cruzeiro do Sul de 15 de maio:

Apesar de tentarem conquistar a opinião pública, os estudantes acabaram irritando alguns motoristas (...) “Se eles querem levar sua causa ao conhecimento do público devem fazer de forma ordeira, e não atrapalhando as outras pessoas”, afirmou o caminhoneiro Alcides Chaves. Mas o protesto também ganhou apoio de parte dos populares que acompanhavam a manifestação. (...) “O povo brasileiro se encontra na situação atual porque deixou a muito tempo de reivindicar seus direitos. É preciso ir atrás do que se quer e a força demonstrada pela juventude deve servir de exemplo a todos”, afirmou o farmacêutico Osmar Cavalini.

A aparente imparcialidade da imprensa não era a expressão da realidade, pois no editorial do dia 16 de maio, o jornal Cruzeiro do Sul posicionou-se sobre o debate instigado pelas manifestações, revelando sua pseudo – neutralidade.

O artigo iniciava-se fazendo uma referência ao alto valor do transporte estudantil na cidade e caracterizava o passe livre aos estudantes como uma política compensatória, igual a outras utilizadas no país, que possuíam como objetivo principal atenuar a situação econômica difícil de milhões de brasileiros. No entanto, classificava-o como inviável, partindo da premissa de que toda política compensatória significava o repasse para alguns de recursos retirados do bolso de outros; a adoção do passe livre para os estudantes em Sorocaba resultaria possivelmente no repasse de custo para os demais usuários do transporte público coletivo da cidade.

Uma alternativa possível seria “passar o mico” ao conjunto dos demais usuários do sistema. O inconveniente estaria em que o passe social, utilizado pela maioria das pessoas, saltaria de R\$ 1,25 para algo em torno de R\$ 1,60, segundo os cálculos da Urbes. Incidiríamos, pois, no velho equívoco de vestir um santo despindo outro. (Jornal Cruzeiro do Sul, 16/05/02, p. A3)

Após tomar partido no debate sobre o passe livre, a imprensa local (tendo à frente o jornal Cruzeiro do Sul) iniciou um processo de criminalização do Olho Vivo e das manifestações desenvolvidas pelos estudantes. Abordaremos novamente este tema com mais detalhes no final do capítulo.

- **Ocupação do terminal Santo Antonio**

Neste período, o Projeto de Lei estava prestes a ser colocado em pauta para ser apreciado na Câmara Municipal e o Olho Vivo decidiu intensificar as ações e organizaram uma grande manifestação para o dia 16 de maio.

Neste dia ocorreu uma das maiores manifestações que os estudantes organizaram durante todo o período de lutas em defesa do transporte gratuito: a ação ocupou toda a manhã, com uma passeata pelas ruas do centro e a primeira tentativa de ocupação do terminal Santo Antônio.

SEXTA-FEIRA, 17 de Maio de 2002 - Diretor-superintendente: Walter Alberto de Luca



Estudantes interromperam o trânsito na Afonso Verqueiro: eles prometem continuar na luta pelo passe livre

TRANSPORTE COLETIVO

17/05

Estudantes não desistem do passe livre

Os integrantes do Movimento "Olho Vivo" promoveram ontem mais uma manifestação pelas ruas da área central reivindicando passe livre nos ônibus da cidade. A passeata, que começou na Praça da Bandeira, terminou de forma tumultuada no terminal Santo Antônio, onde os estudantes queriam a presença do presidente da Urbes, Renato Gianolla, que não compareceu ao local. Ele prontificou-se a receber uma comissão de manifestantes na própria Urbes, mas os estudantes não aceitaram. Alegando que não tinham dinheiro, eles ameaçaram pular as catracas do terminal, mas, com a intervenção da polícia, desistiram da idéia e voltaram para casa a pé. Um deles chegou a ser detido por tentar atirar um rojão contra viatura policial. Gianolla diz que a Urbes não tem condições de atender a reivindicação.

Jornal Diário de Sorocaba. 17/05/02 – p. capa – Arquivo Pessoal

Os estudantes se concentraram logo de manhã (a partir das 7h) na Praça da Bandeira, de onde teve início uma passeata pelas ruas do centro, fazendo o tradicional trajeto: Rua Padre Luiz, Rua São Bento, Rua XV de Novembro, Rua Souza Pereira, Rua Álvaro Soares, Rua Francisco Scarpa, chegando novamente na Praça da Bandeira. A manifestação contou com mais de 2000 estudantes, de acordo com o Olho Vivo, mas para a Polícia Militar o número não passava de 500⁴¹.

Na Rua Álvaro Soares, ao se aproximar da entrada principal do terminal Santo Antonio, muitos estudantes, descontentes com as perspectivas que o governo municipal deixava em relação à implantação do Passe Livre, ameaçaram adentrar o terminal, mas foram contidos pelos organizadores da manifestação.

No local, realizaram uma pequena Assembléia: sentados no meio da pista, decidiram os rumos da manifestação. Um grupo insistia que o fim da ação deveria ser uma ocupação no terminal de ônibus urbano já citado, para que pudessem voltar para suas casas gratuitamente. A volta para casa de forma gratuita seria um ato extremamente simbólico para o movimento, representando a aplicação prática do projeto.

⁴¹ Dados presentes no Jornal Cruzeiro do Sul, 17 de maio de 2002, p. A-8



Estudantes sentam no chão interditando o trânsito, assembléia e protesto, 16/05/02 – Arquivo Pessoal

A Assembléia decidiu que a manifestação percorreria o trajeto planejado, até o ponto inicial, a Praça da Bandeira. No entanto ao chegar à praça uma nova assembléia decidiu pela ocupação do terminal pelo acesso da Avenida Afonso Vergueiro, onde em passeata os estudantes se dirigiram.

No entanto, a operação foi barrada. Quando chegaram à entrada do terminal, um grande contingente da Guarda Municipal e da Polícia Militar estava a postos, impedindo a ocupação. Iniciou-se um tumulto, os policiais utilizaram gás de pimenta para dispersar os estudantes que, em protesto, fecharam a avenida nos dois sentidos, fizeram uma barricada com contêineres e exigiram o direito de entrar no terminal sem pagar, como condição para desocuparem a avenida, dando um prazo para serem atendidos.



Jornal Cruzeiro do Sul, 17/05/02 – p. capa – Arquivo Pessoal.

No entanto, a reivindicação não foi aceita; de acordo com o noticiado pela imprensa, “Em meio a confusão o chefe do Departamento de Fiscalização da URBES, Sérgio Pires Abreu, que acompanhava o protesto, disse que a entrada franca ao terminal havia sido proibida diretamente pelo prefeito Renato Amary [...]” (Jornal Cruzeiro do Sul, 17/05/02, p.A-8).

A única proposta da prefeitura para os manifestantes foi uma nova reunião com o presidente da URBES, Renato Gianolla, o que foi recusado pela assembléia dos estudantes. Ainda no transcorrer da assembléia, feita em cima dos contêineres da

barricada, precipitou uma chuva, o que instigou os estudantes a tentarem novamente a entrada no terminal, desta vez pelas catracas, sendo novamente impedidos.

Com o fim da chuva, que reduziu o número de manifestantes, em nova assembléia o Olho Vivo decidiu encerrar o ato e deixar a ocupação do terminal Santo Antonio para outro dia. Todos voltaram para suas casas a pé. Por ser uma das ações mais radicalizadas que o Olho Vivo organizou, a tentativa de ocupação do terminal Santo Antonio ficou como marco na luta pelo Passe Livre em Sorocaba.

No dia seguinte, a manifestação dos estudantes ocupava as capas e várias páginas dos jornais locais, que davam uma grande ênfase à nota enviada pelo prefeito sobre a manifestação dos estudantes:

Entendemos que manifestações são formas legítimas e democráticas para apresentação de reivindicações, desde que promovidas de forma ordeira e respeitosa, o que não foi o caso dos acontecimentos verificados nesta quinta-feira, quando bens públicos foram depredados e a desordem foi estabelecida em prejuízo da população como um todo, que se viu impossibilitada de utilizar o transporte coletivo e conseqüentemente de cumprir seus compromissos. A atitude dos manifestantes na manhã de quinta-feira, com total desrespeito à comunidade e danos ao bem público, passou a ser caso de polícia. O que observamos foi um prejuízo inestimável à população e a URBES já está tomando as providências jurídicas cabíveis ao caso. (Jornal Cruzeiro do Sul, 17/05/02, p. A-8)

A imprensa não concedeu o mesmo espaço para o Olho Vivo, mas aqui registraremos a posição defendida pelo movimento, através da entrevista do ex-militante do Olho Vivo, Rodrigo Chizolini:

Nossa proposta era radical, propúnhamos a reestruturação do transporte público questionávamos grandes interesses econômicos arraigados na estrutura de poder na cidade. Portanto para os estudantes projetar o debate do passe livre na cidade e romper o silêncio da imprensa, eles tinham que realizar manifestações que sensibilizassem a sociedade e para isso era preciso que as lutas estudantis tivessem repercussões em toda a cidade e até fora dela. Portanto acredito que ser radical é ir às entranhas dos problemas e todo movimento que se propõe a colaborar com as mudanças em uma sociedade como a nossa, precisa combinar muita luta de massas, com criatividade e radicalidade.

É preciso lembrar aqui que o PSDB e os grupos contrários ao passe livre na cidade buscaram a todo tempo criminalizar o movimento, pois estávamos com a razão só restando a elite, reprimir e criminalizar o que eu considero um dos movimentos mais autênticos dos estudantes que já ocorreu em nossa cidade. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

Além de tomar partido no debate em torno do projeto do passe livre (em favor da inviabilidade da sua aprovação), a imprensa sorocabana descartou literalmente a imparcialidade na divulgação dos fatos, não concedendo aos estudantes espaço para se manifestarem; o jornal Cruzeiro do Sul deu continuidade ao processo de criminalização do Olho Vivo e de suas ações.

Na capa do jornal veio estampada a manchete:

**Luta por passe livre
termina em baderna**

Jornal Cruzeiro do Sul, 17/05/02 – p. capa – Arquivo Pessoal.

No dia 18 de maio, dois dias após a manifestação, o mesmo jornal traz em referência à manifestação dos estudantes a seguinte charge:



Charge publicada no jornal Cruzeiro do Sul – 18/05/02 – p. A-2 - Em alusão as barricadas feitas pelos estudantes – Arquivo: Gabinete de Leitura Sorocabano.

As reportagens referentes às manifestações começaram a vir acompanhadas de expressões como “baderna” e “vandalismo”, fazendo coro e legitimando o discurso do prefeito que decretava serem as ações do Olho Vivo um caso de polícia; era a criminalização do movimento estudantil.

No entanto, o Olho Vivo não havia desistido da idéia de ocupar o terminal, mas devido às muitas repressões já sofridas até então, a próxima ação a ser organizada precisava ser muito criativa e contar com o apoio de muitos estudantes. Com certeza, ela deveria ocorrer dentro do terminal, pois todos estavam convencidos disto e tal ocupação se transformara numa simbologia política de grandes proporções para os estudantes.

Estudantes secundaristas protagonizaram na manhã de ontem mais um protesto para reivindicar o Passe Livre no transporte coletivo e, dessa vez, conseguiram invadir o Terminal Santo Antônio. Cerca de 200 jovens, segundo o cálculo da URBES (gerenciadora do sistema), desceram de repente de quatro ônibus estacionados na Avenida Afonso Vergueiro e entraram no terminal por um dos acessos de ônibus. Não houve tempo de reação por parte

de guardas municipais e agentes de tráfego que cuidavam da segurança no local. (Jornal Cruzeiro do Sul, 13/06/2002 – p. A7)

Desta vez, colocaram em prática o que chamaram de Operação “Cavalo de Tróia”. Cerca de 50 estudantes compraram fichas e entraram no Terminal Santo Antônio, abrindo em seguida as portas laterais para que um outro grupo formado por aproximadamente 150 alunos também ocupasse o local sem pagar, interrompendo assim a saída e entrada dos ônibus do Terminal. (Jornal Diário de Sorocaba, 13/06/2002 – p. A3)

No dia 12 de junho, logo pela manhã, alguns estudantes compraram a passagem, próximo às suas escolas e entraram no terminal Santo Antônio, nos ônibus, como qualquer usuário do transporte e lá dentro, com faixas, cartazes, panfletos e o inseparável megafone, anunciariam a manifestação em defesa do Passe Livre, chamando, dessa forma, a atenção de todos dentro do terminal, inclusive dos seguranças e da Guarda Municipal, que abandonaram seus postos e foram conter a manifestação. Em sincronia ao anúncio da ação dentro do terminal, outro grupo, constituído por um número muito maior de estudantes, oriundos de diversas escolas e que foram até as proximidades do terminal em ônibus fretados pelo Olho Vivo, entrou pela lateral (entrada dos ônibus); a tão almejada ação de ocupação estava consumada.

A ação foi batizada de “Cavalo de Tróia”, em alusão à lendária ocupação da cidade de Tróia pelos soldados gregos, narrada por Homero.

TRANSPORTE COLETIVO

Estudantes realizam Operação ‘Cavalo de Tróia’ por passe livre

Jornal Diário de Sorocaba. 13/06/02 – p. A-3 – Arquivo Pessoal

Os estudantes conseguiram fazer uma ação extremamente ousada, enganando literalmente “as forças da repressão”. Dentro do terminal os estudantes sentaram na pista, impedindo a saída dos ônibus; os fiscais da URBES alteraram o percurso das linhas para manter a regularidade do transporte; a polícia militar e a guarda municipal cercaram os manifestantes e iniciou-se a negociação.



Os estudantes ocuparam uma das plataformas do terminal tumultuando o embarque de passageiros

Jornal Cruzeiro do Sul, 13/06/02 – p. A-7 – Arquivo Pessoal.

O Olho Vivo reivindicava, para encerrar a manifestação, que os estudantes voltassem para casa gratuitamente nos ônibus, mas a URBES, orientada pelo prefeito, não autorizou, pois seria a concretização do Passe Livre.

Após algumas horas de manifestação, a coordenação do Olho Vivo avaliou que não avançaria na reivindicação e já tinham alcançado o objetivo de chamar a atenção da mídia e da sociedade; assim, decidiram sair do terminal em passeata e voltaram para casa nos ônibus fretados pelo movimento.

A atitude da imprensa, principalmente do jornal Cruzeiro do Sul, de tentativa de criminalização das ações do Olho Vivo foi detectada pelos estudantes, que realizaram a denúncia dessa perseguição durante o ato. Alguns estudantes, mais exaltados, tiveram que ser contidos pelos organizadores do movimento, pois queriam tomar

satisfações com a equipe de reportagem do jornal, o que foi relatado pelo próprio jornal:

O protesto estudantil de ontem de manhã também reservou hostilidades para a equipe de reportagem do jornal **Cruzeiro do Sul**. Estudantes mais exaltados passaram a xingar os repórteres com palavrões e chegaram a ameaçá-los de agressão física. (...) Entre as faixas de protesto, havia uma com mensagem direta contra o jornal. (Jornal Cruzeiro do Sul, 13/06/02, p. A7)

- **Votação na Câmara Municipal**

Vereadores discutem hoje passe livre para estudantes.
Os vereadores discutem na sessão legislativa de hoje o projeto de lei que institui o passe livre para estudantes nos ônibus da cidade. O assunto, que vem chamando a atenção da população, por causa do movimento que os estudantes vêm realizando ultimamente em torno dessa causa, deve gerar muita polêmica em plenário. De acordo com o projeto, apresentado pelo vereador Raul Marcelo (PT), a gratuidade no transporte coletivo seria estendida aos estudantes mediante a apresentação de carteirinha escolar, concedida pela Prefeitura, ou do RG Escolar. (Jornal Diário de Sorocaba, 20/06/2002 - capa)

Após quase um ano e um mês de espera chegou o tão esperado dia da votação do projeto de lei do passe livre, ocorrido no dia 20 de junho de 2002.

Foi uma sessão muito conturbada, desde a chegada dos estudantes, que vieram em passeata desde a Villares⁴², até o fim, quando se consolidou a posição contrária da Prefeitura e do Legislativo em viabilizar o projeto.

Ao chegar à Câmara Municipal para acompanhar a votação, os estudantes foram informados que a entrada no plenário estava controlada através de senhas e que o número de pessoas seria restrito, o que não agradou de forma nenhuma os estudantes. Muitos tiveram que ficar do lado de fora, mas até o último momento permaneceram esperando o final da votação. Durante toda a sessão houve

⁴² Fábrica metalúrgica localizada a aproximadamente 5 km da Câmara Municipal de Sorocaba.

manifestações de repúdio aos vereadores e ao prefeito, tendo em vista que muitos deles já tinham se manifestado contrariamente.

O debate girou em torno da constitucionalidade do projeto, que havia recebido pareceres de inconstitucionalidade por parte da Consultoria Jurídica e das Comissões Permanentes da Câmara, pois interferia nas atividades do Executivo, afrontando a independência e harmonia dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

O desfecho, como já era esperado, foi o arquivamento do projeto pelos vereadores, alegando sua inconstitucionalidade. Votaram favoravelmente os quatro vereadores da bancada do PT (Partido dos Trabalhadores): Antonio Arnaud Pereira (Arnô), Gabriel César Bittencourt, Tânia Baccelli e Raul Marcelo (autor do projeto) e a vereadora Cíntia de Almeida (PMDB).

Os vereadores com assento ao Legislativo sorocabano arquivaram no início da tarde de ontem, por 8 votos contra 5, o projeto de lei de autoria do vereador Raul Marcelo (PT), que estabelecia o fornecimento de passe-livre para cerca de 120 mil estudantes no transporte coletivo da cidade. (Jornal Diário de Sorocaba, 21/06/02, p. A3)

Após o resultado da votação os estudantes iniciaram uma manifestação dentro da Câmara Municipal (vaias aos vereadores); a Guarda Municipal, sempre de prontidão, foi convocada pelo presidente da casa para retirar os manifestantes, alegando que os estudantes estavam causando tumulto.

Projeto do Passe Livre é arquivado em meio a tumulto e confusão na Câmara

Dois estudantes chegaram a ser supostamente feridos durante confronto com a Guarda Municipal

Os vereadores com assento ao Legislativo sorocabano arquivaram no início da tarde de ontem, por 8 votos contra cinco, o projeto de lei de autoria do vereador Raul Marcelo (PT), que estabelecia o fornecimento de passe livre para cerca de 120 mil estudantes no transporte coletivo da cidade. A votação da matéria, que foi marcada por confusão e tumulto, contou ainda com um confronto envolvendo a Guarda Municipal e estudantes secundaristas e diretores do Movimento "Olho Vivo", quando estes já deixavam as galerias do prédio da Câmara, no Parque da Boa Vista. Dois alunos saíram feridos. Até mesmo uma bomba de fabricação caseira chegou a ser jogada no Plenário durante a conturbada sessão da Câmara.



De costas para o Plenário, estudantes iniciaram protestos contra o arquivamento do projeto de Passe Livre nos ônibus. O pior viria depois!

Durante as discus-

Jornal Diário de Sorocaba, 21/06/02 – p. A-3 – Arquivo Pessoal.

A Guarda Municipal agiu com muita violência, colocando todos para fora “na base do cassetete e do empurra-empurra”; muitos saíram machucados, a estudante e militante do Olho Vivo Maria Rodrigues da Costa foi detida, acusada de agredir uma guarda municipal.

Logo após o anúncio oficial do resultado pela Presidência da Câmara, os estudantes começaram a se manifestar verbalmente contra a decisão, vaiando os vereadores e jogando objetos no Plenário, entre eles uma bomba de fabricação caseira, enrolada com papel alumínio, pedras e pólvora. O presidente da Mesa Diretora, Moacir Luís Silva de Oliveira, solicitou, de pronto a intervenção da Guarda Municipal. Foi quando teve início um dos maiores confrontos da história da nova sede do Legislativo. Dois estudantes saíram feridos, supostamente, por membros da GM. (Jornal Diário de Sorocaba, 21/06/02, p.A3)



Passe livre gera tumulto na Câmara

Por causa da decisão da maioria dos vereadores de arquivar o projeto apresentado pelo vereador Raul Marcelo (PT) propondo a instituição do passe livre para estudantes do ensino secundário no transporte coletivo da cidade, acabou em tumulto a sessão da Câmara de Sorocaba realizada na manhã de ontem. Com as galerias do Legislativo lotadas de estudantes, que queriam acompanhar de perto a votação do projeto, a sessão transcorreu normalmente até o momento em que foi decidido pelo seu arquivamento. A partir daí, os estudantes passaram a se manifestar em altos brados e a presidência da Casa pediu a intervenção da Guarda Municipal para serenar os ânimos da platéia. Dois estudantes ficaram feridos e acabaram registrando queixa no 2º Distrito Policial.

Págs. A-3 e A-5

Jornal Diário de Sorocaba, 21/06/02 – p. capa – Arquivo Pessoal.

[...] a votação do Passe Livre demonstrou o quanto o Estado brasileiro é impermeável às reivindicações populares e a participação dos estudantes na política. Acredito que quem saiu perdendo com tudo isso foi a Prefeitura, pois perdeu a oportunidade de iniciar a reorganização do transporte coletivo na cidade, que hoje além de ser um caos possui a tarifa mais cara do estado e a 3ª mais cara do país. Reduziu sua frota de ônibus enquanto a população aumentou de forma significativa e ainda as duas empresas que na época comandavam o transporte na cidade ainda continuam explorando o serviço, sendo que uma delas está sob intervenção por não ter honrado o pagamento de direitos dos trabalhadores. (CHIZOLINI, ex-militante do Olho Vivo, entrevistado em 03/11/2008)

A campanha pelo Passe Livre propunha muito mais que apenas o passe livre aos estudantes: os próprios estudantes e até mesmos os militantes do Olho Vivo não tinham a dimensão do tamanho da proposta defendida por eles. Tratava-se de reformar todo o transporte coletivo público da cidade e por que não todo o transporte da cidade.

O sistema de transporte de Sorocaba, antes de ser planejado para o bem estar social dos usuários e até mesmo dos não usuários, é planejado para atender aos interesses privados das empresas de transporte, que têm como principal objetivo a reprodução do capital.

A proposta do Olho Vivo viria a desmontar toda essa engenharia, tratava-se de iniciar um debate em torno da função social do transporte, discussão que não interessa em nada aos setores dominantes, principalmente aqueles diretamente envolvidos.

Neste debate o poder público municipal (Estado), representado pela prefeitura e pela Câmara Municipal de Sorocaba, cumpriu mais uma vez sua função de “comitê para gerir os negócios comuns da classe burguesa”, impedindo esta “reforma” utilizando-se de seus dispositivos para barrar qualquer proposta progressista que pudesse significar a perda e/ou diminuição do lucro da classe dominante.

Pretendo aqui responder a indagação levantada por Chauí (2001, p. 166):

Por que a dominação de classe não permanece aquilo que efetivamente é – subordinação, de fato, de uma parte da população a uma outra parte? Por que a dominação toma a forma da dominação pelo Estado oficial?” Ou, o que dá no mesmo, por que o mecanismo de coerção do Estado não é criado como mecanismo privado da classe dominante? Por que é dissociado da forma da classe dominante, tomando a forma de um mecanismo impessoal de autoridade pública isolada da sociedade?

Sendo assim, a não aprovação do projeto do Passe Livre aos estudantes não foi resultado da sua dita inconstitucionalidade, muito menos da inviabilidade da sua aplicação por parte da prefeitura, mas sim como resultado da defesa intransigente por parte dos detentores do poder político municipal, dos interesses econômicos da classe social a qual representam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há aqueles que lutam um dia; e por isso são bons;
Há aqueles que lutam dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis.
(Bertolt Brecht)

Após a votação do projeto do Passe Livre, o Olho Vivo entra em um período de declínio; suas principais lideranças vão atuar na campanha de Raul Marcelo a Deputado Estadual e após as eleições começam a participar de outros movimentos: Marcelino de Almeida começa a lecionar na rede pública, onde inicia sua militância na APEOESP (Sindicato dos Professores da Rede Oficial do Estado de São Paulo), Welington Oliveira passa a se dedicar mais a militância no DCE/UNICAMP, Rodrigo P. Chizollini se torna o coordenador e chefe de gabinete do vereador Raul Marcelo, Amanda Lima e Josimar vão para o MST, Thiago Silva Flório e Maria Rodrigues Costa passam a empenhar todos os seus esforços para organizar as lutas dos estudantes universitários no processo de reconstrução do DCE da UNISO, Márcio Silva Souza fica responsável em articular a esquerda do PT no estado, principalmente na região de Sorocaba, Josué de Lima inicia a organização do Movimento HIP HOP, com a posse⁴³ Rima e Revolução. Enfim, a organização dos secundaristas fica a cargo do militante Rafael Takizawa.

O Olho Vivo prossegue com suas atividades de construção de grêmios, agora com uma dificuldade maior. A base de todo o movimento estudantil, e com o Olho Vivo não foi diferente, são os grêmios estudantis livres. A Secretaria Estadual de Educação iniciou em 1998 uma política de cooptação e construção de grêmios estudantis, publicando uma cartilha chamada: *A Organização de Grêmios Estudantis*⁴⁴. Em Sorocaba esta prática é imposta com mais veemência no ano de 2003, coincidência ou não, ano seguinte ao das lutas pelo passe livre. Este processo enfraquece o Olho Vivo.

⁴³ Gíria do Movimento Hip Hop, que significa Associação

⁴⁴ LUZ, Sérgio Edgard. *A organização do Grêmios Estudantis*. São Paulo; SEE, 1998.

O que é essa cartilha?

É um manual que orienta a formação dos grêmios estudantis, com três modelos de Estatuto, ensina os passos burocráticos para a formação da entidade e depois toda a burocracia referente às Atas e demais livros.

O problema é sutil: de acordo com os três modelos de estatuto apresentados, o período para inscrição de chapas para concorrerem ao Grêmio Estudantil deve ser até o 30º dia letivo do primeiro bimestre, o período de divulgação e propaganda deve ocorrer entre o 31º e o 40º dia letivo e a data da eleição deve ocorrer impreterivelmente no 41º dia letivo do ano escolar⁴⁵.

O Olho Vivo tinha outra concepção do processo de formação dos grêmios estudantis, pois cada escola possui uma realidade diferente; não se pode tratar a todas de forma igual, estabelecendo prazos e datas fixas; precisa-se respeitar a dinâmica de cada escola e a cartilha imposta pela Secretaria Estadual de Educação desrespeita a Lei de Grêmio, de acordo com artigo 1º, inciso 3º: “A aprovação dos Estatutos e a escolha dos dirigentes e dos representantes do Grêmio Estudantil serão realizadas pelo voto direto e secreto de cada estudante, observando-se, no que couberem as normas da legislação eleitoral⁴⁶”.

Com isso os Grêmios Estudantis deixaram de ser livres e autônomos, organizados pelos estudantes e passaram a ser criados pelos diretores de escola, que aproveitavam a situação e indiretamente acabavam por influenciar na composição dos membros das chapas e, conseqüentemente, na gestão do grêmio estudantil.

Outra dificuldade encontrada pelo Olho Vivo foi orientar a organização dos grêmios estudantis, afinal todos tinham que ser organizados antes do 41º dia letivo do ano, data da eleição de acordo com a cartilha, o que inviabilizava o acompanhamento pelos militantes do Olho Vivo. Isso acabou resultando em grêmios estudantis frágeis, que no máximo conseguiam (quando a direção da escola deixava) organizar um campeonato de futebol masculino. Todo processo de luta e contestação era prontamente podado pela direção da escola.

⁴⁵ A organização de Grêmio Estudantil, São Paulo, 1998.

⁴⁶ Lei 7.398, de 4 de novembro de 1985.

O Olho Vivo continuou com os encontros de formação e com o processo de luta política, como pode ser comprovado pela realização no dia 14 de março de 2003, do Ato contra a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, a passeata ocorrida no dia 08 de Outubro de 2003 insistindo na luta pelo passe livre e o 1º Encontro Regional de Estudantes, ocorrido no dia 29 de agosto de 2004.



CONTRA A GUERRA - Estudantes do Movimento Olho Vivo promoveram ontem, pelas ruas centrais da cidade, uma manifestação contra os ataques que os Estados Unidos querem defragrar no Iraque. Os estudantes portavam uma bandeira para receber assinaturas e mensagens de paz da população. A bandeira será enviada ao consulado americano em S. Paulo. *Pág. A-2*

**Jornal Diário de Sorocaba do dia 15/03/03, capa – Arquivo Pessoal do ex-militante do Olho Vivo
Patric P. Germano.**



Reportagem do Jornal cruzeiro do sul de 09/10/03, capa – Arquivo Pessoal.



Cartaz divulgando o 1º Encontro Regional do Olho Vivo – Arquivo Pessoal

Apesar do Olho Vivo continuar com suas ações, as lutas do DCE-UNISO acabaram ocupando o espaço e assumindo a vanguarda das lutas da juventude em Sorocaba.

Após toda esta exposição e análise chegamos à comprovação da nossa hipótese para a problematização inicial: Num período de predomínio do neoliberalismo e refluxo da luta popular, o que levou o grupo de estudantes, denominado Olho Vivo, a vencer a disputa no seio do movimento estudantil em Sorocaba e se tornar hegemônico na liderança dos estudantes, levando para as ruas centenas de jovens em manifestações que tiveram seu ponto alto as lutas pelo passe livre?

Tendo como fontes principais a própria memória, visto que fui militante ativo do Olho Vivo, reportagens dos jornais da cidade, materiais impressos do próprio movimento, fotos e entrevistas com ex-militantes, foi possível reconstruir o processo de gênese e desenvolvimento do Olho Vivo e assim apresentar uma resposta a esse questionamento. Vale destacar que durante a pesquisa, por inúmeros motivos e, principalmente por não ser este o foco dessa investigação, não foi possível pesquisar, ouvir e analisar as vozes dissonantes.

O Olho Vivo surgiu num momento de declínio do movimento socialista internacional e de refluxos das lutas populares; estávamos há poucos anos da queda do socialismo real no leste europeu e em plena implantação do neoliberalismo, momento em que a globalização do capital se tornava hegemônico, inclusive no Brasil com a eleição e depois reeleição de Fernando Henrique Cardoso.

Sorocaba possuía uma história de forte participação estudantil em lutas locais, como a “Noite do Beijo”, e nacionais, como o “Fora Collor”; no entanto, eram movimentos esporádicos, visto que o município não possuía nenhuma entidade municipal que congregasse todos os estudantes, ou pelo menos pela tradicional divisão em secundaristas e universitários.

O Olho Vivo surge alguns anos após a primeira tentativa de construir essa entidade que tanta falta fez aos estudantes de outras épocas. A USE nasce com a semente da sua destruição dentro de suas próprias vísceras, uma entidade sectária e partidarizada que reproduzia em Sorocaba os vícios das entidades “oficiais” nacionais e estaduais, coordenadas pela UJS.

O Olho Vivo organizou-se como Movimento Estudantil Alternativo, visto que a entidade que representava oficialmente os estudantes sorocabanos era a USE, constituída legalmente com estatuto registrado em cartório. Mas na prática coube ao Olho Vivo a tarefa para a qual a USE foi criada.

O Olho Vivo foi o espaço de luta e formação política dos estudantes, e essa função foi cumprida. Em poucos anos, trabalhando como parceiro do MST, inclusive adotando suas táticas de formação, organização e luta, o Olho Vivo despontou na cidade como o movimento que representava, na prática, os interesses dos estudantes e conquistaria o respeito dos demais movimentos populares.

A eleição de Raul Marcelo para vereador, um militante do Olho Vivo, contribuiu para fortalecer este respeito junto à sociedade e para impulsionar as lutas estudantis, principalmente com o projeto de lei do Passe Livre para os estudantes. Tais lutas e atividades que antecederam esta fase contribuíram para dar ao Olho Vivo experiência e organicidade para dirigir a histórica campanha pelo transporte gratuito aos estudantes.

Enfrentando o poder econômico das empresas, a mídia e o poder político local, o Olho Vivo “balançou” a cidade ao desafiar os interesses econômicos daqueles que lucravam com o transporte público, colocando na pauta do dia o debate do passe livre para os estudantes.

A radicalidade das ações do Olho Vivo, tais como pichações, acorrentamento, ocupação de prédios públicos e do terminal Santo Antonio, demonstraram o poder da organização popular, em especial dos estudantes. A contribuição dessas ações para o desabrochar político de uma geração e para o fortalecimento da democracia, visto como espaço de participação popular de forma ativa, é imensurável.

A hipótese para responder ao questionamento foi o acerto na teoria de orientação marxista e principalmente a práxis desenvolvida pelo Olho Vivo, aliando a luta política e a formação teórica, ou seja, o movimento organizava cursos, palestras e debates (realizados principalmente em conjunto com o MST), mas também organizava a luta de resistência, liderando os estudantes nas ações políticas de enfrentamento.

Outro fator importante foi a mística militante que norteou a existência do Olho Vivo, caracterizada pela dedicação e comprometimento com a transformação social, inspirada na construção de um novo homem, que via na ação política um não lugar

para o oportunismo em prol de benefícios pessoais e sim um lugar de organização popular, visando a construção de uma sociedade igualitária.

Poderíamos terminar dizendo que o Olho Vivo acabou e que seus militantes atuam hoje em vários movimentos em Sorocaba e no estado (o que é verdade), ou que os militantes do Olho Vivo, na sua grande maioria secundaristas, continuam suas ações políticas no Movimento Estudantil Universitário, em especial no DCE-UNISO (o que também é verdade); no entanto, prefiro defender que o Olho Vivo ainda não acabou, vive o que poderíamos chamar de período de refluxo, e que no momento em que escrevemos estas linhas, estudantes dos vários cantos de Sorocaba começam a despertar para a reconstrução do movimento estudantil e que as faixas do Olho Vivo em breve retomarão às ruas e praças da nossa cidade.

REFERÊNCIAS

ARCOS, Rosângela Quequeto de Andrade. **Sobre preferências artísticas e a escola:** um estudo das opções culturais dos jovens alunos da rede pública. 17/02 /04. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa: Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BURKE, Peter. A história como memória social. In: **O mundo como teatro:** estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel, s/d, p. 235-251.

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e democracia:** O discurso competente e outras falas. 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

ESCUDEIRO, Marly Umbelina. **A interdisciplinaridade nos projetos do Ensino Médio do CEFET/SP: discurso ou prática?** 31/08/05. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

FÉLIX, Loiva Otero. **História & Memória:** a problemática da pesquisa. Passo Fundo, RS: Ediupf, 1998.

FERNANDES, Florestan. Introdução. In: LÊNIN, Vladimir Ilitich Ulianov. **Que Fazer?** São Paulo: Hucitec, 1988, p. 7-15.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente:** desafios. Petrópolis, RJ: Cultura Vozes. 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política:** Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **O protagonismo da sociedade civil:** movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

IKEDO, Fernanda. **Ditadura e repressão em Sorocaba**: histórias de quem resistiu e sobreviveu. Sorocaba, SP: LINC, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo – Companhia das Letras, 2007.

_____. **Era dos Extremos**: O breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-62.

LÊNIN, Vladimir Ilítich Ulianov. **Que Fazer?** São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Esquerdismo, doença infantil do comunismo**. 2ed. São Paulo: Escritta, 1960.

LUZ, Sérgio Edgard. **A organização do Grêmio Estudantil**. São Paulo: SEE, 1998.

MAURO, Gilmar; PERICÁS, Luiz Bernardo. **Capitalismo e luta política no Brasil na virada do milênio**. São Paulo: Editora Xamã, 2001.

NETTO, José Paulo. FHC e a política social: Um desastre para as massas trabalhadoras. In: Lesbaupin, Ivo (org). **O desmonte da nação**: Balanço do governo FHC – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Em busca da contemporaneidade perdida: a esquerda brasileira pós-64. In Mota, Carlos Guilherme (org). **Viagem Incompleta**. São Paulo: SENAC, 2000. P. 219-245.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Brasil Século XXI: Propostas Educacionais em Disputa. In: LOMBARDI, José Claudinei, SANFELICE, José Luis (orgs). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas, SP: Autores associados, 2007, p. 205-224.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5.n.10. 1992.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANFELICE, José Luís. **A UNE na resistência ao golpe de 64**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA Jr, João dos Reis. In: **Educação e Sociedade**. Vol. 23, n. 80. Campinas, 2002, p. 201-233.

_____, **Reforma do Estado e da Educação no Brasil de FHC**. São Paulo: Xamã, 2002.

SOARES, Laura Tavares. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALENTE, Ivan. **Municipalização Imposta e a Exclusão Social**. Uma análise da política de FHC para o ensino fundamental. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1997.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1989.

VILAR, Pierre. História marxista, história em construção. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 146-178.

CARTILHA

Método de Trabalho e organização popular. Movimento Sem Terra, Setor Nacional de Formação. São Paulo: 2005.

JORNAL

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 76, n.21.994, 04 fev. 1981.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 76, n.21.996, 06 fev. 1981.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 76, n. 21.997, 07 fev. 1981.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 76, n.21.998, 08 fev. 1981.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 76, n.21.999, 10 fev. 1981.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 76, n.22.000, 11 fev. 1981.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 90, n.25.568, 26 ago. 1992.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 90, n.25.569, 27 ago. 1992.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 90, n.25.570, 28 ago. 1992.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 97, n.28.017, 03 ago. 1999.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 98, n.28.535, 02 jan. 2001.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.28.728, 14 jul. 2001.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.28.985, 28 mar. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.29.013, 25 abr. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.29.026, 08 mai. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.29.033, 15 mai. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.29.034, 16 mai. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.29.035, 17 mai. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 99, n.29.036. 18 mai. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 100, n.29.062, 13 jun. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 100, n.29.063, 14 jun. 2002.

CRUZEIRO DO SUL, Sorocaba, SP, ano 101, n.29.545, 09 out. 2003.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n.6.765, 29 jan. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n.6.766, 30 jan. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n. 6768, 01 fev. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n. 6771, 05 fev. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n.6.772, 06 fev. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n. 6773, 07 fev. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 23, n. 6774, 08 fev. 1981.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 35, n.10.249, 26 ago. 1992.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 39, n.11.492, 02 out. 1996.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 41, n.12.408, 11 nov. 1999.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 42, n.12.686, 04 out. 2000.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 42, n.12.921, 14 jul. 2001.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 43, n. 13.156, 25 abr. 2002.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 43, n. 13.166, 08 mai. 2002.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 43, n.13.174, 17 mai. 2002.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 43, n. 13.191, 13 jun. 2002.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 43, n. 13.197, 20 jun. 2002.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 43, n. 13.198, 21 jun. 2002.

DIÁRIO DE SOROCABA, Sorocaba, SP, ano 46, n. 13.423, 15 mar. 2003.

ENTREVISTAS

CHIZOLINI, Rodrigo. Rodrigo Chizolini: entrevista. (03 nov. 2008). Sorocaba, SP, 2008. Entrevista concedida pelo ex-militante do Olho Vivo.

GERMANO, Patric. Patric Peterson Germano: entrevista. (10 fev. 2008). Sorocaba, SP, 2008. Entrevista concedida pelo ex-militante do Olho Vivo.

LINO, Amanda. Amanda Lino: entrevista. (21 out. 2008). Sorocaba, SP, 2008. Entrevista concedida pela ex-militante do Olho Vivo.

SOUZA, Márcio da Silva. Márcio da Silva Souza: entrevista. (03 fev. 2009). Sorocaba, SP, 2009. Entrevista concedida pelo ex-militante do Olho Vivo.

BARBAGALLO, Júlio César. Júlio César Barbagallo: entrevista. (10 dez. 2008). Sorocaba, SP, 2008. Entrevista concedida pelo ex-militante do Olho Vivo.

ANEXOS

ANEXO 01

Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985

Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e em sanciono a seguinte lei:

Art . 1º - Aos estudantes dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais.

§ 1º - (VETADO).

§ 2º - A organização, o funcionamento e as atividades dos Grêmios serão estabelecidos nos seus estatutos, aprovados em Assembléia Geral do corpo discente de cada estabelecimento de ensino convocada para este fim.

§ 3º - A aprovação dos estatutos, e a escolha dos dirigentes e dos representantes do Grêmio Estudantil serão realizadas pelo voto direto e secreto de cada estudante observando-se no que couber, as normas da legislação eleitoral.

Art . 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art . 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 04 de novembro de 1985; 164º da Independência e 97º da República.

JOSÉ SARNEY

Marco Maciel

ANEXO 02

fone: 220 1170

Poder Judiciário

SÃO PAULO

JUIZADO ESPECIAL CÍVEL DA COMARCA DE SOROCABA - ANEXO FADI

MANDADO DE CITAÇÃO E INTIMAÇÃO

Processo n.º: 764/00

Audiência: 09/05/00

Hora: 16:00

Data Entrada: 30/03/00

AUTOR (A) (RES): AGDA CRISTINA FOGAÇA DE ALMEIDA RG: 27.002.482-7

Qualificação: brasileira, solteira, professora, 23 anos

Endereço: R. Júlio de Mesquita Filho, 89

Bairro: Jd. dos Estados-Sorocaba/SP CEP: 18046-090

RÉU (RÉ) (S): DCE -UNISO CGC: 71.559.207/0001-49

Endereço: R. Major João Elias, 419

Bairro: Trujilo-Sorocaba/SP CEP: 18060-010

AÇÃO: CONDENAÇÃO EM DINHEIRO

Pedido oral: x

VALOR: R\$ 1.869,87

Quant. docs.: 06

Histórico

A Autora era aluna do curso de Pedagogia, ministrado pela UNISO, e em 1996 passou a consignar as mensalidades em Juízo, através do Réu, que recebia o valor e efetuava o respectivo depósito judicial.

Ocorre que recentemente a Autora tomou conhecimento que está em débito com a Universidade, tendo em vista que o Réu, apesar de ter recebido o valor das mensalidades de fevereiro a novembro/96, conforme recibos apresentados, não efetuou o depósito das mesmas, conforme alega a Autora, que atualizadas até a presente data perfazem R\$ 1.869,87, conforme cálculo apresentado pela mesma.

Ante o exposto, requer a Autora a citação do Réu, na pessoa de seu representante legal, para que compareça à audiência de conciliação, instrução e julgamento, aguardando sua condenação, a final, na importância supra, legalmente corrigida.

Eu Alan (Alan Martinez Kozyreff), digitei

Eu Claudia (Cláudia Regina de Queiroz), escrev., conferi.

Está(ão) Vossa(s) Senhorias(S) CITADO(A) (S) para os termos da ação e deverá(ão) comparecer a este juizado sito a Rua Ursulina Lopes Torres, 123, no dia 09/05/00, às 16:00 horas.

Naquela oportunidade, será tentada solução amigável que atenda a seus interesses e aos do Autor(a) (res), sem qualquer despesa, ocasião em que Vossa(s) Senhoria(s) poderá(ão) apresentar defesa oralmente ou por escrito. Não havendo acordo, o julgamento se fará de imediato. Deixando de comparecer, Vossa(s) Senhoria(s) será(ão) considerado(a) (s) revel(is), reputando-se verdadeiros os fatos alegados pelo(a) (s) Autor(a) (res), sendo proferido julgamento de imediato.

ADVERTENCIA

A fú fica advertida de que deverá comparecer por seu representante legal, portando CIC, RG, e prova de representação (Estatuto, Ata ou Carta de Provisão) e poderá estar acompanhada de seu advogado à audiência designada, devendo trazer provas e até três (03) testemunhas, caso queirer.

Of: _____
Carga: _____/00

Não trazer crianças

Claudia Regina de Queiroz
O Escrivão, por ordem do
MM. Juiz de Direito
Claudia Regina de Queiroz
Escriv. Téc. Judiciário

Ação Judicial da estudante da UNISO Agda Cristina Fogaça de Almeida, contra o DCE-UNISO

ANEXO 03

Poder Judiciário SÃO PAULO

JUIZADO ESPECIAL CÍVEL DA COMARCA DE SOROCABA - ANEXO FADI

MANDADO DE CITAÇÃO E INTIMAÇÃO

Processo n.º: 779/00

Audiência: 11/05/00

Hora: 14:45

Data Entrada: 04/04/00

AUTOR (A) (RES): ANDRÉIA ALVES DA SILVA RG. 25.626.713-3

Qualificação: bras., solteira, pedagoga, 24 anos
Endereço: Rua Paulino Faria, 318
Bairro: Vila São João-Sorocaba CEP:18040-210

RÉU (RÉ) (S): DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

RG: CPF/CGC: 71559207/0001-49
Endereço: Rua Major João Elias, 419
Bairro: Vila Carvahó-Sorocaba CEP:18060-010

Co-RÉU (RÉ) (S): DARLISE ELMI BUGLIA OAB/SP 82.623

RG: CPF/CGC:
Endereço: Avenida Pereira da Silva, 352
Bairro: Santa Rosália-Sorocaba CEP:18095-340

AÇÃO: CONDENAÇÃO EM DINHEIRO

VALOR: R\$ 802,41

Pedido oral: x

Quant. docs.: 38

ADVERTÊNCIA

A Ré fica advertida de que deverá comparecer por seu representante legal, podendo CIC, RG, e prova de representação (Estatuto, Ata ou Carta de Representação) e poderá estar acompanhada por advogado à audiência designada, devendo trazer provas e até três (03) testemunhas, se quiser.

Histórico

A Autora formou-se em Pedagogia pela UNISO no ano de 1999, e em junho de 1996 passou a consignar as mensalidades em Juízo, através do Réu, sendo que a Co-Ré foi a advogada contratada pelo Réu para efetuar as consignações.

Ocorre que recentemente a Autora tomou conhecimento que está em débito com a Universidade, tendo em vista que o Réu, apesar de ter recebido o valor das mensalidades de junho a setembro de 1996, conforme recibos apresentados, não efetuou o depósito das mesmas, conforme alega a Autora, que atualizadas até a presente data perfazem R\$ 445,41, conforme cálculo apresentado pela mesma. A Autora também teve que pagar pelas guias de depósito judicial fornecidas gratuitamente pelo Fórum e cobradas indevidamente pelo Réu, no valor de R\$ 177,00, conforme recibos apresentados, além de honorários advocatícios no valor de R\$ 180,00.

Ante o exposto, requer a Autora a citação do Réu, na pessoa de seu representante legal, e da co-Ré, para que compareçam à audiência de conciliação, aguardando suas condenações, a final, na importância de R\$ 802,41, legalmente corrigida.

Eu _____ (Camila Pauletti Gonçalves) digitei.

Eu Cláudia Regina de Queiroz (Cláudia Regina de Queiroz), escrevi...

Está(ão) Vossa(s) Senhorias(s) CITADO(A) (S) para os termos da ação e deverá(ão) comparecer a este juizado sito a **Rua Ursulina Lopes Torres, 123, no dia 11 de maio de 2000, às 14:45 horas.**

Naquela oportunidade, será tentada solução amigável que atenda a seus interesses e aos do Autor(a) (res), sem qualquer despesa, ocasião em que Vossa(s) Senhoria(s) poderá(ão) apresentar defesa oralmente ou por escrito. Não havendo acordo, o julgamento se fará de imediato. Deixando de comparecer, Vossa(s) Senhoria(s) será(ão) considerado(a) (s) revel(is), reputando-se verdadeiros os fatos alegados pelo(a) (s) Autor(a) (res), sendo proferido julgamento de imediato.

Of.: Aparrecida
Carga: _____/00

Não trazer crianças

Cláudia Regina de Queiroz
O Escrivão, por ordem do Juiz de Direito
MM. Juiz de Direito
Escriv. Rec. Judiciário

Ação Judicial da estudante da UNISO Andréia Alves da Silva, contra o DCE-UNISO

Protesto da oposição não afeta vida do país

Os protestos da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e partidos de oposição contra o governo, ontem, em todo o País, quase não afetaram a atividade econômica nas cidades. Indústrias funcionaram normalmente no chamado Dia Nacional de Paralisação e Protesto em Defesa do Emprego e do Brasil, salvo algumas nas quais os funcionários estão em campanha por reajuste de salário. Manifestações de rua reuniram público muito pequeno.

Em Brasília, a principal manifestação ocorreu em frente à rodoviária, região central da capital, e reuniu apenas cerca de 200 pessoas. No ABC, berço do PT e da CUT, protesto na Via Anchieta parou o trânsito, mas mobilizou menos de 150 manifestantes. No Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, o movimento teve resultados bem mais expressivos. Em São Paulo, o dia foi normal para a esmagadora maioria dos trabalhadores. No Rio de Janeiro, o próprio presidente estadual da CUT, Alcebiades Teixeira, qualificou o movimento no seu Estado como "uma derrota".

O presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, que participou das assembleias realizadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em substituição à passeata marcada inicialmente, negou que o movimento tenha fracassado na sua própria região. Vicentinho atribuiu ao mau tempo o pequeno número de trabalhadores presentes às duas assembleias no ABC, que reuniram, aproximadamente, 200 pessoas cada uma. As assembleias ocorreram na porta da Indústria Artelb, que produz faróis, lanternas e retrovisores, em Diadema, e no pátio da Metal Leve, em São Bernardo do Campo.

Em São Paulo, o Sindicato dos Bancários de São Paulo concentrou esforços nas paralisações da Caixa Econômica Federal e do Banespa e do Banco do Brasil. Ao todo, segundo a entidade, 7 mil bancários cruzaram os braços por meio período ou em toda a jornada. Pelo menos 20% dos ônibus e todos os trens de metrô não circularam antes de 7 horas na Capital.

As manifestações foram mais marcantes em Porto Alegre (RS). A maioria dos ônibus não conseguiu sair de suas garagens nas primeiras horas da manhã. O Trensurb, metrô de superfície que faz a ligação entre a capital e a Grande Porto Alegre, ficou parado desde as primeiras horas e só voltou a circular à tarde, após assembleia dos trabalhadores.

Para o presidente da CUT/RS, Francisco Vicente, 200 mil trabalhadores cruzaram os braços no Rio Grande do Sul.

Pouca gente aderiu aos protestos convocados pela CUT, PT e partidos de oposição ao governo federal

Bloqueio

Os sindicatos ligados à CUT conseguiram bloquear várias rodovias batanas, principalmente na região metropolitana de Salvador, mas poucos deixaram de trabalhar, ontem. Em Salvador, o protesto foi em forma de passeata pelo centro da capital, organizada pelo Sindicato dos Bancários. Os sindicalistas promoveram um arrastão tentando fechar as lojas do comércio da Avenida Sete, mas elas eram reabertas logo depois que a passeata passava.

Em Belo Horizonte, centenas de pessoas fizeram passeata no final da tarde. Segundo o presidente da CUT-MG, Paulo César Fungli, o protesto foi um sucesso no Estado.

ANEXO 05

JORNAL
N. 0001

Olho Vivo

GRUPO DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS E UNIVERSITÁRIOS DE SOROCABA

SAIBA O QUE ROLA NO JORNAL DO *Olho Vivo*

Página 2.

- História de um Estudante ;
- Universidade Pública, Quando? ;
- Março, mês da Mulher.

Página 3.

- Charges;
- Você Sabia? ;
- Drogas ;
- Frases ;
- Trote consciente ;
- Trava Língua.

Página 4.

- Teatro ;
- Chácara Sônia Maria ;
- Rio Sorocaba ;
- Poesias ;
- Música.

CAMPANHA DE CONSTRUÇÃO DE GRÊMIOS

A Galera do Olho Vivo está realizando uma campanha gigantesca de formação de Grêmios. Vamos entrar detonando no século XXI, nenhuma escola continuará sem Grêmio, afinal os estudantes são responsáveis pelos agitos culturais, palestras, debates, campeonatos e tantas outras atividades que o Grêmio pode realizar na escola. Se ligue nessas informações da galera do Olho Vivo porque o tédio, marasmo, inércia, desinformação, sonolência estão com os dias contados.

de estudantes da mesma escola que se reúnem para elaborar atividades esportivas, culturais e também discutir os grandes problemas do Brasil:

de se organizar, só depois de muitas passeatas, protestos e pressão sobre os nossos representantes foi aprovada no Congresso Federal a Lei Número 7.398 de 04/11/1985 onde o direito à formação do Grêmio e sua atuação nas escolas foi garantido.



**E você vai ficar
aí parado!!!**

Informe-se na sua escola se ela já possui Grêmio e comece a participar, porque o Grêmio é você quem faz. Se ela ainda não possui, entre em contato com o Olho Vivo que nós daremos uma força para você.

desemprego, baixo investimento na educação, reforma agrária, drogas, criminalidade e tantos outros que estão na pauta nacional.

O Grêmio livre é uma conquista dos estudantes que por décadas foram proibidos

O que é Grêmio ?
O grêmio é um grupo

Olho Vivo!!! Que Bicho é Esse?

O *Olho Vivo* é um grupo formado por estudantes secundaristas e universitários que, sentindo o descaso do governo com a educação, cultura, esportes e pela falta de uma entidade estudantil municipal que defendesse os interesses dos estudantes, resolveram se unir e se organizar.

A galera do *Olho Vivo* começou a se reunir no início de 1997 e de cara ganhou a adesão de vários Grêmios Estudantis, podendo organizar diversas atividades, dentre as quais destacamos: Palestras e manifestações de estudantes (contra a reforma no ensino técnico); Congresso

da UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas), UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, UNE (União Nacional dos Estudantes); Ato de resgate da memória do estudante Sorocabano, Alexandre Vannuchi Leme, morto pela Ditadura Militar.

Paralização do centro de Sorocaba, no dia 10 de novembro 1999, por mais investimento na Educação; Festival de Música com pista de Skate na escola João Clímaco com a participação de nove bandas; passeata e concentração na praça da Bandeira por um



Ato estudantil em defesa da Educação Pública.

sobre a história do Movimento Estudantil; participação de dez delegados no encontro nacional de jovens na Unicamp, para discutir o papel dos Estudantes na Reforma Agrária do Brasil, e principalmente a formação e fortalecimento de Grêmios Livres.

O *Olho Vivo* tem se firmado ao longo dos anos como legítimo representante dos estudantes e, vem contribuindo na organização e construção do movimento estudantil para junto aos demais setores excluídos da população darmos nossa contribuição nas mudanças sociais que o Brasil tanto precisa.

ESTUDANTE QUE ENTROU PARA HISTÓRIA

Fabian Lato de Lima Souza era um menino pobre do interior do Piauí, onde as perspectivas para ele eram sombrias, haja vista o cenário de exploração de seu povo. Decidiu a conquistar seu destino, foi para o Rio de Janeiro, com o objetivo de estudar e ganhar seu pão. Dava-se mal, comia mal, vestia mal, doente de uma ordem social cujo sistema o excluía. Era exigente, submeteu-se às poucas possibilidades de emprego para garantir seu sustento.

No dia 28 de março de 1968, quando ainda à tarde, um grupo de estudantes reuniu-se em frente ao Restaurante Calabroço para, mais uma vez, protestar contra um sistema educacional que se aprimita. Dentre os participantes da má qualidade do alimento servido. Fabian Lato acabou de assistir a uma aula de português, deixando escrito: "Um trabalho tão é uma simples aula de merdinha amarrada. É um reflexo de uma situação digníssima". As 18:00 horas ju-

liou-se com seus companheiros de luta. Às 18 horas e 20 minutos um batalhão de choque da PM, sob comando do general Orlando Noroeste, desembocou frente ao restaurante, portando cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e armas de fogo.



Protesto de Estudantes : 1968

riou. A agressão aos estudantes, que defendiam a sua liberdade acadêmica, foi rápida, desumana e ferozmente. A tropa abriu fogo contra os jovens. Às 18:30 hr tombava morto Fabian Lato, com uma bala no cora-

ção. Esta bala tornou-se criação de muitos. Leigos, estudantes de ciências, jornalistas, artistas e militantes solidarizaram-se com o fato. Amadureceu, e uma multidão não arre-dida pôde onde estava o corpo. A energia do ato morreu transformou-se em manifestações populares em todos os cantos do país.

Como ele, muitos outros tombaram acionados na luta pelo surgimento do Movimento Estudantil, pela liberdade e dignidade do nosso povo. É nossa missão fomentar o ambiente estudantil para que aconteça uma Taboação de Veclado, formando jovens conscientes da nossa missão, ocupando espaços do nosso processo de construção do conhecimento. Lutando por uma nova sociedade, justa, igualitária e fraterna, com um Novo Homem e uma Nova Mulher.

UNIVERSIDADE PÚBLICA, QUANDO ?

Há mais de vinte anos se discute a possível vinda de uma Universidade Pública para Sorocaba, porém até quando ficaremos esperando?

Todo ano, milhares de estudantes de Sorocaba e Região são obrigados a parar de estudar devido à falta de tal estabelecimento de ensino superior, visto que, as Universidades e faculdades existentes na região (com exceção da FATEC) são particulares, e com as altas taxas de desemprego, somado às altas mensalidades cobradas pelas mesmas, a maioria da população não tem condições de continuar com seus estudos, criando um falso conceito no meio dos estudantes de que após concluírem o 3º ano do ensino médio, já terminaram seus estudos.

Sorocaba está classificada entre os maiores municípios brasileiros, seja em população ou geração de riquezas (PIB de US\$ 3.000.000.000,00 , região US\$ 7.000.000.000,00). Situa-se a apenas 91 Km da cidade de São Paulo, com uma população de aproximadamente 500.000 habitantes, é a quarta maior cidade do interior paulista, possui aproximadamente 1.400 indústrias, um forte centro comercial atraindo milhares de pessoas de todo o estado, porém ainda falta muita coisa no campo social, principalmente uma Universidade Pública. Sorocaba possui demanda suficiente para a instalação de uma Universidade Pública, haja visto o crescente número de faculdades particulares que iniciam suas atividades em nossa cidade.

SITUAÇÃO DAS MULHERES

Na primeira greve digna exclusivamente por mulheres, na luta pela redução da jornada de trabalho e fim das péssimas e desumanas condições de trabalho, 129 tecelãs da fábrica Comas cristeram as hegemonias. Foi no dia 8 de março de 1917 que aconteceram um dos maiores crimes em toda a história do movimento operário: a polícia, a mando dos patrões, fechou todas as saídas da fábrica e incineraram-na. As mulheres encarceradas e indifensas, sem forças para onde ir e asfritadas pela fumaça, morreram carbonizadas entre as cinzas.

Com entusiasmo heróico das mulheres que deram seu sangue para a causa dos trabalhadores, foi homenageado em 1980 no II Conferência Internacional das Mu-

lheres, que propôs o dia 08/03 para ser o Dia Internacional da Mulher. Até hoje esse dia é comemorado pelas lutadoras de todo o planeta, como um símbolo de resistência operária para mobilizar as amplas massas feministas contra a opressão capitalista.

Através de muitas lutas, hoje temos vários direitos garantidos: direitos ao tra-



balha e com isso acumulamos a dupla jornada de trabalho. Sofremos com a inexistência de Creches para nossos filhos e ainda com a discriminação salarial - exercemos a mesma profissão e ganhamos menos.

Não, mulheres do Olho Vivo, entendemos que disto não basta se existir de fato com o fim das inúmeras desigualdades sociais, causadas pelo capitalismo que transforma homens e mulheres em seres incapazes de tudo para acumular riquezas e conseguir aumento social. Por isso, somos solidárias com a luta das mulheres e de outros setores excluídos do Brasil, da América Latina e do Mundo.

VOCÊ SABIA?

- 1901 *o Rio de Janeiro inventado*
- Em 1907 *for descobertas a cidade de pólvora Texas (12 bilhões de anos)*
- Em 1908 *for descoberto o planeta Júpiter (12 bilhões de anos)*
- Em 1909 *for descoberto o planeta Saturno (12 bilhões de anos)*
- Em 1910 *for descoberto o planeta Urano (12 bilhões de anos)*
- Em 1911 *for descoberto o planeta Netuno (12 bilhões de anos)*
- Em 1912 *for descoberto o planeta Plutão (12 bilhões de anos)*
- Em 1913 *for descoberto o planeta Eris (12 bilhões de anos)*
- Em 1914 *for descoberto o planeta Haumea (12 bilhões de anos)*
- Em 1915 *for descoberto o planeta Makemake (12 bilhões de anos)*
- Em 1916 *for descoberto o planeta Orcus (12 bilhões de anos)*
- Em 1917 *for descoberto o planeta Sedna (12 bilhões de anos)*
- Em 1918 *for descoberto o planeta 2003 UB313 (12 bilhões de anos)*
- Em 1919 *for descoberto o planeta 2003 UB54 (12 bilhões de anos)*
- Em 1920 *for descoberto o planeta 2003 UB74 (12 bilhões de anos)*
- Em 1921 *for descoberto o planeta 2003 UB107 (12 bilhões de anos)*
- Em 1922 *for descoberto o planeta 2003 UB122 (12 bilhões de anos)*
- Em 1923 *for descoberto o planeta 2003 UB137 (12 bilhões de anos)*
- Em 1924 *for descoberto o planeta 2003 UB149 (12 bilhões de anos)*
- Em 1925 *for descoberto o planeta 2003 UB161 (12 bilhões de anos)*
- Em 1926 *for descoberto o planeta 2003 UB181 (12 bilhões de anos)*
- Em 1927 *for descoberto o planeta 2003 UB193 (12 bilhões de anos)*
- Em 1928 *for descoberto o planeta 2003 UB200 (12 bilhões de anos)*
- Em 1929 *for descoberto o planeta 2003 UB213 (12 bilhões de anos)*
- Em 1930 *for descoberto o planeta 2003 UB237 (12 bilhões de anos)*
- Em 1931 *for descoberto o planeta 2003 UB251 (12 bilhões de anos)*
- Em 1932 *for descoberto o planeta 2003 UB261 (12 bilhões de anos)*
- Em 1933 *for descoberto o planeta 2003 UB273 (12 bilhões de anos)*
- Em 1934 *for descoberto o planeta 2003 UB283 (12 bilhões de anos)*
- Em 1935 *for descoberto o planeta 2003 UB293 (12 bilhões de anos)*
- Em 1936 *for descoberto o planeta 2003 UB303 (12 bilhões de anos)*
- Em 1937 *for descoberto o planeta 2003 UB313 (12 bilhões de anos)*
- Em 1938 *for descoberto o planeta 2003 UB323 (12 bilhões de anos)*
- Em 1939 *for descoberto o planeta 2003 UB333 (12 bilhões de anos)*
- Em 1940 *for descoberto o planeta 2003 UB343 (12 bilhões de anos)*
- Em 1941 *for descoberto o planeta 2003 UB353 (12 bilhões de anos)*
- Em 1942 *for descoberto o planeta 2003 UB363 (12 bilhões de anos)*
- Em 1943 *for descoberto o planeta 2003 UB373 (12 bilhões de anos)*
- Em 1944 *for descoberto o planeta 2003 UB383 (12 bilhões de anos)*
- Em 1945 *for descoberto o planeta 2003 UB393 (12 bilhões de anos)*
- Em 1946 *for descoberto o planeta 2003 UB403 (12 bilhões de anos)*
- Em 1947 *for descoberto o planeta 2003 UB413 (12 bilhões de anos)*
- Em 1948 *for descoberto o planeta 2003 UB423 (12 bilhões de anos)*
- Em 1949 *for descoberto o planeta 2003 UB433 (12 bilhões de anos)*
- Em 1950 *for descoberto o planeta 2003 UB443 (12 bilhões de anos)*



Trava língua

Uma cidade, um troco na lista sem, cria a palavra

Se você quiser ser feliz,
não se preocupe com o futuro,
o futuro já está aqui.
Se você quiser ser feliz,
não se preocupe com o futuro,
o futuro já está aqui.

FRASES PARA FILOSOFAR

"Se a gente não se apressa e transforma o mundo, hoje o mundo transforma a gente"

"A sociedade e seu conjunto devem se converter em uma gigantesca escola"

"Quê é mais simples fosse visto como o mais importante mas não devem expelir a coisa um mundo de fora."

"O universo é o idioma do amor universal, até as crianças entendem"

"O equilíbrio é a base de todos os atos humanos do mundo"

"Uma grama de ação vale mais do que uma tonelada de teoria"

"Solidão é não ter a si mesmo como amigo"

"Os primeiros passos são dados quando não se percebe o caminho até o fim"

"Têi de saber bem minha canção, antes de começar a cantar"

TROTE CONSCIENTE

Na semana de 12 à 16 de fevereiro, segunda semana de aula do primeiro período letivo de 2001, um grupo de estudantes da UNISO (Universidade de Sorocaba), de vários cursos distintos se reuniram e organizaram uma arrecadação de alimentos que foi destinada à Pastoral da Criança da Comunidade do Jardim Guadalupe.

Essa arrecadação recebeu o nome de Trote Consciente, em alusão aos trotes violentos que acontecem em muitas Universidades e Faculdades do país.



A Pastoral da Criança foi a entidade escolhida para receber o resultado desta arrecadação, devido ao seu grande e importante trabalho junto as crianças carentes, mais de 1 milhão e 500 mil crianças em todo o país, sendo inclusive indicada a receber o prêmio Nobel da Paz.

A POLÍTICA DE DOMINAÇÃO VIA DROGAS

Quando pensamos em questões de drogas sempre vem na cabeça o usuário que está no fundo do poço e precisa de um auxílio, de alguém que o ajude, que o ajude a trabalhar de desintoxicação e que as autoridades tomem providências e prendam os traficantes.

Não do Movimento estudantil, Odeio Hero, queremos mostrar o outro lado dessa questão que não é só pessoal, mas também política que envolve muito dinheiro e muitas intenciones. O narcotráfico movimenta por ano 500 bilhões de dólares, mas quem fica com todo esse lucro? Traficantes de rua? Claro que não. São os meganarcotraficantes de rua que movem um mundo.

Além disso, possuem centros importantes e seus filhos estudam em ótimas escolas e universidades.

As drogas influenciam o alienam os jovens, adultos e crianças, fazendo com que estes fiquem isolados da sociedade, evitando assim a sua "inserção" sem considerar os problemas sociais não criam a má qualidade da educação, a fome, o desemprego, falta de moradia, falta de emprego, falta de espaço cultural e de lazer para os jovens.

Tudo o problema da droga não é um problema moral é um problema político, e isso está envolvido com jogos burgueses.

PARA ONDE VAI O RIO SOROCABA

Rio Sorocaba é formado pelas águas do rio Paraíba do Sul, rio Tietê e rio Jaconi, e corre sob o nome de rio Sorocaba até o encontro com o município de Tietê. O rio Tietê nasce no município de Lins, SP, e corre para o sul até o encontro com o rio Sorocaba. O rio Jaconi nasce no município de Jaconi, SP, e corre para o sul até o encontro com o rio Sorocaba. O rio Sorocaba nasce no município de Sorocaba, SP, e corre para o sul até o encontro com o rio Paraíba do Sul.

Atualmente a bacia do Médio Tietê, a zona de cabeceira do rio Sorocaba, sofre com a poluição causada por resíduos sólidos, efluentes domésticos e industriais, e agrotóxicos. O rio Sorocaba também sofre com a poluição causada por resíduos sólidos, efluentes domésticos e industriais, e agrotóxicos. O rio Sorocaba também sofre com a poluição causada por resíduos sólidos, efluentes domésticos e industriais, e agrotóxicos.

O rio Sorocaba é um dos rios mais poluídos do Brasil. A poluição do rio Sorocaba é causada por resíduos sólidos, efluentes domésticos e industriais, e agrotóxicos. O rio Sorocaba também sofre com a poluição causada por resíduos sólidos, efluentes domésticos e industriais, e agrotóxicos.

Brejo da Cruz

Clara Buarque de Holanda

A novidade
Que tem no Brejo da Cruz
É a criançada
Se alisar de tão
Abocadado
Menino ficando assim
E desencarnado
Lá no Brejo da Cruz
Eletizado
Cruzeiro em caso do Brasil
Na rede elétrica
Assimem formar mal
Um vendado fuma
Tua um que -vira Jesus
Muito embalsamado
Cego tocando lã
Um filiz sacalado
E dançam maticados
Um atram peita
Outro puziam na

Mas há milhões de anos
Que se disputam do brejo
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem
São jardineiros,
Quarta notarem, casais
São pastageiros
Bandeiras e tubão
Já nem se lembram
Que existe um brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam lã
São festeiros
Balançam nas comemorações
São bilibereiros
Baleiros e paçotes
Já nem se lembram
Que existe um brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam lã



TEATRO NAS ESCOLAS

Oi, Galera! Nós do Olho Vivo, sempre fazemos peças sobre o teatro!

O teatro tem como objetivo incentivar o aluno a desenvolver um lado artístico para participar de "clubes"

Quem estiver interessado a participar do grupo de teatro (Olho Vivo) ou quiser mais informações, entre em contato pelo tel. 327-60-30 (falar com a Luana)

Poesias de Carlos Mariguela

Sorocaba

Mãe, quando eu não sou mais do que...

Eu, filho de um, indelicadamente a...

Fala que eu quero um dia trabalhar na...

Algo que eu gosto de fazer em toda...

Quero me ver feliz, e de vez em quando...

É que eu não sou, eu não sou...

Um pouco, Penicilina, Aspirina,...

É para de um jeito só...

Mãe, quando eu não sou mais do que...

Quanto ao problema, um brejo no meio...

Um dia eu vou, e um outro vai, e que eu...

Algo que eu gosto de fazer em toda...

Quero me ver feliz, e de vez em quando...

É que eu não sou, eu não sou...

Um pouco, Penicilina, Aspirina,...

É para de um jeito só...

Mãe, quando eu não sou mais do que...

É para de um jeito só...

ADEUS A CHÁCARA SÔNIA MARIA

Para melhorar a qualidade de vida dos sorocabenses é irrefutável a importância de um parque no meio da cidade, coisa que infelizmente ainda não temos. A chácara Sônia Maria está sendo destruída em nome da ganância daqueles que só se preocupam com o lucro.

Lá dá vir mais um possível espaço de lazer para a juventude.

ATIVIDADES:

TEATRO NA FAIXA

Encerra-se no próximo dia 14/04 a sexta mostra do Sesi de Artes Cênicas com duas apresentações às 17h00 e 20h00. Os ingressos devem ser retirados com o foco de atendimento no Sesi, que se encontra na rua Gustavo Teixeira, s/n Margal.

CONGRESSO DA UEE

Verão nos dias 27, 28, 29 e 30 de Abril, em São Paulo o V Congresso da União Estadual dos Estudantes (UEE), caso você queira participar entre em contato com o Olho Vivo.

Onde nos Encontrar:

Esta é a primeira edição do jornal do Olho Vivo, e o único meio de comunicação feito por estudantes e para estudantes, por isso é muito importante a sua contribuição, mande sugestões, críticas, textos, fotos, anúncios, informes da sua escola, lanches, etc.

Para entrar em contato com Olho Vivo, acesse o e-mail olhovivosorocaba@IG.com.br ou pelo telefone 9114-84-75.



Instituto de Teatros do Estado de São Paulo e Serviço de Teatros e Teatro de Rua

Argenteo Calçados TÊNIS - CALÇADOS FEMININO MARCULINO E INFANTIL de 14 a 45

ANEXO 06



SUMÁRIO	
A REALIDADE DO CAMPO BRASILEIRO.....	7
I - O desenvolvimento do capitalismo no campo.....	7
II - As classes sociais no campo.....	10
III - Os problemas agrário.....	14
A REFORMA AGRÁRIA NECESSÁRIA.....	20
I - Objetivos.....	20
II - Características da Reforma Agrária.....	21
III - Os beneficiários da Reforma Agrária.....	27
IV - Os mecanismos de implementação do programa.....	27
Resumo dos Objetivos do MST.....	29

Expediente:

Programa de Reforma Agrária, é uma publicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.
2ª Edição, Janeiro 1996

Editoração Eletrônica: Zenaide Busanello

Secretaria Nacional - MST
Rua Ministro Godoy, 1484
05015-900 - São Paulo - SP
Tel.: (011)864-8977
Fax: (011)871-4612
Correio Eletrônico: semterra@.ax.apc.org

Cartilha de Formação do MST

ANEXO 07

Normas da URBES para a concessão do passe estudante

Beneficiários

- São beneficiários do passe estudante os alunos a partir de 06 anos completos devidamente matriculados em cursos regulares de pré-escola, ensino fundamental, ensino médio ou equivalente, supletivos, pré-universitários e universitários, de escolas regulares localizadas no município de Sorocaba ou atendidas pelo Sistema de Transporte Coletivo do Município;
- A utilização do Passe Estudante é de exclusividade do beneficiário que esteja devidamente matriculado e comprovadamente freqüentando as aulas, para os seus deslocamentos entre a residência e a escola e/ou entre residência e a empresa concedente de estágio desde que se comprove uma distância entre esses locais, superior a 1 (um) Km;
- A solicitação de Passe Estudante deverá ser feita somente a alunos requisitantes da Autorização;
- Professores e outros funcionários da escola, não são beneficiários do passe Estudante;
- A solicitação em nome de pessoas não pertencentes ao quadro discente da escola constitui crime de falsidade ideológica, sujeitando o requerente responsável às penalidades previstas em Lei;

Conforme previsto em regulamento, que concede o benefício do passe estudante, a URBES reserva o direito, de quando necessário, promover auditoria nas escolas, com a finalidade de comprovar a veracidade das informações contidas nas “solicitações”, bem como, enviar periodicamente à escola rol de alunos beneficiários, para confirmação ou não da freqüência.

Cotas para Passe

Atenção: A Autorização para Compra de Passe Estudante e Freqüência Escolar deverá conter nos respectivos meses, o carimbo e assinatura autorizada da escola, atestando sua matrícula e freqüência.

- Alertamos que não poderão adquirir seus passes, os alunos que não tenham suas autorizações devidamente assinadas e carimbadas pela escola.
- As cotas de passe estudante serão únicas por aluno e na quantidade de até 50 (cinquenta) Créditos de viagem correspondente ao valor de 50 passes Estudante por mês. Os créditos mensais não adquiridos ou remanescentes de aquisições inferiores ao permitido não poderão ser adquiridos posteriormente;
- É vedada a concessão de mais de 01 (uma) autorização por aluno, exceto quando o mesmo realizar estágio profissional, o qual deverá ser comprovado através de declarações da instituição de ensino e da empresa concedente;
- As cotas terão validade somente para os meses de aulas regulares;

- Cota Extra Julho e Dezembro: Será vendido somente para os dias de aulas confirmados pela escola.
- O aluno que deixar de freqüentar as aulas, perderá o direito ao benefício;
- O aluno que foi transferido de escola, deverá se dirigir à URBES no setor de Comercialização e Credenciamentos, para alteração de seu cadastro, o não cumprimento desse procedimento acarretará no cancelamento da Autorização para Compra de Passe Estudante e Freqüência Escolar.

Fonte: www.urbes.com.br, acessado em: 18/ 11/08.

ANEXO 08

Projeto de Lei do Passe Livre do Vereador Raul Marcelo



Câmara Municipal de Sorocaba

Gabinete vereador Raul Marcelo

Projeto de Lei

“Institui o passe livre para estudantes nos transportes coletivos no município de Sorocaba e dá outras providências.”

A Câmara Municipal APROVA :

Art. 1º – Fica instituído o passe livre para os estudantes, nos serviços de transportes coletivos explorados, permitidos ou concedidos pelo município.

§ 2º - Serão considerados estudantes, para efeito da presente lei, aqueles regularmente matriculados no ensino fundamental, médio e superior, alunos dos cursos de educação de jovens e adultos presenciais, técnicos e profissionalizantes, legalmente reconhecidos pelo MEC.

Art. 2º Em nenhuma hipótese, poderá ser autorizado o aumento das tarifas de transporte urbano, devido aos custos que esse benefício possa originar.

Art. 3º A gratuidade no transporte coletivo será concedida, mediante apresentação de carteirinha escolar, expedida pela Prefeitura, ou pela apresentação do R.G. escolar.

§ 1º Não será cobrada qualquer tipo de taxa pela emissão da carteirinha escolar.

§ 2º - A gratuidade será concedida em todos os dias da semana, no período compreendido de 01 de fevereiro até 31 de janeiro do ano subsequente.



Câmara Municipal de Sorocaba

Art. 4^o As carteirinhas de que trata o artigo 3^o conterão:

I – Dados pessoais do estudante.

II – Espaço para declaração de que o estudante está regularmente matriculado no ano ou semestre letivo em que for expedida a mesma para a assinatura da autoridade competente.

III – Fotografia 3 X 4 do estudante.

Art. 6^o - Tal benefício terá validade em todos os transportes coletivos que circulem no âmbito do município.

Art. 7^o - Mediante convênio com outras prefeituras ou com os governos estadual e federal, tal benefício poderá ser estendido aos transportes intermunicipais.

Art. 8^o - As despesas com a execução desta lei ficarão por conta de dotações financeiras próprias, consignadas no orçamento vigente e suplementadas, se necessário, devendo as previsões futuras destinarem recursos específicos para seu fiel cumprimento.

Art. 9^o - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 21 de maio de 2001.

RAUL MARCELO
Vereador – PT/Sorocaba



Câmara Municipal de Sorocaba

JUSTIFICATIVA :

O presente projeto vem resgatar a luta dos estudantes e trabalhadores aos direitos conquistados na Constituição Federal de 1988 à educação, ao lazer, à cultura e ao transporte, de maneira irrestrita.

Além disso, vem ao encontro das reivindicações dos movimentos populares, através da organização dos estudantes desde a década de 1950.

No município do Rio de Janeiro, foi aprovado em 1989 tornando-se lei, em vigor hoje naquele município. A experiência do município do Rio de Janeiro repete-se em município do Estado de São Paulo, como Diadema e Osasco. Tais experiências ressaltam a importância de resgatar a luta dos estudantes, através do projeto que ele abrange.

O projeto em questão tem por objetivo possibilitar o acesso aos estudantes à educação, à cultura e ao lazer, já que a maior parte dos jovens residem nas regiões distantes do centro da cidade, local onde se concentram a maior parte das escolas, universidades, cinemas, bibliotecas, museus, ou seja, a maior parte de estabelecimentos de ensino, culturais e de entretenimento que são essenciais para formação sócio-educativa para juventude.

Ademais, a tarifa de transportes coletivos em nosso município é das mais caras do país, além do custo de vida não facilitar o deslocamento dos jovens para seus locais de trabalho, estudo e lazer.



Câmara Municipal de Sorocaba

É importante, ainda, ressaltar que a Constituição Federal em seu Capítulo III, seção I, art. 208, Inciso VII, estabelece que, dentre outras obrigações, “o dever do Estado com a educação será efetivada mediante a garantia de: atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, **transporte**, alimentação e assistência à saúde.

Apesar da lei maior, garantir esse direito a apenas uma parcela dos estudantes, aqueles do Ensino Fundamental, acreditamos que nosso município, a exemplo de outros, possa estender esse direito a todos os estudantes.

A sociedade tem o compromisso de facilitar o acesso à educação e aos centros de cultura e lazer, tendo a preocupação de valorizar a juventude e as lutas que vêm sendo travadas, para a efetivação de direitos adquiridos, não só aos estudantes, mas a todos os trabalhadores.

A luta dos estudantes não é somente pelo direito ao transporte gratuito e tudo que o abrange, mas também em defesa da escola e universidade pública, gratuita, estatal e de qualidade social e pela democratização ao acesso à educação básica e superior.

Apresentar esse projeto para a consideração dos Senhores Vereadores, é assumir toda a dimensão do papel do Legislativo, de representar os anseios da população e, em especial, reabrir os debates sobre o acesso pelos estudantes e trabalhadores em geral, sobre a efetivação de direitos fundamentais adquiridos, indo ao encontro das reivindicações dos estudantes organizados, que continuarão nessa luta, até a sua conquista definitiva.

ANEXO 09

ENTREVISTAS

Entrevista com o ex-militante do Olho Vivo – Rodrigo P. Chizolini

Data da entrevista: 03 de novembro de 2008.

Local: Sede do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) de Sorocaba – Rua Manoel José da Fonseca, 413 – Centro – Sorocaba – SP

Pergunta – Como foi sua chegada ao Olho Vivo?

Resposta – Antes de conhecer o Olho Vivo na cidade de Sorocaba, eu já acompanhava a política, muito por influência de meu pai Waldemir de Jesus Morais Chizolini que militou no PT. Na adolescência participei de algumas reuniões do PT na cidade de Votorantin, onde conheci o Miltinho (já falecido) uma pessoa íntegra, honesta e socialista, com quem militei por algum tempo. A chegada ao Olho Vivo ocorreu em 1998 quando no debate promovido pelo PT-Sorocaba, para escolher o candidato a governador do partido, fui apresentado ao Marcio e Marcelino lideranças do Olho Vivo. A partir dessa data me envolvi com o movimento estudantil.

Pergunta – Qual a contribuição do Olho Vivo para a sua formação política?

Resposta – "Com um grande sorriso" – O Olho Vivo foi uma grande escola para várias lideranças de esquerda que hoje continuam sua militância em sindicatos, movimentos sociais e partido de esquerda. Agora, só tivemos condições de entender a sociedade capitalista e suas contradições porque fizemos muita luta em defesa dos estudantes, o que contribui para formarmos nossa convicção ideológica e concluir que apenas a organização do povo pode transformar a realidade social e econômica.

Pergunta – Como foi o Congresso da UPES de 98?

Resposta – "Novamente sorrindo" – O Congresso da UPES revelou a dinâmica do movimento estudantil no Estado, pudemos ver a participação dos diversos partidos dentro do Movimento Estudantil. O congresso infelizmente foi muito despolitizado e as discussões ficavam restritas a poucos grupos. A expectativa de fazer um congresso para discutir a situação da educação e a organização dos estudantes frustrou. Foi um congresso difícil, prevaleceu a forma equivocada de fazer política, o "cupulismo", sem contar a preocupação excessiva da UJS em manter a carteirinha da meia entrada como principal política da entidade.

Pergunta – Por que o Olho Vivo elegeu um diretor?

Resposta – Porque já tínhamos um trabalho de organização de grêmios, defendíamos que o estudante deve começar a se organizar na escola. Levamos uma boa bancada para o congresso, compomos com a chapa de oposição. Perdemos, mas elegemos um diretor na proporcionalidade para Sorocaba.

Pergunta – Como era a rotina da UPES? Quais as lutas da UPES no período?

Resposta – O que acusamos no congresso de Indaiatuba continuava na direção da UPES, nós já fazíamos a crítica, principalmente na falta de trabalho de base, a oposição passou dois anos lutando para o retorno às origens (trabalho de base). Neste período não houve lutas, aquela gestão não fez lutas, a oposição se empenhou na organização de grêmios e lutas em seus municípios, caso de Sorocaba, Campinas, Guarulhos. A presença do Olho Vivo na direção da UPES facilitou a organização do Movimento em Sorocaba, pois facilitava a entrada em escolas, o diretor da escola não podia impedir nossa entrada.

Pergunta – Qual o trabalho que você desenvolveu na UPES?

Resposta – Eu era da diretoria de organização do movimento, organizava as lutas do Movimento Estudantil em Sorocaba e acompanhava as lutas gerais do Movimento.

Pergunta – Quais as críticas que você tem ao Movimento Estudantil Oficial?

Resposta – A principal é a falta de relação dos dirigentes com o Movimento Estudantil real, o distanciamento entre a direção e a base, quem dirigia a UPES era a UJS, eles tinham outro projeto, que não era organizar os estudantes para luta social.

Pergunta – Como e porque o Olho se aproximou do MST?

Resposta – O Movimento Olho Vivo tinha como espaço de atuação política as escolas e algumas faculdades de Sorocaba, apesar da luta em defesa dos interesses dos estudantes, sempre tivemos o entendimento que na sociedade existem classes sociais com interesses antagônicos, e, que a juventude também está inserida nesta estrutura de classes e no nosso caso estávamos do lado dos trabalhadores e (ainda estamos), ou seja, a mudança na educação passa necessariamente, pela luta por reforma agrária, reforma urbana e um outro projeto político de sociedade. Definitivamente nunca carregamos o corporativismo estudantil, a solidariedade e a idéia de conjunto sempre estiveram presentes.

Pergunta – "Mostrando um exemplar do cartaz" – Como foi o Olho Vivo no som? Qual a importância desse acontecimento para o Olho Vivo?

Resposta – No Olho Vivo, além de debater a educação fazíamos também o debate da cultura, e em Sorocaba sempre a política cultural sempre foi localizada no centro da cidade. A intenção era criar um espaço para os grupos se apresentarem, foi o dia todo de atividades. Foi uma maneira de divulgar o Olho Vivo e foi um dos marcos, pois o Olho Vivo fazia suas ações sem apoio de ninguém, tudo era feito com o esforço de seus militantes, o show divulgou o Olho Vivo.

Pergunta – "Mostrando uma reportagem da época com fotos dos militantes do Olho Vivo" – Como foi a greve geral de 99? Qual a importância desse acontecimento para o Olho Vivo?

Resposta – A greve geral convocada pelas centrais sindicais tinha como objetivo mobilizar o povo brasileiro contra a política de pilhagem e desmonte do Estado brasileiro pelo Governo FHC do PSDB. Os estudantes sorocabanos deram sua contribuição nessa luta, iniciamos o dia com uma manifestação em frente ao Banco HSBC no centro da cidade, contra a política de privatizações do PSDB e logo depois nos juntamos com outros manifestantes na boulevard Braguinha.

Pergunta – Quais as dificuldades da campanha de formação de grêmios?

Resposta – Infelizmente a postura de alguns diretores de escola dificultava a organização dos estudantes dentro da Escola, pois havia um pensamento entre os diretores que estudante organizado, poderia ser um problema, eles não entendiam que eles também são parte da comunidade escolar ou seja se a escola vai mal, diretor, professores, estudantes e funcionários sofrem a consequência.

Pergunta – O que foi o MSU?

Resposta – O MSU foi um movimento de jovens de escolas públicas que organizavam o debate da qualidade da escola pública e o acesso as Universidades Públicas. Fazíamos a crítica a forma de acesso dos estudantes à Universidade Pública, denunciávamos as dificuldade do estudante de escola pública entrar na Universidade, pois a escola pública não prepara o estudante para o vestibular, esse na verdade é um método excludente de acesso, fomos contra essa forma de seleção.

Pergunta – Como foi o cursinho popular?

Resposta – O cursinho se organizou por dois anos, teve uma procura muito grande de estudantes, funcionava com apostilas e aulas aos sábados e domingos com professores voluntários, que tinham concordância com a causa do movimento. Duas ações eram desenvolvidas pelo MSU: Organização de Cursos pré-vestibulares alternativos, gratuitos ou a baixo custo. Pressão política no governo através de ações contra o vestibular. O MSU combinava estudo com ação política. Em Sorocaba tivemos duas vitórias: Isenção da taxa de inscrição no vestibular da FATEC para os alunos do cursinho; e algumas aprovações no vestibular da FATEC.

Pergunta – Qual a importância dos dois e porque não deram certo?

Resposta – Os dois deram certo, não se trata de alcançar resultados imediatos, ambos são movimentos políticos, formaram lideranças e fizeram lutas, cumpriram sua função na sociedade.

Pergunta – Por que a luta pelo Passe Livre?

Resposta – É uma bandeira histórica da luta estudantil, que questiona o modelo atual de gestão do transporte coletivo.

Quando iniciamos essa luta provocamos o debate sobre qualidade desse serviço público em nossa cidade, o valor da passagem, a eficiência, e, não apenas o acesso gratuito aos jovens estudantes que não tinham como custear a passagem que na época tinham que fazer grandes deslocamentos de sua casa até a escola para estudar, portanto todo mês a família tinha que desembolsar uma quantia de recursos que na maioria das vezes não tinha, alertávamos que essa questão provocava a evasão escolar.

Nossa proposta não tinha apenas um alcance educacional, mas também cultural. Porque o passe livre também aos finais de semana possibilitava que os estudantes pudessem ter contato com as atividades culturais e lazer que são oferecidas no centro da cidade como cinema e teatros, exigindo deslocamentos de bairros mais distantes para o centro.

Pergunta- As manifestações dos estudantes foram bastante radicais e polêmicas como você explica?

Resposta – Nossa proposta era radical, propúnhamos a reestruturação do transporte público questionávamos grandes interesses econômicos arraigados na estrutura de poder na cidade. Portanto para os estudantes projetar o debate do passe livre na cidade e romper o silêncio da imprensa, eles tinham que realizar manifestações que sensibilizassem a sociedade e para isso era preciso que as lutas estudantis tivessem repercussões em toda a cidade e até fora dela. Portanto acredito que ser radical é ir às entranhas dos problemas e todo movimento que se propõe a colaborar com as mudanças em uma sociedade como a nossa, precisa combinar muita luta de massas, com criatividade e radicalidade.

É preciso lembrar aqui que o PSDB e os grupos contrários ao passe livre na cidade buscaram a todo tempo criminalizar o movimento, pois estávamos com a razão só restando a elite reprimir e criminalizar o que eu considero um dos movimentos mais autênticos dos estudantes que já ocorreu em nossa cidade

Pergunta – Como foi a votação?

Resposta – Nesta altura da campanha pelo passe livre ficou claro que era uma luta de classes, nossa reivindicação contrariava os interesses econômicos de empresas que há mais de uma década se beneficiavam com os altíssimos lucros oriundos do transporte públicos. A votação do Projeto confirmou a posição contrária da prefeitura. Foi uma sessão muito conturbada, pois a prefeitura colocou a Guarda Municipal para agredir os estudantes que acompanhava a votação, alguns saíram bastante machucados, ou seja, a votação provou o quanto o estado brasileiro é impermeável às reivindicações populares e a participação política dos estudantes. A maioria governista rejeitou o projeto de lei na ocasião proposto pelo então vereador Raul Marcelo.

Entrevista com a ex-militante do Olho Vivo – Amanda Lino

Data da entrevista: 21 de Outubro de 2008.

Local: Biblioteca da UNISO – Campus Seminário

Pergunta – Por que você foi estudar no cursinho popular?

Resposta – Fiquei sabendo pela divulgação na EE Senador Vergueiro (onde estudava) e estava interessada em passar no vestibular e estudar em uma universidade pública, mas não tinha dinheiro para pagar cursinho.

Pergunta – Como era o cursinho?

Resposta – O cursinho popular tinha um bom conteúdo no que se refere ao estudo, ao conhecimento propriamente dito e me fez acreditar se possível entrar em uma Universidade. Lá debatia-se a dificuldade do acesso à Universidade.

Pergunta – Como era o MSU?

Resposta – O MSU era muito frágil, mas de fato contribuiu para criar consciência do porque da dificuldade do acesso a Universidade. Faltou ao MSU estrutura financeira e orgânica para crescer.

Pergunta – Podemos dizer que você iniciou suas atividades políticas no cursinho/MSU?

Resposta – Sim, no cursinho e no MSU.

Pergunta – Como começou participar do Olho Vivo?

Resposta – Fui participar pelos convites que eram feitos de forma explícita no cursinho, o processo de entrada no cursinho, no MSU e no Olho Vivo foi dialético, foi ao mesmo tempo.

Pergunta – Como foi o movimento pelo passe livre?

Resposta – O movimento pelo passe livre foi mais assíduo, devido a luta de massa, de enfrentamento direto, o que marcou no Olho Vivo foram as mobilizações, diferente do MSU que não tinha mobilização era basicamente o cursinho. O mais marcou no Olho Vivo foram as barricadas e a operação cavalo de tróia. Uma vez tive que pular a janela do quarto e fugir do meu avô para ir em uma passeata, eu morava com ele e ele era contra as passeatas.

Pergunta – Após a luta pelo passe livre, o Olho Vivo continuou?

Resposta – Após a votação do projeto de lei aconteceram ainda algumas reuniões, mas logo todos nós nos envolvemos na campanha do Raul para deputado estadual e logo depois fui para o MST.

Pergunta – Por que o Olho Vivo acabou?

Resposta – Não fazia mais parte, como disse, fui para o MST. Mas o Olho Vivo era por excelência um espaço de formação de consciência crítica na juventude.

Entrevista com o ex-militante do Olho Vivo – Márcio da Silva Souza

Data da entrevista: 03 de fevereiro de 2009.

Local: Em sua residência: Rua Luiz Brença, 79 – Jardim São Matheus – Sorocaba – SP.

Pergunta – Qual a avaliação que o Olho Vivo fazia do Movimento Estudantil em Sorocaba?

Resposta – De acordo com a avaliação do coletivo o Movimento Estudantil se encontrava nas mãos do PC do B e da UJS provocando um sectarismo, uma vez que só tinha espaço para atuação na entidade municipal (USE) aquele que compartilhasse das idéias da direção, em outras palavras, pertencesse ao PC do B/UJS.

Pergunta – Qual era a atuação da USE?

Resposta – A USE tinha uma atuação política de manutenção do *status quo*, não se manifestava diante dos acontecimentos ocorridos na sociedade à altura da história do Movimento Estudantil, não se opunha aos desmandos da administração municipal, não protestava contra as péssimas condições das escolas e nem contra o autoritarismo presente em muitas escolas, cujos diretores insistiam em desrespeitar a lei, que garantia aos estudantes o direito de se organizarem, e proibiam e/ou dificultavam a organização dos Grêmios estudantis.

A principal política da USE era a venda das carteirinhas, para sustentá-la e sustentar os grêmios, no entanto em Sorocaba as entidades de base nunca recebiam a sua parte, ficando a USE com 50% do valor da carteirinha e devido à desorganização da entidade, muitos estudantes nem sequer a recebiam, mesmo já tendo pago.

Pergunta – Por que o nome Olho Vivo?

Resposta – Toda vez, que nós íamos para alguma escola, éramos recebidos como “o pessoal do *Olho Vivo*”, daí em diante o nome pegou e Olho Vivo passou a ser o nome do conjunto de grêmios livres e estudantes de Sorocaba que faziam oposição a direção da USE.

Pergunta – A realidade da USE refletia a realidade das entidades gerais (UNE / UBES), ou era um caso isolado?

Resposta – Era uma realidade de todo o M.E., desde a reconstrução, a UNE e todas as demais entidades gerais: UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas), UEEs (União estadual dos Estudantes) passam a ser controladas pelo PC do B, deixam de serem entidades democráticas, passam a serem sectárias, substituem a luta contra o governo e pela construção de uma nova sociedade pela luta interna contra as forças de oposição, as ações do movimento passam a ser discutidas primeiro no Partido e depois com os estudantes, etc.

Entrevista com o ex-militante Julio César Barbagallo
Questionário respondido por e-mail em 10/12/08

Pergunta – Quando você participou do Olho Vivo?

Resposta - Não me recordo precisamente mais foi aproximadamente entre 99 a 2002. Desde a montagem de grêmios até as passeatas pelo passe livre e as ocupações da urbes e do terminal Santo Antonio.

Pergunta – Qual a importância do Olho Vivo para você?

Resposta - Na minha visão acho que o movimento Olho vivo teve e tem a sua importância, pois foi ali no dia-a-dia da organização do movimento, que eu como militante da área urbana comecei a entender as relações sociais e suas estruturas de poder, e começando a articular para romper com estas estruturas capitalistas.

O movimento estudantil na minha visão serve não só para acelerar o processo revolucionário mas também como um aprendizado para o militante social.

Pergunta – Como foi sua atuação no grêmio estudantil?

Resposta - As direções das escolas a princípio sempre foram contra qualquer meio de organização dos estudantes, mesmo sendo o grêmio estudantil garantido em lei; e quando havia pessoas interessadas, logo a direção tratava de articular sua própria chapa escolhendo alunos que facilmente ela poderia controlar e manipular.

Nos anos de 1999 a 2000 fui presidente do grêmio da escola João Clímaco e em 2002 tentei organizar o grêmio na escola Lauro Sanches, mas o grêmio não se concretizou, pois depois a ocupação do prédio da URBES e das demais manifestações pelo passe livre, a diretora proibiu nossa organização.

Pergunta – O Olho Vivo contribuiu para sua formação política?

Resposta - O processo de formação de grêmios estudantis era complexo, se baseava na análise do estatuto pertencente a outras gestões (quando tinham), reuniões e assembléias na qual o novo estatuto era aprovado, depois vinha todo o processo eleitoral, que se traduzia em montagem de chapas e de eleição. Sempre dando no processo um aspecto de formação política para os demais participantes e sempre que possível desenvolvendo nos alunos as relações entre as forças políticas do Estado opressor e os excluídos, propiciando assim uma organização social ideológica e sólida.

Pergunta – Quando foi sua saída do Olho Vivo?

Resposta - Me desliguei do movimento Olho Vivo em 2003 e comecei a atuar em outras frentes, como movimentos de bairro, e o Núcleo de Educação Popular (NEP), onde organizamos dois festivais de música, trabalhando não só apenas o festival em si, mas a conscientização política dos participantes e a organização social.

ANEXO 10

PUBLICAÇÕES DO OLHO VIVO

BRASIL : 500 anos de resistência indígena, negra e popular!

No próximo dia 22 de abril completam-se 500 anos que uma esquadra portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral desembarcou nas terras do nosso Brasil. A rede Globo, juntamente com outros grupos e setores da sociedade brasileira, estarão comemorando essa data, com uma grande festa. No entanto, será que temos o que comemorar? Ou estaremos celebrando a estupidez? Esses 500 anos são de luta contra a exploração, luta do povo indígena que teve a sua terra roubada, seus valores destruídos e a grande maioria da sua população dizimada. Depois vieram os negros arrancados de sua terra natal e trazidos para cá como animais, para serem escravos. No entanto, esse povo também fez luta e resistiu à escravidão organizando quilombos como o de Palmares e criando mártires e heróis como Zumbi. A luta por liberdade, justiça e igualdade também foi feita pelos camponeses e operários, que só vitimas até hoje da desigualdade social, consequência da enorme concentração de riqueza. Para o isso é estúpido tornar os 500 anos do Brasil uma grande festa.

PERFEIÇÃO

LEGIÃO URBANA
de: Renato Russo/ Bonfá Dado

Vamos celebrar a estupidez humana
A Estupidez de todas as espécies
O meu país e sua corja de assassinos
Governantes, empresários e ladres
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso Estado, que não é nação
Celebrar a juventude sem escola
As crianças mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade
Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta de hospitais
Vamos celebrar nossa "justiça"
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água padre
E todos os impostos
Queimadas, incêndios e seqüestro
Nosso castelo de cartas marcadas
O trabalho escravo
Nosso pequeno universo
Toda hipocrisia e toda aflição
Todo racismo e toda indiferença
Vamos celebrar epidemias
E a febre da corcova campê
Vamos celebrar a fome
Não ser a quem ouvir
Não se ser a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade
Vamos machucar um coração
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos
Tudo que é gratuito e feito
tudo que é normal
Vamos cantar juntos o hino nacional
(A figura é verdadeira)
Vamos celebrar nossa saúde
E comemorar a nossa solidão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalham honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada
Vamos celebrar a abstração
De toda nossa falta de bom senso
Nosso descaço por educação
Vamos celebrar o horror
De tudo isto
Com leite velho e coelho
Está tudo morto e enterrado agora
já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou esta canção
Venha, meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me libera
Chega de maldade e ilusão
Venha, o amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro reconceia
Venha, que o que vem é Perfeição

Olho Vivo

Grupo de estudantes secundaristas e universitários de Sorocaba

Iniciam-se as aulas do ano 2000, no entanto o que infelizmente constatamos é que, nas vésperas do século XXI, a educação continua a ser deixada de lado pelos nossos governantes.

O *Olho Vivo* entende que a educação é a base de uma sociedade

que pretende se desenvolver, conquistar sua liberdade e garantir sua independência. É do Estado (governo) o dever de garantir escola gratuita e de qualidade para todos, desde o ensino fundamental (ciclo básico) até a Universidade.

charge



VOCÊ SABIA ?
O governo
gastou 74 bilhões de
reais com os
juros da dívida
e apenas 19 bilhões
com a educação

Data Histórica: 8 de março, dia internacional da MULHER

EDITORIAL

Olá, tudo bem? Mais um ano letivo se inicia e gostaríamos de dizer que tudo vai bem. No entanto, a verdade infelizmente não é assim. Além do conhecido desemprego que afeta principalmente a juventude na busca do difícil primeiro emprego, temos que enfrentar a péssima realidade de ensino no Brasil. As reformas de FHC e Covas e os cortes de verbas do ensino vêm provocando o caos na Educação: péssimas condições de higiene, professores mal pagos, falta de material didático e muito mais que você mesmo pode perceber em sua escola. Em contrapartida, as escolas e faculdades particulares se multiplicam e ganham rios de dinheiro. Até quando continuará assim? Até a completa destruição do Ensino Público? O *Olho Vivo* entende que não e convoca todos os estudantes conscientes da atual realidade a reagirem diante disso. Mas como isto é possível? A principal arma do estudante é a organização. Fique esperto pois o *Olho Vivo* estará indo em sua escola para orientá-lo na organização de Grêmios Livres.

URGENTE!!!!

UNISO

Este ano começou difícil para os estudantes da UNISO. Além dos aumentos das mensalidades e da intransigência por parte da universidade para com os inadimplentes, foram extintos cursos tradicionais como o de História, e Geografia. Aí se pergunta por que? E a resposta da UNISO: "é que esses cursos são inviáveis financeiramente", em outras palavras, esses cursos não dão lucro. Assim a UNISO deixa claro que de filantrópica não tem nada, muito pelo contrário é uma empresa que só visa o lucro sem se importar com os estudantes ou com a comunidade.

Olho Vivo - Grupo de Estudantes Universitários e Secundaristas

PADILHA O PRÉDIO É NOSSO!!!

Em primeiro lugar, gostaríamos de parabenizar o *Olho Vivo*, pelo importante papel que vem desempenhando na organização do movimento estudantil na região de Sorocaba. No ano passado, nosso Grêmio exigiu da Secretaria Estadual de Educação a retomada das reformas do prédio histórico do Padilha; fizemos um abaixo-assinado, ocupamos o prédio e conseguimos fazer com que as reformas fossem reiniciadas, agora vamos continuar nossa luta pela conquista definitiva do que é nosso.

Carta aos Estudantes

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vem através desta agradecer ao grupo *Olho Vivo* o apoio e a contribuição dada à luta pela Reforma Agrária. Vem também agradecer ao apoio dado pela maioria dos estudantes ao MST, e afirmar que o apoio da juventude continuará sendo a grande arma e um dos principais itens de motivação na luta por uma sociedade justa e igualitária.

Sebastião Albuquerque
Diretor Estadual do MST

**CAMPANHA PELO
AOS ESTUDANTES**

PASSE LIVRE



LDB

Do Direito à Educação e do Dever de Educar
Art. 4º, VIII - atendimento ao educando por meio de programas suplementares de material didático-escola: TRANSPORTE, alimentação e assistência à saúde;

**NÃO DEIXE QUE ISSO
CONTINUE!**



Vereador RAUL MARCELO

Contato pelos telefones: 228-4491 / 228-4444 Ramal 300

e-mail: RaulmarceloPT@ig.com.br

"Entre nesta luta, pela aprovação do projeto de LEI que institui o PASSE LIVRE, através do ABAIXO-ASSINADO ou nas MOVIMENTAÇÕES que já estão acontecendo, que com certeza vamos conquistar este DIREITO"

Jornal Do OLHO VIVO

Maio/Junho de 2003

I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL



O Movimento Estudantil convida todos os estudantes de Sorocaba e Região para participar do I Encontro Regional de Educação, organizado pelo Olho Vivo em conjunto com o DCE da Uniso, MSU e o Movimento Hip Hop (Rima e Revolução). Acontecerá no dia 07/06/03 na Avenida Eugênio Salerno, campus seminário da Uniso, das 9hs. às 17hs. O Encontro será um momento fundamental para os estudantes discutirem a realidade educacional brasileira e novas propostas para a mudança da escola pública sucateada pelo governo FHC.

Contaremos com a participação do educador e deputado federal do PT, Ivan Valente, colaborador na discussão do PNE (Plano Nacional de Educação) elaborado pela sociedade civil e apresentado na Câmara dos deputados em 2001.

Participe deste debate conosco! Sua presença é indispensável. É preciso discutir a situação da Escola Pública de forma organizada para ajudar o Presidente Lula a realizar as mudanças necessárias na educação brasileira. Incrições tel. 97053576

A LUTA DO PASSE LIVRE

O ano de 2002 foi marcado por grandes mobilizações estudantis organizadas pelo Olho Vivo, reivindicando a aprovação do projeto de Lei do passe gratuito aos estudantes. Nossas lutas colocaram o problema do transporte escolar na agenda de discussão da cidade, causando medo nos grandes empresários de transportes que não gostaram nem um pouco da idéia. A proposta do Passe Livre aos estudantes é uma forma de garantir o acesso de todos à Escola Pública. Infe-

lizmente o nosso projeto de Lei que institui o Passe Livre, de autoria do Vereador do PT Raul Marcelo, foi rejeitado pela maioria dos vereadores da Câmara Municipal de Sorocaba (na época, cinco vereadores votaram a favor do Passe Livre e nove votaram contra os estudantes). É por isso que precisamos continuar organizando, lutando e pressionando a Câmara Municipal a aprovar o Passe Livre no transporte coletivo.



Cartuchos para impressoras

Av. Gal. Osório nº 82 - Fone (15) 224-1045

CIA DA MÚSICA

Instrumentos musicais e áudio

COMPRA - VENDE - TROCA

FINANCIA EM 7X SEM JUROS

Rua Professor Toledo nº 207 Fone (15) 234-1165

GÁS NATURAL VEICULAR

É COM A
SILGÁS

Aqui você começa economizando na instalação

Fone **234-5033**

Cel. **9789-5231**

Até 24 vezes
SEM ENTRADA

Pça. Edmundo Vale, 57 (próximo Colégio Dom Aguirre)



• Livraria • Papelaria
• Embalagens para presentes
omegaintegrada@uoi.com.br

Rua da Penha, 890 - Sorocaba - 18010-003

Tel: (15) 231-2569 - Fax: (15) 232-3030

Olho Vivo

Dia 24 de Abril
Participe da passeata pelo
Passe livre

Concentração: Praça da Bandeira
às 19h30

No **dia 24 de abril** (Quarta-feira) estaremos organizando uma grande manifestação na cidade, pela aprovação do projeto de Lei do **passe livre**, que será votado na Câmara Municipal de Sorocaba no mês de maio. Sua Participação é fundamental. A única forma de conseguirmos o **passe livre** é estarmos organizados e lutando.

passe Livre
Já

Olho Vivo

PASSE LIVRE JÁ

“enquanto os homens exercem seus podres poderes”

Nestes últimos meses o movimento Olho Vivo avançou no debate e na luta pela aprovação do projeto de lei do passe livre. Nossa organização nas escolas possibilitou com que milhares de estudantes secundaristas e universitários, tomassem as ruas de Sorocaba, fazendo um verdadeiro levante estudantil pelo passe livre, deixando a burguesia local babando de raiva a ponto de montarem uma grande campanha na imprensa e nas escolas para tentar desqualificar e desarticular o movimento, usando do poder dos meios de comunicação, para criminalizar as ações do movimento estudantil.

Panfleto do Olho Vivo – divulgando a campanha do passe livre – 2002. (frente)

Essa reação desesperada da Prefeitura , é um sinal de que estamos no caminho certo , que a única forma de tornarmos realidade o passe livre é estarmos organizados nas escolas e faculdades, debatendo e fazendo o plebiscito do passe livre aonde for possível , acompanhando o plebiscito estaremos fazendo novas mobilizações de rua para mostrarmos aos poderosos de plantão que a juventude de um modo geral quer o passe livre . Entendemos que as catracas dos terminais de ônibus afronta nosso direito de ir e vir , queremos ver a educação acontecer de fato no Brasil é por isso que nossa luta a cada dia que passa ganha mais força e criatividade.



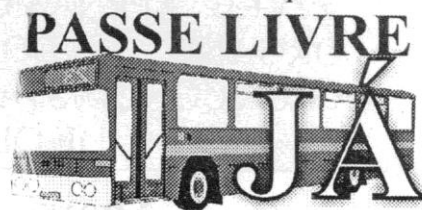
Panfleteo do Olho Vivo – divulgando a campanha do passe livre – 2002. (verso)

OLHO VIVO

MOVIMENTO ESTUDANTIL SOROCABA

PASSE LIVRE JÁ

O ano de 2002 com certeza marcou profundamente a trajetória de luta dos estudantes sorocabanos. Protagonizamos um momento importante da luta pelo passe livre aos estudantes, rompemos o silêncio das carteiras e nos pusemos em movimento pelas ruas de nossa cidade, ocupando espaços e modificando o cotidiano das pessoas, num ato pedagógico de mobilização e conscientização. Esse movimento despertou o ódio das elites sorocabanas, pois nossa luta ganhou visibilidade e incomodou quem ganha dinheiro a custa dos trabalhadores. Pudemos perceber o quanto é conservador e truculento o núcleo do poder local, que ao invés de dialogar com o movimento, tentou a todo custo marginalizar a luta estudantil, querendo impedir os estudantes do exercício pleno da cidadania. Mesmo com todas as dificuldades o Olho Vivo questionou os rumos do transporte coletivo na cidade e apresentou alternativas. Estamos convencidos da necessidade do passe livre em Sorocaba, não arredaremos o pé dessa reivindicação e vamos continuar ocupando as avenidas e debatendo um outro sistema de transporte até conquistarmos a tarifa zero para todos!



Olho Vivo

PASSE LIVRE JÁ !!!

O movimento estudantil desde o ano passado vem debatendo nas escolas , a importância do projeto de lei do passe livre . Em Sorocaba , existem 120 mil estudantes , que estão se organizando para que possamos pressionar os vereadores a votarem a favor do projeto .

De modo que temos organizado várias mobilizações , desde ocupação da URBES passando pelas passeatas e atos , pois somente desta forma será possível fazer com que a Prefeitura e os vereadores compreendam a importância deste projeto para os estudantes e a comunidade . Infelizmente a Prefeitura e a URBES tem se posicionado contra o passe livre, para defender os interesses dos grandes empresários da cidade . O movimento estudantil defende que o passe livre seja subsidiado pela Prefeitura Municipal . Por isso se informe , participe das passeatas e ocupações de prédios públicos exigindo PASSE LIVRE JÁ .

Panfleto do Olho Vivo divulgando a campanha do passe livre

SEM-UNIVERSIDADE

NÃO é exatamente uma novidade o fato de que a educação brasileira apresenta graves distorções. O sistema público atende a quase todos no ensino fundamental e é razoavelmente amplo no médio. Mas, em ambos, sua qualidade é sofrível. Assim, são os alunos das escolas particulares —pagas— os que normalmente conquistam as vagas —gratuitas— da universidade pública, que constitui a elite do ensino superior brasileiro.

É contra essa situação de iniquidade que se insurge o recém-criado MSU (Movimento dos Sem-Universidade). Não é fácil desarmar essa trama. A meta de universalização da educação básica não pode ser negociada. O Brasil não tem como renunciar à tese de que é preciso colocar, o quanto antes, todos os jovens do país para cursar pelo menos o segundo grau. Infelizmente, a ampliação da oferta de vagas tem impacto negativo sobre a qualidade do ensino.

Na outra ponta, a universidade pública oferece poucas vagas. Amplia-

las é difícil por diversas razões. A primeira e mais óbvia é a falta de recursos. De resto, não existem sociedades formadas apenas por bacharéis.

A “solução” encontrada foi o crescimento da rede de faculdades privadas. É uma solução precária, que não resolve as dificuldades econômicas enfrentadas pelos alunos que vieram da escola pública.


Para agravar ainda mais a situação, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação, que deveriam agir como fiscais da qualidade do ensino, vêm falhando em sua missão. O aluno mais pobre acaba só tendo acesso à rede particular, cuja qualidade deixa muito a desejar. É provável que, com formação deficiente, venha a ser preterido no mercado de trabalho.

O surgimento do MSU certamente não vai alterar o “statu quo”, mas pode ter o mérito de pressionar governos não só a democratizar a universidade pública como também a garantir que todas as faculdades autorizadas a funcionar ensinem de verdade.

ANEXO 11

JORNAIS

INFORME PUBLICITÁRIO



Universidade
de Sorocaba

Aos Alunos da Uniso

A Universidade de Sorocaba - UNISO, entidade de direito privado, vem a público esclarecer que:

1º- Recentemente, a Instituição foi procurada pela advogada dos alunos que vinham pagando suas mensalidades em juízo, para propor e firmar um acordo, com a extinção dos processos e a garantia da continuidade de estudos dos alunos consignantes.

2º- Nesse sentido, a UNISO está aberta, como sempre esteve, à negociação pessoal com esses alunos, oferecendo-lhes a possibilidade do Crédito Educativo Institucional e/ou do parcelamento dos débitos anteriores.

3º- Os alunos consignantes que ainda não fizeram sua matrícula ou que já a fizeram, devem regularizar sua situação na UNISO, telefonando para 0800-16 1636, para marcar o atendimento individual ou dirigir-se ao Serviço de Atendimento ao Aluno - SAA, na Avenida Gonçalves Magalhães, 170, das 09h às 13h e das 18h às 21h.

Sorocaba, 03 de agosto de 1999

A Reitoria

Nota da UNISO – Publicado em Jornal da Cidade – 1999.

Alunos protestam em razão de mensalidade em juízo

Alunos da Universidade de Sorocaba (Uniso), que depositam o valor das mensalidades em juízo, protestaram ontem à noite contra o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e a advogada Darlise Elmi Buglia por se considerarem prejudicados num acordo com a universidade. Disseram que não

foram consultados. Eles querem também esclarecimentos sobre os valores depositados na Justiça. O protesto marcou ontem a volta às aulas porque o acordo com a Uniso foi firmado pela antiga diretoria do DCE e a atual afirma não ter condições de dar esclarecimentos. Pág. A-4

Uniso está negociando com os alunos que pagam em juízo

Os alunos que pagam faculdade mediante juízo, estão entrando em negociações com a Uniso (Universidade de Sorocaba), para poderem continuar a pagar uma taxa por mês e o restante no final do curso. Isso está acontecendo por que o atual presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Uniso, Edson Solano, emitiu um documento à Universidade dizendo que não mais ajuizará o depósito das mensalidades dos "novos integrantes da classe estudantil nem os que nela já se encontram", diz um trecho do documento.

Acusado de não repassar as guias dos alunos, o ex-presidente do DCE, Luiz Vanderlei de Sales, se diz revoltado com as acusações e ameaças que está recebendo. "Venho recebendo ameaça de morte pessoalmente e por telefone, de alunos revoltados com a decisão do

DCE", diz.

Com o DCE desistindo de ajuizar as mensalidades, os alunos passarão, a partir de setembro, a ter que pagar a mensalidade completa do curso. Como muitos não têm condições de efetuar o pagamento, já estão preocupados com a situação.

Sales prometeu processar a nova diretoria do DCE pelo o que ele considera "acusações absurdas" que agridem sua integridade. Ele também abrirá processo contra as duas pessoas que o ameaçaram de morte. Uma dessas pessoas seria um aluno do curso de Direito da Uniso.

Para tentar amenizar o problema, a Uniso já está providenciando acordos com os alunos que pagam em juízo, onde a própria Universidade se compromete diretamente com o estudante para que ele pague as mensalidades somente no final do curso.



ENCERRE DEBATEDO E ABRE

FHC passa por Sorocaba e...

... conhece a tecnologia que permite o crescimento da Bardella.
... recebe pedido de apoio à implantação de universidade pública.
... conhece o projeto "Luz Própria" idealizado por este jornal.
... vê, de longe, o protesto de um grupo de sindicalistas locais.



Fernando Henrique Cardoso visita entre os estudantes sorocabenses e o governador do Estado, Orestes Quércia, quando chega a Sorocaba, sexta-feira.

Comissão de Política Militar de Sorocaba denuncia o grupo de sindicalistas que impedia a entrega de estímulos pela indústria. José Roberto do Moraes pede providências contra a política...



A viagem planejada do presidente Fernando Henrique Cardoso, por Sorocaba, acabou. Foi a solicitação para que as informações sobre o projeto de implantação de uma universidade pública em Sorocaba fossem encaminhadas ao governador Orestes Quércia, em Sorocaba, sexta-feira (13).

Segundo o governador, a visita de FHC a Sorocaba foi realizada em um momento de grande importância para o Estado de São Paulo, pois o presidente chegou a Sorocaba para conhecer o projeto de implantação de uma universidade pública em Sorocaba, idealizado por este jornal em conjunto com a Fundação Ubaldino de Amaral. José Roberto do Moraes, presidente do grupo de sindicalistas que impedia a entrega de estímulos pela indústria, pediu providências contra a política...

Cardoso chegou a Sorocaba no sábado (14) e foi recebido pelo governador Orestes Quércia e pelo prefeito Ubaldino de Amaral. O presidente também conheceu o projeto de implantação de uma universidade pública em Sorocaba, idealizado por este jornal em conjunto com a Fundação Ubaldino de Amaral.

Um dia de protesto e violência

Sem terra destruíram pedágio em Boituva. Em Sorocaba, manifestantes fecharam lojas e bloquearam trevo



Membras do MST saquearam e depredaram cabines do pedágio em Boituva



Lojas do centro foram "obrigadas" a fechar as portas por duas horas



Protesto fechou a rua da Pechá tumultuando o trânsito e o comércio

Depois de participarem de manifestação em Sorocaba pela Dia Nacional de Paralisação em Defesa do Emprego e do Brasil, os 10 membros do MST saquearam e depredaram onze cabines do pedágio do km 111 da Castelo Branco, em Boituva. Com coquetéis molotovs e explosivos, eles causaram um prejuízo "estimado" em R\$ 14 mil. A Polícia prendeu três dos quatro ônibus com os manifestantes, mas até o final da noite não sabia o que fazer com eles.

Em Sorocaba, o protesto do CUT conseguiu bloquear por uma hora o trevo da avenida Carlos Rinaldo Mendes com rodovia Senador José Ermirio de Moraes (Castelinho) - reunindo um alto que reuniu cerca de 2 mil trabalhadores - fechar as lojas do centro por duas horas. **Pág. A-1**

CUT e oposição não conseguiram parar o País

Os protestos do CUT e da oposição contra o governo, em todo o País, quase não afetaram a atividade econômica nas cidades. Indústrias continuaram funcionando normalmente no chamado Dia Nacional de Paralisação e Protesto em Defesa do Emprego e do Brasil. **Pág. C**

LEITOR REPÓRTER

Esta coluna recebe sugestões e informações para publicação através do telefone 234-6666

Passé livre já!!!

DIÁRIO 19/08/2001

Com o retorno das aulas após as férias do meio do ano, uma cena voltou a se repetir em Sorocaba: a peregrinação de milhares de estudantes na rota casa-escola, escola-casa. Seria irônico se não fosse trágico o fato de muitos estudantes da rede pública estadual e ou municipal se deslocarem a pé com destino à escola, transformando nossas ruas e avenidas em verdadeiras pistas de caminhada forçada.

O triste disso é sabermos que esta caminhada, distante de ser uma atividade física voluntária (a exemplo do que acontece na luxuosa pista de caminhada do Parque Campolim), é obrigatória, ficando os estudantes na dependência dessa 'atividade física' todos os dias (e noites), muitas vezes individualmente, ficando à mercê de assaltos e outras intempéries de uma sociedade violenta.

Com a reforma do ensino elaborada pelo FMI e Banco Mundial e implementada pelos governos neo-liberais, FHC e Covas, existem hoje escolas para o Ensino Fundamental, antigo primário e ginásio (que, com pequenas exceções, ficam fechadas durante à noite) e escolas para o Ensino Médio, antigo colégio. O problema é que as escolas de Ensino Médio, além de insuficientes para aten-

der toda a demanda, resultando nas faltas de vagas e em salas de aula superlotadas, estão localizadas distantes dos estudantes, obrigando-os muitas vezes a usarem três ônibus para irem e mais três ônibus para voltarem das escolas. Acrescente-se a isso o fato de que a maioria dos estudantes está desempregada (sendo que muitos possuem os pais na mesma condição). Distante da escola e sem dinheiro para o transporte, muitos estudantes são obrigados a abandonar os estudos e, muitas vezes, acabam engrossando as fileiras dos excluídos da sociedade.

No sentido de propiciar e facilitar o acesso dos estudantes à escola e conseqüentemente à Educação, nós do "Olho Vivo" defendemos o "Passé livre já" para os estudantes. Afinal, segundo a Constituição Federal, art. 205, a Educação é dever do Estado e cabe a ele propiciar os meios para que os estudantes tenham o direito à Educação Pública, laica e de qualidade, em todos os níveis de ensino: Pré-Escola, Fundamental Médio e Superior.

"Olho Vivo", grupo de estudantes universitários e secundaristas de Sorocaba e região

Estudantes invadem a Urbes para pedir passe gratuito no transporte urbano

MAYCO GERETTI

Centenas de estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de Sorocaba invadiram na manhã de ontem a sede da Empresa de Desenvolvimento Urbano e Social de Sorocaba (Urbes), situada na avenida Barão de Tatuí, para pedirem passe livre aos estudantes que utilizam o transporte coletivo. Os manifestantes, estudantes de seis escolas estaduais que fazem parte do Movimento Olho Vivo - formado por alunos de escolas da rede pública e universidades - tomaram todos os setores da empresa e só saíram depois de mais de duas horas de invasão e de uma reunião com o presidente da Urbes, Renato Gianolla.

Com gritos e coros eles solicitaram audiência com Renato Gianolla, que recebeu uma comissão formada por representantes das escolas apenas quando o prédio foi totalmente desocupado. Gianolla e o secretário dos Transportes João Paulo Corrêa, ouviram os estudantes mas deixaram claro que o projeto do passe livre impraticável na cidade.

Os cerca de 500 estudantes chegaram ao prédio da Urbes pouco depois das 7h30 e iniciaram o protesto invadindo o local e ocupando os setores administrativos e jurídicos da empresa. Policiais militares e guardas municipais tentaram conter os manifestantes e provando um tumulto. Os PMs foram orientados a agirem sem o uso de força, já que o grupo era composto basicamente de crianças e adoles-

centes. Alunos eram das escolas estaduais Fernando Prestes, Antônio Padilha, Prof. Lauro Sanches, Humberto de Campos, Prof. Antônio Cordeiro e Senador Vergueiro.

Dominando principalmente o terceiro andar da empresa, onde fica o setor de planejamento, os manifestantes queriam ser atendidos pelo presidente da Urbes, por sua vez, disse que só receberia a comissão de alunos depois que o prédio fosse evacuado. A orientação teria sido dada por telefone pelo prefeito Renato Amary. O impasse durou até às 9h30, quando os alunos deixaram a sede pacificamente e se concentraram na rua Barão de Tatuí.

Proposta inviável

Mesmo depois que o prédio foi evacuado houve demora na formação da comissão de estudantes que entregaria a Gianolla um requerimento para a implantação do passe livre. Os representantes do Movimento Olho Vivo queriam que 11 integrantes fossem recebidos, mas depois de negociação apenas seis alunos reuniram-se com Gianolla e com o secretário dos Transportes João Paulo Corrêa.

Os estudantes alegaram que Sorocaba tem um dos menores descontos para estudantes do Brasil, 32% inferior ao passe social, enquanto que em outras cidades de grande porte o desconto é de 50%. Rodrigo Pinto Chizoline, estudante da Faculdade de Direito (Fadi) e um dos coordenadores da ação, alegou que



Os estudantes tomaram setores administrativos da Urbes na manhã de ontem



Uma comissão foi atendida pelo presidente da Urbes, Renato Gianolla

as cidades do Rio de Janeiro e Jacarei (SP), por exemplo, já adotaram o passe livre para seus estudantes, abolindo o pagamento de tarifa para aqueles que cursam regularmente a rede de ensino.

Gianolla afirmou que, em Sorocaba, cerca de 50 mil estudantes utilizam o transporte coletivo e a implantação do passe livre geraria uma queda acentuada na arrecadação da empresa, que não teria como manter a mesma quantidade de veículos e linhas em operação. Disse ainda que o aumento do desconto para estudantes de 32% para 50% também se refletiria na redução dos serviços prestados pela empresa.

O presidente da Urbes orientou os estudantes a formularem um projeto trazendo o modelo adotado por cidades que utilizam o passe livre para estudantes, mostrando como esses municípios conseguiram equilibrar as finanças e manter o projeto sem a queda na qualidade do transporte.

Os estudantes pretendem se reunir com o presidente da Urbes novamente até o final de abril.

Desvantagem na Câmara

Os estudantes lembraram que um projeto propondo o passe livre, de autoria do vereador Raul Marcelo (PT), está na Câmara Municipal aguardando pareceres, mas segundo os próprios estudantes, o projeto do vereador é considerado inconstitucional pela maioria dos vereadores. Deles, pelo menos dez já teriam afirmado serem contra o projeto. Apenas cinco vereadores - Raul Marcelo (PT), Antônio Arnó Pereira (PT), Cíntia de Almeida (PMDB), Gabriel Bitencourt (PT) e Tânia Baccelli (PT) - assinaram o manifesto dos estudantes. Todos alegaram que votariam a favor do projeto, com exceção da vereadora Cíntia de Almeida, que segundo os estudantes ainda estaria indecisa sobre a constitucionalidade do projeto.

Estudantes fazem protesto para conseguir passe livre nos ônibus

● O Movimento Olho Vivo foi atendido pelo presidente da Urbes, mas os alunos não conseguiram nenhum tipo de apoio por parte da empresa pública

Um grupo de aproximadamente 200 alunos do Ensino Médio e Universitário de Sorocaba se dirigiu até a sede da Urbes (Empresa de Desenvolvimento Urbano e Social), responsável pelo gerenciamento do serviço de transporte coletivo urbano na cidade e localizada na avenida Barão de Tatuí, na manhã de ontem, para solicitar o apoio do seu presidente, o engenheiro Renato Gianola, para a Campanha em favor do Passe Livre.

A idéia do Movimento Olho Vivo, que liderou o protesto, era fazer com que Gianola assinasse um manifesto em favor do passe livre para os estudantes nos ônibus da cidade e ainda se comprometesse a atender de imediato as reivindicações dos alunos. O objetivo do grupo acabou não sendo alcançado, pois mesmo tendo sido recebido pelo secretário municipal de Transportes e Defesa Social, coronel João Paulo Corrêa, e pelo presidente da Urbes, o Movimento não conseguiu obter a valiosa assinatura, nem chegar a nenhum acordo.

Os estudantes chega-

ram na sede da Urbes por volta das 8 horas. Eles entraram na recepção da empresa pública e montaram uma espécie de vigília até serem atendidos pelo presidente Renato Gianola. Os alunos acreditavam que, assim como os vereadores do PT (Partido dos Trabalhadores) Raul Marcelo, Antônio Arnaud Pereira, Gabriel Bitencourt e Tânia Baccelli, o engenheiro Gianola também estaria disposto a assinar o manifesto. "Nosso Movimento poderia ganhar ainda mais força, caso o presidente da Urbes assinasse o documento... mas ele se negou", desabafou o estudante Rodrigo Pinto Chizoline, representante do Movimento Olho Vivo.

Por volta das 10 horas, a comissão formada por membros do Movimento Olho Vivo foi atendida pelo presidente da Urbes, que além de não assinar o manifesto ainda alegou impossibilidade do Poder Público Municipal vir a atender a reivindicação, em virtude dos prejuízos que o procedimento poderia gerar aos cofres do sistema de 'caixa único' do



Alunos fizeram vigília em frente à Urbes até serem atendidos

transporte coletivo local. E nem mesmo os argumentos utilizados pelos estudantes conseguiram convencer Gianola do contrário. Os alunos entendem que o Passe Livre não estará gerando prejuízos, já que as empresas concessionárias (TCS e FTU) recebem por quilômetro rodado e não pela demanda. "Se a idéia fosse aprovada, seriam gerados novos empregos, pois haveria a necessidade de se contratar mais motoristas e ampliar ainda mais a frota de ônibus", destacou. "Chegamos a apresentar a proposta de se utilizar a verba proveniente de

multas de trânsito para sanar eventuais prejuízos, mas ela foi rejeitada pelas autoridades... Somente neste ano já foram recolhidos mais de R\$ 6 milhões só em multas de trânsito", acrescentou Rodrigo Chizoline.

Agora, o Movimento estará realizando assembleias nas escolas e faculdades de Sorocaba para decidir os rumos da campanha em prol do Passe Livre. "Estaremos convocando novos protestos. A próxima manifestação deverá ser realizada nas dependências da Prefeitura, mas a data ainda deve ser discutida pelo Movimento", adiantou.

ANEXO 12

FOTOS



Camiseta do Olho Vivo - fotografada em 09/04/06



Passeata do Olho Vivo – Campanha do passe livre



Passeatas do Olho Vivo – Campanha do passe livre



Passeata do Olho Vivo – Campanha do passe livre



Passeata do Olho Vivo – Campanha do passe livre



Reunião com o MST (1º da direita é o militante do Olho Vivo Rodrigo P. Chizolini)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)